



MINISTÉRIO DE ENSINO
Servo e Filho



2010

**COMO MOTIVAR A IGREJA PARA MUDAR SUA VISÃO SOBRE O
CAMPO MISSIONÁRIO?**

A igreja tem falado em missões, mas tem se afastado da prática missionária.

A Capelania em perspectiva.

Pr. Eduardo Ferreira de Souza

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
PARTE I	8
VISÃO GERAL	8
Capítulo I	9
QUAL A MISSÃO DE DEUS E DA IGREJA?	9
Capítulo II	23
COMO MOTIVAR A IGREJA PARA MUDAR SUA VISÃO SOBRE O	23
CAMPO MISSIONÁRIO?	23
A RESTAURAÇÃO DO CHAMADO	26
Capítulo III	31
QUAIS OS PRINCIPAIS ENTRAVES E RESISTÊNCIAS SOBRE O CAMPO	
MISSIONÁRIO?	31
PARTE II	42
MISSÕES	42
Capítulo IV	43
MISSÕES	43
Missões locais: Treinamento para campos maiores	46
CAPELANIA	49
CARACTERÍSTICAS PECULIARES DE UM CAPELÃO	54
QUALIDADES DESEJADAS A QUEM DESEJA ADMOESTAR	54
1. CAPELANIA HOSPITALAR	55
ACESSO AO HOSPITAL	58
COMPORTAMENTO NO HOSPITAL	58
QUAL O PROPÓSITO DO MAL NA VIDA DE UMA PESSOA?	59
O MAL NA VISÃO JUDAICO-CRISTÃO	64
O EFEITO PRÁTICO DO SOFRIMENTO NA HUMANIDADE	65
OS EFEITOS DO SECULARISMO	67
RESPOSTAS AO NOSSO CORAÇÃO	70
DETECTANDO AS CAUSAS DO SOFRIMENTO	74
COMO NOSSO TEMPERAMENTO PODE CONTRIBUIR PARA NOSSAS	
ESCOLHAS	77
2. CAPELANIA ESCOLAR	81

OUTROS TIPOS DE CAPELANIA.....	84
MINISTÉRIO DE MISERICÓRDIA	85
INSENSÍVEIS AO ESPÍRITO SANTO DE DEUS	88
PARTE III.....	91
MISSÕES TRANSCULTURAIS.....	91
Capítulo V	92
CRENÇAS AMPLAMENTE DIFUNDIDAS ENTRE OS POVOS	92
PARTE IV	103
FALTA DE VISÃO MISSIONÁRIA.....	103
Capítulo VI.....	104
O QUE LEVA UMA IGREJA A PERDER O FOCO NA MISSÃO?	104
IGREJA CENTRADA NO HOMEM.....	109
Capítulo VII.....	112
UMA IGREJA PODE MORRER?	112
Capítulo VIII.....	116
BRASIL, UM PAÍS BASTARDO	116
EPÍLOGO.....	120
CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125

INTRODUÇÃO

Como uma igreja pode morrer?

Estudos teológicos têm falado a respeito da Missão de Deus e, principalmente da Missão da Sua igreja, indo além do enunciado na conhecida passagem do Evangelho de Mateus 28:18-20. Atualmente, a visão que se tem sobre este assunto é que o Plano Salvífico constante na proposta do Reino de Deus vai muito além da redenção humana, mas contempla toda a criação.

Ao se referir ao Campo Missionário, não se pretende focar apenas numa área geográfica, como o Sertão ou território internacional; ao contrário, entende-se como todo e qualquer lugar que a igreja pode atuar e não atua, ou a faz de forma incompleta. Mudar a visão vai muito além de se esperar que um missionário abra uma igreja populosa em pouco espaço de tempo.

O chamado para Missões não começou com a Grande Comissão, mas em Gênesis quando Deus fez a promessa a Abraão. Nos seus discursos, Jesus dizia: _Está escrito! Ou seja, a base de toda sua autoridade está na Bíblia antes mesmo dele vir encarnado.

Faz-se necessário o correto entendimento sobre alguns termos quando tratarmos deste assunto. As definições são as seguintes:

Missionário: Pessoa envolvida na atividade missionária. As agências missionárias preferem chama-lo de “parceiro da missão”.

Missional: Algo ligado à Missão sem, necessariamente, ser enviado a fazê-la. Israel era uma nação Missional mesmo sem sair para fazer Missão.

Missiologia: É o estudo da Missão. Logo, Missiológico é algo que inclui reflexão e pesquisa bíblica, teológica, histórica, contemporânea e prática.

Tentando definir o que é Missão, Wright (2014: p. 21) diz que é “um propósito ou alvo de longo prazo que deve ser alcançado por meio de objetivos próximos e ações planejadas”.

Ao tratarmos sobre Missão de Deus, podemos dividir a História em dois momentos:

- História que conduz para Cristo – Leitura messiânica;
- História que prossegue a partir de Cristo – Leitura Missional.

A Missão de Deus tem prioridade teológica. É maior do que apenas enviar. É o tema fundamental na Bíblia. A missão de Israel era ser “luz” para as nações vizinhas. Apesar de não haver necessidade de buscar sentido evangelístico em cada versículo, encontramos a pessoa e a obra de Jesus como chave hermenêutica entre ambos os testamentos.

Por isso, a visão do escrito em Mateus 28:19 deve ser entendido o verbo “ide” no gerúndio, o que fará mais sentido, uma vez que põe constantemente em prática o anúncio do Evangelho. O texto ficaria assim então:

¹⁹ Portanto, “*indo*” a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores, batizando esses seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (NTLH, grifo do autor).

O papel da Igreja é multinacional, com uma missão multidirecional numa visão hermenêutica multicultural. Se colocarmos toda a nossa compreensão missionária numa única linha de interpretação corremos o risco de termos as nossas convicções destruídas por novas descobertas. A cultura ocidental menospreza as visões diferentes da sua em relação à Escritura Sagrada.

A Bíblia é nossa autoridade. Ela relata a Missão de Deus e, por consequência, a da Igreja. Jesus usou esta fonte de autoridade para nos dar uma ordem e devemos obedecê-la. A Bíblia capacita-nos e autoriza-nos a ir onde for necessário e fazer o que for preciso para cumprir o chamado sem, contudo, deixar de ser sujeito a ela.

Magoando o ego dos ocidentais, a visão que se têm no Oriente é que nós somos opressores, replicadores do Colonialismo e impositores de cultura em detrimento à cultura do povo a ser evangelizado. Contrariando os paradigmas, Deus continua não fazendo acepção de pessoas e hoje



São as igrejas não ocidentais que estão enviando a maioria das pessoas envolvidas em todo tipo de atividade missionária transcultural. [...] é possível que o número de missionários protestantes transculturais dentro da Índia já tenha superado o número total de missionários enviados pelos EUA ao redor do mundo (Wright: 2014, p. 42).

Atribui-se esta resistência aos Ocidentais devido à nossa Teologia ser enraizada em princípios Iluministas que preza pela objetividade, e fazer Missões não se resume a simplesmente a mudar algo ou alguém de um lugar para outro. A Missão a nós destinada está escrita em toda a Bíblia, e não apenas no Novo Testamento. Quando se fala nela sobre o amor não é uma visão piegas ou romântica, mas um princípio obrigatório para a atividade missionária, pois sem ele não é possível fazer discípulos em qualquer lugar do mundo. É muito maior do que somente atender ao chamado da Grande Comissão como se fosse uma simples obediência à uma ordem dada.

Ao se falar de Missão devemos entender a sua amplitude. Não é somente evangelizar, haja vista que Evangelismo é um dos itens dessa Missão. A história da Bíblia perpassa pela Criação, Queda, Redenção e Esperança Futura. A mensagem tem que estar embasada nessas verdades. Nossa missão é com toda a criação, e não somente com a humanidade.

O Ser Humano ao chegar à Terra encontrou um planeta pronto para recebe-lo. A ele foi dado o privilégio de regê-la, de cultivá-la e guardá-la. A responsabilidade ambiental está longe de ser um modismo dos últimos séculos. Ao contrário, é antes um princípio bíblico desde a fundação do mundo. Toda a Terra é do Senhor, e somos, todos nós, seus mordomos.

Para cumprirmos a Missão dada por Deus a nós é preciso que saiamos do lugar, do comodismo. Não necessariamente para nações longínquas, pode ser ao outro lado da rua, mas é necessário sair do lugar. Conforme o ensino do apóstolo Paulo de que o Evangelho começa com Abraão, podemos afirmar que se ele não saísse da sua nação em direção ao chamado que recebeu a mensagem divina não seria anunciada. Foi necessário que ele renunciasse a

todas as coisas que o prendia para que a bênção prometida por Deus chegasse à todas as nações.

A bênção é condicional à obediência. Somente obedecendo é que seremos aptos a sermos canais dela. Em nenhum momento estamos dizendo que esse relacionamento é fácil, mas com certeza, é possível. Fazer Missão inclui movimento, e a primeira atividade ocorre na nossa geografia e dentro dos nossos limites. A partir daí, o seu alcance passa a ser temporal e ilimitado. A promessa a Abraão foi universal.

¹ Certo dia o SENHOR Deus disse a Abrão: — Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa do seu pai e vá para uma terra que eu lhe mostrarei. ² Os seus descendentes vão formar uma grande nação. Eu o abençoarei, o seu nome será famoso, e você será uma bênção para os outros. ³ Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem. E por meio de você eu abençoarei todos os povos do mundo. (Gênesis 12. NTLH)

Quando uma igreja perde a visão da sua Missão, e o seu foco deixa de ser a mensagem do Reino para ser uma expressão da sua vontade, conforme sua necessidade, isso faz com que ela se torne raquítica na fé tornando-se morta? Existe uma linha tênue entre uma igreja “morta” e uma igreja que se tornou um clube social com reuniões semanais?

Propomos que a igreja do Senhor não seja vomitada conforme o relato de Apocalipse 3:16, e que sua visão missionária seja renovada conforme a vontade divina.



MINISTÉRIO DE ENSINO
Servo e Filho
2010



<http://www.servoefilho.com.br>

servoefilho@uol.com.br

(11) 99152-9914

PARTE I

VISÃO GERAL

Capítulo I

QUAL A MISSÃO DE DEUS E DA IGREJA?

Qual é a Missão do Reino de Deus aqui na Terra? Se formos fazer uma pesquisa a respeito deste assunto encontraremos definições das mais variadas e talvez conflitante.

Para começarmos, entendamos porque é tão difícil para um Ocidental Sul-Americano conceber a ideia de Reino. Conforme Munroe (2010), os habitantes de países que ainda possuem a Monarquia como sistema de Governo terão uma compreensão melhor do que significa isso. Nos locais regidos por reis, todas as coisas pertencem à família real, mesmo tendo sido comprado pelo cidadão. Casas, carros, ou quaisquer outras coisas estão sob a gestão do indivíduo, mas pertencem ao Rei. Até para caçar é necessária uma ordem real, haja vista que até os animais tem uma propriedade definida. Seguindo nessa linha de raciocínio, Munroe (2010:66) destaca os componentes indispensáveis a um Reino, facilitando assim nossa compreensão da mensagem bíblica:

- Um Rei e Senhor – Um Soberano;
- Um Território – Um domínio;
- Uma Constituição – Um contrato real;
- Cidadãos – A comunidade de súditos;
- Lei – Princípios aceitáveis;
- Privilégios – Direitos e Benefícios;
- Um Código de Ética – Estilo de vida e conduta aceitáveis;
- Um exército – Segurança;
- Uma Comunidade – Segurança econômica;
- Uma cultura Social – Protocolo e Comportamento.

Jesus Cristo nunca teve o interesse em estabelecer uma religião, lembrando que este termo vem do latim *Religare* que significa “ligar o homem a um ser espiritualmente superior”, que para os Cristãos é Deus, mas cada religião definirá seu Superior Espiritual. O interesse divino sempre foi restaurar a



comunhão perdida pelo homem no Éden consigo. A essência da ideia de Reino perpassa por isso. “Quando Adão e Eva desobedeceram a Deus, eles não perderam o céu, mas abriram mão do seu reino aqui na Terra” (Munroe, 2010:58).

Quando lemos Salmo 115:16, vemos:

Os céus pertencem somente ao SENHOR, mas a Terra Ele deu aos seres humanos. (NTLH)

Mas não podemos esquecer de ler Salmo 24:1

Ao SENHOR Deus pertencem o mundo e tudo o que nele existe; a terra e todos os seres vivos que nela vivem são dele. (NTLH)

Desta forma, compreendemos que, conforme Munroe (2010:50), “Deus nos deu o Governo da Terra, não a propriedade”.

Estava nos planos divino criar um Reino de filhos e não de súditos. Este povo seria formado por cidadãos, e não de membros religiosos. A finalidade para a criação do Homem era que ele governasse e liderasse a Terra.

Para se entender também o conceito de Reino, é necessário conhecer a ideia de Colonização. Para Munroe (2010: 28),

Colonização é um processo por meio do qual um governante ou um rei determina estender seu reino, governo ou influência a um território adicional com o propósito de impactar esse território com sua vontade e desejos.

Desta forma, ao criar todas as coisas, Deus estendeu seu Reino à Terra e deu uma procuração espiritual à humanidade para representa-lo aqui. Por isso, quando oramos ou agimos em Nome de Jesus estamos fazendo muito mais do que algo nominal, mas o estamos representando tal qual um advogado faz com seu cliente. Estamos atuando em nome d’Ele. “Todos os humanos foram criados governantes e reis; a humanidade é um reino de reis” (Munroe, 2010:33).

Para Wright (2012:63), “[...] o Reino de Deus na criação é caracterizado pela Sabedoria, bondade, Graça, compaixão, fidelidade, generosidade, provisão, proteção, justiça e amor”.

Ainda baseado em Munroe, convém esclarecer que:

- Deus deu domínio ao Homem sobre a Terra;
- Deus deu o domínio ao Homem sobre a criação e a Terra, não sobre outros homens;
- Deus nunca deu ao Homem o domínio sobre o Céu;
- Deus nunca deu ao Homem uma religião, mas um relacionamento;
- Deus nunca prometeu o Céu ao Homem, mas a Terra. [...] não se pode perder o que você nunca teve.

O tipo de governo que os judeus aguardavam ser implantado pelo Messias era no modelo Davídico. O desejo de retornarem à glória de outrora motivava a esperança hebreia. Conforme Bosch (2002:52), “[...] o reinado de Deus é o ponto de partida e contexto para a Missão”. Uns entendiam que esse reinado era algo escatológico; para outros, é o cumprimento da vontade de Deus ainda no presente. De qualquer forma, imbuídos no desejo de pregar essas boas novas os missionários da época foram enviados a pregar.

Não obstante ao tempo deste reinado, o que se pode afirmar é que esta ideia teve fatalmente implicações políticas. Os que se achavam intocáveis foram tidos como incoerentes; aos que eram discriminados, foi dada a oportunidade de acesso ao Reino. Para os legalistas, perceber que Jesus colocara a Torá em segundo plano quando comparada à necessidade da implantação da vontade divina, através do Seu reino, causou escândalo. Essa não aceitação judaica abriu as portas para os gentios, sendo declarado pelo evangelista João em 1: 11-12. Conforme NTLH:

¹¹ Aquele que é a Palavra veio para o seu próprio país, mas o seu povo não o recebeu.

¹² Porém alguns creram nele e o receberam, e a estes ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus.

Agora que temos uma breve visão sobre o que é Reino, vejamos um pouco sobre a Missão.

Na antítese da dificuldade de nós Latinos entendermos o conceito de Reino está a compreensão do que é Missão. Toda a América um dia foi

escravizada, e muitos países, a exemplo do Brasil, passaram por períodos ditatoriais. A imagem da imposição, ou a mensagem da necessidade de haver Ordem para que haja Progresso está em nossas mentes.

Missão é uma Ordem dada por alguém de maior autoridade sobre outro comandado. Um pacto para que se realize não necessita que ambas as partes tenham o mesmo nível de poder. Normalmente, ao se fazer uma aliança esta se dá entre alguém mais forte em detrimento de alguém mais fraco.

Como já foi exposto, o ser humano foi criado para um propósito definido: dominar e governar a Terra. Mas para que isso ocorra, existem os parâmetros necessários, e isso vem da Missão que Deus determinou.

A visão atual de Missão da Igreja é ampliada além da salvação da alma. A compreensão atual é de que a Redenção Divina abrange toda a criação, e não somente a humanidade. Acredita-se que a Terra não será destruída, mas restaurada para a morada dos salvos, e seus expoentes expõem variedades de textos corroborando o assunto.

Carriker (2014, p. 12-20) elenca alguns princípios básicos que norteiam a criação divina. São eles:

- Toda a criação pertence a Deus e na sua essência possui um valor ético/estético: bom, muito bom.
- Deus criou a humanidade como espelho seu. A humanidade do ser humano está nesse reflexo criador, ordenador e zelador de Deus. Ele crê que junto com a criação nasceu o senso de Responsabilidade e Zelo na humanidade. Segundo ele, “[...] todos os homens têm o direito e a responsabilidade de participar em toda a administração deste mundo”. Não concebe a ideia de que este planeta será destruído como consequência da Ira Divina.
- Jesus cumpriu o papel da humanidade e mostrou aos seus seguidores como podemos realizar a nossa nova humanidade. Considera que o papel a nós designado é tangível e possível de glorificar ao Senhor.



- Seguidores de Cristo são vivificados nova e continuamente para a sua missão por meio do Espírito Santo, que é a primeira porção já presente da promessa de restauração da criação. O ser humano é um zelador e participante do ato de libertação de toda a criação.
- Deus estabelecerá um novo céu e uma nova Terra, exemplificados pela justiça, paz e compaixão por meio do Redentor Jesus. Novo Céu e nova Terra pressupõem renovação ao invés de aniquilação; a nossa esperança é também “mundana” e “terrestre”; não fomos criados para fugir deste mundo e do nosso tempo, e sim, redimi-los; da mesma forma que Deus nos chama para evangelizar e é Ele quem salva, nos chama para renovar a criação, mas que o autor de novo Céu e nova Terra seja Ele.

O termo Missão significa “ser enviado”. Então, a indagação ainda continua: Enviado para quê? Numa Missão temos várias Missões a cumprir.

Conforme Wright (2012:30):

Não é tanto a questão de Deus ter uma Missão para Sua igreja, mas sim o de ter uma Igreja para a Sua Missão no mundo. A Missão não foi feita para a Igreja, mas a Igreja foi feita para a Missão – a Missão de Deus.

A missão da Igreja advém da Missão de Deus, que abrange toda a criação. Não é possível entender que o modelo está somente escrito no Novo Testamento, haja vista que quando os Apóstolos e Discípulos de Cristo começaram sua jornada ele ainda não houvera sido escrito. Logo, o texto de Mateus 28: 18-20 é bem mais extensivo.

Concordando com a visão de Munroe, Wright (2012:39) afirma que “[...] missão é uma questão de lealdade. O embaixador deve ter completa lealdade ao governo que ele representa”.

Os propósitos divinos começaram com a eleição do povo de Israel para levar a Sua mensagem às nações. O papel desempenhado era de uma força centrípeta, onde atraía as nações para si e aí ensinava o princípio da Palavra.



Mas além do povo ter falhado e se desviado do propósito, a aliança estabelecida por Deus para aquele momento da História era transitória. A partir de Jesus, o sacrifício temporário tornou-se eterno, e o povo que o aceitou formou um grupo que passaria a pregar a Sua palavra de uma forma centrífuga, indo ao encontro do indivíduo onde quer que ele se encontrasse.

Apesar de ao Homem ter sido dado o poder de dominar a Terra, ele continua sendo servo da criação. Suas atitudes afetaram o estado do planeta, e ele será cobrado por isso.

¹ O SENHOR Deus tem uma acusação a fazer contra o povo que vive neste país. Escutem, israelitas, o que Deus está dizendo:

— Não há sinceridade, não há bondade, e ninguém neste país quer saber de Deus.

² Juram falso, mentem, matam, roubam e cometem adultério. Os crimes e os assassinatos aumentam.

³ Por isso, a terra ficará seca, e tudo o que vive nela morrerá. Morrerão os animais, as aves e até os peixes. (Oséias 4. NTLH).

O cuidado com o próximo não deve se afastar da nossa visão.

⁸ Fale a favor daqueles que não podem se defender. Proteja os direitos de todos os desamparados.

⁹ Fale por eles e seja um juiz justo. Proteja os direitos dos pobres e dos necessitados. (Provérbios 31. NTLH).

O chamado missional, como já foi dito, não começou em Mateus 28: 18-20, mas é um propósito eterno e original. Para alguns teólogos, encontramos referências disso nos primeiros capítulos de Gênesis pré-abraâmico, mas tomemos como referência o capítulo 12: 1-3 desse livro. Através da promessa de Deus com Abraão, todas as nações da Terra seriam abençoadas com aquele pacto. Conforme Wright (2012:86), “Uma nação é escolhida, mas todas as nações devem ser as beneficiárias dessa escolha”.

Na concepção do Apóstolo Paulo, o Evangelho começa no livro de Gênesis e não em Mateus. Conforme Gálatas 3,

⁸ Antes que isso acontecesse, as Escrituras viram que Deus ia aceitar os não judeus por meio da fé. Por isso, antes de chegar o tempo, elas anunciaram a

boa notícia a Abraão, dizendo: “Por meio de você, Deus abençoará todos os povos.” (NTLH)

Ao contrário dos que muitos podem imaginar, o fato de Deus ter escolhido a Israel não significa que Ele esqueceu dos demais povos. Veremos um pouco mais sobre isso no capítulo VI. Wright (2012:87) lembra que:

A eleição de um não é a rejeição do restante dos outros, mas, afinal, é feita para o benefício deles. [...] as pessoas de qualquer nação que creem em Jesus como Messias e Salvador estão incluídas na semente de Abraão e são herdeiras da promessa feita a Abraão.

As nações da Terra virão, todas elas, adorar ao Senhor como único e verdadeiro Deus.

⁸ Não há nenhum deus como tu, Senhor; não há nenhum que possa fazer o que tu fazes. ⁹ Todos os povos que criaste virão e se curvarão diante de ti. Eles louvarão a tua grandeza. (Salmo 86, NTLH)

Toda Missão começa com um IDE. Para os propósitos de Deus começarem a funcionar, foi necessário que Abraão saísse da sua terra e fosse para onde o Senhor mandasse. Todo ato missionário subentende um recomeço radical na vida do missionário. Apesar do papel de Israel a princípio ser centrípeta, o seu começo foi indo em busca de formar um povo.

Conforme Wright (2014:209):

Somente a saída de Abraão libera a bênção das nações. [...] Abraão precisa renunciar a todos os seus laços com a terra da Babilônia antes de poder ser o meio pelo qual a bênção virá a toda a Terra.

Apesar de Israel ser um povo escolhido eles estavam sob a mesma regra dos demais povos. As vitórias dos Israelitas eram juízo de Deus sobre as nações



iníguas e o povo judeu agia como agente da justiça divina com as nações cananeias. Era a Graça perdoadora do Senhor que mantinha Israel existindo.

O sentimento de exclusividade trouxe ao coração dos hebreus tamanha soberba que imaginaram que nenhum mal poderia vir sobre eles. Deus também utiliza nações pagãs para trazer juízo a Israel.

Deus pode se valer de qualquer nação para punir qualquer outra nação. [...] Todas as nações estão nas mãos de *YHWH*, o Deus vivo. As vitórias de cada uma não devem ser atribuídas aos respectivos deuses, mas à soberania de *YHWH*. (Wright: 2014,481)

O objetivo da existência de Israel era que eles fossem abençoadores às demais nações através da promessa feita por Deus a Abraão. Com exceção do profeta Jonas, não há relato bíblico sobre nenhum mandato para que os israelitas saíssem a pregar às nações a mensagem divina. A missão do povo Hebreu era se comportar como o povo santo de Deus na Terra, sendo luz e testemunho aos demais povos. Era uma missão local, centrípeta, onde as pessoas teriam que ir até eles para conhecerem ao Senhor Jeová.

No próximo capítulo veremos a necessidade de uma Cosmovisão para o anúncio efetivo do Evangelho. No entanto, nem todo IDE significa sair fisicamente de um local. A primeira saída que devemos fazer é dos nossos hábitos seculares que nos afastam de Deus. Ainda que moremos em Sodoma ou Gomorra, o nosso coração não pode estar alicerçado nas coisas deste mundo, mas na Palavra e promessa do Senhor. Conforme Romanos 12:1 é necessário antes de tudo que exista em nós uma *metanoia*, uma mudança de mente para começarmos a missão por Ele a nós designada. Conforme João 17:15, não foi plano de Jesus nos tirar deste mundo, pois a nossa missão é aqui.

Deus, ao libertar Israel do Egito, preocupou-se muito além do que com a alma dos israelitas. A libertação que o povo precisava eram nas áreas políticas, econômica, social e espiritual. Para Wright (2012:120):

“[...] o nosso compromisso com a Missão deve demonstrar a mesma ampla e total preocupação

para com a necessidade humana que Deus demonstrou naquilo que Ele fez por Israel”.

Todos nós, independente de credo, cor ou religião, somos capazes de ouvir a voz de Deus. Somos criados com a consciência de Deus mesmo que não o conheçamos ou tenhamos ouvir falar d’Ele. Temos a capacidade de entender quando o Senhor criador fala. Foi assim com Abraão, Moisés e Daniel, como também o foi com Nabucodonosor, Balaão e Abimeleque. O espírito humano comunica-se com o criador.

¹¹ Tudo que Deus fez é apropriado a seu tempo; também pôs no coração deles a ideia da eternidade; contudo, de maneira que o homem não possa descobrir do princípio ao fim a obra que Deus fez. (Eclesiastes 3, TB)

O ser humano é indesculpável perante o Senhor. Todos devemos prestar contas a Ele, pois fomos feitos iguais. Deus não faz acepção de pessoas.

⁴⁶ Quem de vocês me convence de pecado? Se digo a verdade, por que não creem em mim? (João 8, NAA).

Da mesma forma, fomos feitos igualmente com o mesmo princípio de dignidade, igualdade e respeito. Não fomos feitos com rótulos que nos separam. O Evangelho de Jesus aplica-se a todos. A missão de Deus convida as pessoas a se tornar realmente humana, em toda a sua essência. Não é necessário seguir um estereótipo para alguém ser cristão. Se fomos feitos à imagem desse Pai criador, devemos refletir sua personalidade em nós, exercendo o domínio que Ele nos delegou. Fomos feitos para sermos reis aqui na Terra, e não tiranos. A imagem de Deus em nós nos constrange para sabermos que não somos nada sem Ele. E se o Senhor é amor, devemos amar e agir como Ele.

⁶ Quem diz que vive unido com Deus deve viver como Jesus Cristo viveu. (I João 2, NTLH)

A mensagem do Evangelho deve buscar transformar o ser humano nas esferas Espiritual, Mental, Física e Social. Com o pecado, nossa esfera **Espiritual** ficou alienada em relação a Deus, suspeitando de todas as coisas



que Ele ensina. Nosso **Intelecto** foi afetado ao ponto de racionalizarmos o pecado, tornando-o socialmente aceito. Sobre este ponto, Jesus falou com muita convicção: “Quem dentre vós me convence de pecado?” (João 8:46). **Fisicamente**, fomos sentenciados à morte; e **Socialmente**, fomos contaminados com os sentimentos carnis que faz segregação entre os povos, como a raiva, o ciúme, a inveja, a violência, o assassinato, dentre outros. Somente através da cruz de Cristo alcançamos a redenção.

Para que Deus nos chamou e por que estamos aqui? Para sermos Reino e Sacerdotes, conforme Êxodo 19:6 e Apocalipse 1:6. Conforme Wright (2012:145), “nossa tarefa é representar o Deus vivo diante do mundo, e levar o mundo a reconhecer o Deus vivo”. Fomos chamados para sermos santos (Levítico 20:7). “Não há missão bíblica sem santidade bíblica” (Wright:2012,151). “O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e desfrutar d’Ele para sempre. [...] A criação existe para a honra e a glória do seu Deus criador, e para o deleite mútuo entre a criação” (Wright: 2014, 421).

A preocupação ao se fazer Missões é sobre quem devemos ser, em detrimento do que devemos dizer. De autor incerto, a frase “viva o Evangelho, e se preciso, use as palavras” tornou-se um referencial daquilo que a Bíblia ensina em Tiago 1:22. O nosso exemplo deve falar mais do que as palavras. Falaremos disso no próximo capítulo. À medida que somos santos e vivemos o Evangelho, como consequência do nosso IDE atrairemos pessoas a nós por elas verem Cristo em nossas vidas. O povo de Deus foi e será “[...] um livro aberto para o mundo” (Wright:2012,156).

Aquele se se dispõe a fazer Missões deve despertar a curiosidade dos demais sobre o Deus que adora e aquilo que Ele tem feito em sua vida. A admiração não deve ser ao homem, mas ao Deus que executou a transformação naquele que antes estava perdido num lamaçal de pecado (I Pedro 2:9). “Conhecer a Deus e, para nós, conhecer o Senhor Jesus Cristo, torna profunda a realidade missional que experimentamos” (Wright:2012,182).

Devemos levar a Palavra a um mundo onde constantemente as mensagens que escutam são de catástrofes, decepções e outras notícias deprimentes. A mensagem do Evangelho inicia-se em Gênesis e vai até



Apocalipse. Somente reconhecendo a Jesus como seu Senhor e Salvador é que a humanidade poderá ser salva, e o mundo restaurado. Mas, “[...] a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo” (Romanos 10:17, NTLH).

“A Missão do povo de Deus é a nossa participação na Missão de Deus [...] Ele continua apaixonadamente interessado e envolvido nele” (Wright:2012, 289-90).

“[...] para todos os cristãos, o comportamento ecologicamente responsável é correto e bom, tido como parte do discipulado cristão do Senhor na Terra [...] isso é parte da nossa Missão.” (Wright:2012,321)

Ao se referir à Missão de Deus, Wright (2014:219) diz que é “restaurar aquilo que a humanidade parece obstinadamente querer arruinar, e salvar a própria humanidade das consequências de sua insensatez e perversidade”.

Quando lemos Mateus 6:26-29 costumamos atribuir o texto à falta de necessidade de nos preocuparmos com as coisas corriqueiras deste mundo, e isso não está errado. No entanto, gostaria de abordar outra vertente presente neste texto: o cuidado de Deus com toda a criação. Se ser discípulo de Cristo subentende ser igual a Ele, não deveríamos ter o mesmo cuidado com toda a natureza como o Senhor tem? Faz parte da nossa Missão cuidar de tudo o que foi criado por Deus.

Para Wright (2012:272):

[...] a visão final de toda a Bíblia não é a do nosso escape do mundo para algum paraíso etéreo, mas sim a de Deus descendo para viver conosco mais uma vez, numa criação purificada e restaurada, na qual todo o produto da civilização humana será trazido à cidade de Deus.

Para Goheen & Bartholomew (2016:83), “embora o pecado seja primordialmente uma ofensa contra Deus, também é uma ofensa contra a criação, contra a vida humana, o *Shalom*, a saúde, a prosperidade, a completude e o desenvolvimento humano”.



Conforme Wright (2014:433), a Missão de Deus não se restringe à salvação da humanidade, mas também redimir toda a criação. Para isso, Ele irá “estabelecer uma nova criação, transformando e renovando a criação presente de forma análoga à ressurreição do Seu Filho”. Da mesma forma que o pecado entrou no mundo através da ação humana, o Senhor usará este mesmo personagem para restaurar aquilo que o Homem insiste em arruinar, ou seja, a Natureza.

Apesar do ser humano imaginar que ele é dono de tudo, a Terra é de Deus e não nossa. Conforme o livro de Jó 41,

¹¹ Quem primeiro me deu, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu. (ARC)

Foi Deus, e não o Homem quem disse que a Criação era boa (Gênesis 1:31). Qualquer ação humana contra qualquer coisa criada por Deus oprime, insulta e estraga o reflexo do Senhor. “A maneira como tratamos a Terra reflete a nossa atitude para com o seu criador” (Wright: 2014, 414).

³¹ Quem persegue os pobres insulta a Deus, que os fez, mas quem é bom para eles honra a Deus. (Provérbios 14, NTLH)

²⁰ Desde que Deus criou o mundo, as suas qualidades invisíveis, isto é, o seu poder eterno e a sua natureza divina, têm sido vistas claramente. Os seres humanos podem ver tudo isso nas coisas que Deus tem feito e, portanto, eles não têm desculpa nenhuma. (Romanos 1, NTLH)

Toda a criação tem valor inestimável para Deus. Ao lermos o Salmo 104, podemos nos perguntar: Qual desses tem maior valor entre os seres criados? Ao analisarmos o texto de Gênesis 1:26 veremos que o ser humano foi a única criatura feita à imagem e semelhança de Deus. Podemos inferir que nós somos



os principais. No entanto, como a Bíblia se completa, temos algo mais profundo a analisar.

²⁶ Mas entre vocês não será assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vocês, que se coloque a serviço dos outros; ²⁷ e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que seja servo de vocês;²⁸ tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

Nosso papel enquanto mordomos da Terra vai além de a utilizar para o nosso sustento, mas também de dar-lhe condição de adorar a Deus. Quando destruimos a criação divina, impedimos que ela glorifique ao Senhor assim como nós. Deve existir uma relação mútua entre todos os seres criados. A humanidade deve governar e servir todo o restante da criação.

Os cristãos atuais estão com um pensamento mais consciente quanto à preservação da natureza, mas muitos de nós não correlacionamos essa atitude como foco da Missão de Deus. A natureza não é divina como a crença pagã prega, mas ela é sagrada por refletir o amor de Deus e seu zelo. Por isso, deve ser cuidada.

A igreja, em sua missão, deve dar testemunho da grande afirmação bíblica de que a Terra pertence ao Senhor. [...] A nossa missão ambiental, portanto, nunca é uma missão romântica ou mística. Não somos chamados a buscar uma união com a natureza, mas a cuidar da Terra como um ato de amor e obediência ao seu Criador e Redentor. (Wright: 2014,435)

Também faz parte da Missão fazer discípulos. E foi isso que Cristo determinou em Mateus 28:18-20. Ele não nos mandou converter ninguém, pois isso é papel do Espírito Santo (João 16:8-11), mas disse que nosso papel é fazer discípulos. Isso é fácil? Não, mas é possível, “Pois naquela hora o Espírito Santo lhes ensinará o que devem dizer” (Lucas 12:12, NTLH). É algo sem muita

importância? Nunca! Negligenciar a obra de Deus é maldição, e seremos cobrados por conta de tudo que ensinarmos a respeito da Palavra (Jeremias 48:10; Tiago 3:1).

Conforme Wright (2012:342-43):

O péssimo resultado de se separar o evangelismo do discipulado, priorizando-se o primeiro, é a pouca profundidade, a imaturidade e a vulnerabilidade do falso ensino; a igreja cresce sem profundidade e logo definha [...].

Enfim, podemos resumir a questão da Missão do povo de Deus, conforme Wright (2012:195) como:

- Estamos aqui, como seres humanos, para cuidar da criação de Deus;
- Fomos escolhidos em Abraão para ser um povo por meio do qual a bênção de Deus alcança todas as nações;
- Somos chamados para andar nos caminhos de Deus, com justiça e retidão, em um mundo corrupto;
- Devemos viver a dinâmica de nossa redenção em nosso tratamento compassivo em relação aos outros;
- Devemos representar Deus diante do mundo e atrair o mundo para Deus;
- Devemos ser pessoas cujas vidas demonstram o caráter de Deus e atrair outros para a fé n'Ele;
- Devemos, acima de tudo, conhecer o Deus vivo e ser intransigentemente leais ao Senhor Jesus Cristo em nossa adoração e testemunho.



Capítulo II

COMO MOTIVAR A IGREJA PARA MUDAR SUA VISÃO SOBRE O CAMPO MISSIONÁRIO?

A Bíblia fala que erramos por não conhecermos as Escrituras, tampouco o poder de Deus (Mateus 22:29). Então, o primeiro passo para que a Igreja seja motivada a recuperar a visão sobre Missões, e por consequência mudar a sua visão sobre o campo missionário é conhecer qual a sua missão e quais as formas que ela pode atuar nesse campo.

Quando Jesus começou seu ministério Ele não procurou pessoas perfeitas ou capacitadas. Deus pode chamar os capazes, mas em todos os casos capacita aqueles que escolhe.

A missão do povo de Deus não é uma questão do quanto somos ótimos para fazer coisas para Deus, mas é uma questão do quanto Deus é paciente e persistente para fazer as coisas por intermédio de nós. (Wright:2012,200)

A prova de que Deus envia pessoas para o desenvolvimento da Sua Missão fica clara na Bíblia, pois todos os que foram enviados objetivavam anunciar libertação e salvação ou para transmitir uma mensagem específica que alguém precisava ouvir.

Conforme Wright (2012,249):

[...] Deus pode enviar qualquer um para uma missão, mas em geral, sempre envia alguém para ser um agente da libertação que ele oferece ao mundo ou para ser porta-voz de Sua mensagem, ou ambas as coisas [...] pertencer ao povo de Deus é estar, no mínimo, disponível para ser enviado.



Se a igreja é comparada ao sal e luz é porque o mundo está em trevas e apodrecendo (Mateus 5:13-16). Muitas vezes o ativismo faz com que o povo de Deus idolatre o seu trabalho em detrimento de adorar e obedecer ao próprio Deus. Para Wright (2012,285):

O trabalho é um bem da criação, mas a Bíblia está ciente da tentação de transformá-lo num ídolo quando vivemos para aquilo que podemos fazer e conquistar e depois obtemos nossa identidade e realização mediante essas coisas [...] a idolatria da carreira, da posição social e do sucesso está ligada a um dos deuses mais dominantes da esfera pública: o consumismo.

Tudo o que a Igreja deve fazer é para adorar a Deus. Fazer missões é uma forma de adoração ao Senhor. A adoração é o que deve motivar o ato missional. Servir a Deus é o nosso objetivo, e servir ao homem é apenas um canal de materialização do nosso louvor.

A adoração traz à luz o que está escondido. “Tudo o que vem à luz enfraquece Leviatã e faz com que perca territórios” (Terra Nova:2008,104).

Terra Nova ainda afirma que:

Quando alguém entra no desânimo de cuidar de vidas, a sua santidade está comprometida [...] os que querem saber o que é santificação na prática, precisam cuidar de vidas para começar a experimentar da verdadeira santidade. (2008:179)

Conforme Warren (2008:104), “se não adorarmos a Deus, acharemos outra coisa para adorar: trabalho, família, dinheiro, esportes ou até nós mesmos”.

Isso nos leva a uma reflexão: qual é o propósito da nossa vida e da igreja aqui na Terra? Quanto a este tema, Warren nos 02 livros referenciados nesta obra faz abordagens muito interessantes.

A primeira coisa a se ter compreensão é derrotar a egolatria. Nós não somos o foco da Missão. Conforme Warren (2013:21), nós nascemos “[...] por um propósito d’Ele e para cumprir o propósito d’Ele”. Nunca saberemos o motivo



pelo qual existimos enquanto olharmos apenas para os nossos desejos. Se não deixarmos Deus nos usar não alcançaremos o sentido da nossa vida, e “para descobrir seu propósito de vida, você deve recorrer à Palavra de Deus; não a sabedoria do mundo” (Ibidem:25).

O Apóstolo Paulo no livro de Colossenses capítulo 1, ratifica que nós não somos o foco da Missão de Deus:

¹⁶ Pois, por meio dele (Jesus), Deus criou tudo, no céu e na terra, tanto o que se vê como o que não se vê, inclusive todos os poderes espirituais, as forças, os governos e as autoridades. Por meio dele e para ele, Deus criou todo o Universo. (NTLH, grifo do autor)

Quando se refere à Igreja, Warren (2008:88), indaga:

1. Por que a Igreja existe?
2. O que devemos ser como Igreja? (Quem e o que somos?)
3. O que devemos fazer como Igreja? (O que Deus quer que façamos no mundo?)
4. Como vamos fazer isso?

Mais uma vez, tudo gira em torno do propósito. “Nada precede o propósito. O ponto de partida de cada igreja deve ser a questão: ‘por que existimos?’. Até que saiba a razão da existência de sua comunidade, você não tem alicerce nem motivação, nem direção no ministério” (Ibidem: 74-5).

O que motiva a nós ou a nossa igreja? Muitas vezes perdemos de vista a Missão que nos foi designada por conta das regras da igreja. “Não devemos nos apaixonar por nossos métodos a ponto de perder de vista nossa missão e esquecer nossa mensagem” (Ibidem:66).

A igreja não pode deixar de levar a mensagem ao mundo. É através dela que o Evangelho é anunciado a toda humanidade. A nenhuma outra entidade foi dada tal privilégio. Até mesmo os anjos anseiam este papel (I Pedro 1:12).

Conforme Wright (2014:209), “a salvação humana não poderia ser encontrada no Estado”. Deus deseja que a Salvação alcance a toda

humanidade. O pacto divino é incondicional, mas a Sua Graça é condicional à obediência. “O relacionamento com Deus jamais é um relacionamento fácil” (Ibidem:217).

A RESTAURAÇÃO DO CHAMADO

Muitas vezes, a vida é tão doída que nos faz querer deixar tudo aquilo que acreditamos e seguimos até aquele momento. Desejamos fugir, apagar nosso passado, reescrever nossa história, fazer de conta que nada do que já nos aconteceu existiu. Buscamos solução, e aos nossos olhos é algo inalcançável. Não temos direito ao perdão, a uma nova chance. Preferimos crer que nossas habilidades, conhecimento, beleza, bens ou outro atributo qualquer nos farão prosperar por nós mesmos. Esquecemos até de Jesus, das suas promessas e projetos para as nossas vidas.

No Evangelho de João, cap. 21, vemos a história dos discípulos de Jesus que apesar de terem visto que o Senhor tivera ressuscitado, seus ânimos estavam abalados. Assim como o povo de Israel no deserto desejaram voltar para o Egito, eles se moveram em direção ao passado, a fazerem aquilo que tinham sido orientados a mudar o foco.

Dos 07 discípulos que ali estavam 03 deles eram mais próximos de Jesus, a saber: Pedro, Tiago e João. Segundo Terranova (2010), esses 03 simbolizavam respectivamente: a igreja, a família e o discipulado, áreas cruciais para o Evangelho. Eles estavam como principais líderes influenciando os demais a voltarem a pescar peixes. Se verificarmos em Mateus 4, 19. Jesus chamou os discípulos, antes pescadores de peixes, a pescarem homens, espiritualmente falando. Não que o trabalho secular seja proibido aos pastores, pois o próprio Paulo trabalhava tecendo redes, mas o foco estava errado, eles fizeram o que faziam no passado e isso não agrada a Deus. Apesar do encontro que acabaram de ter com o Senhor, seus olhos ainda não estavam completamente abertos para o chamado que eles tinham.

Sempre que queremos resolver as coisas com a força dos nossos braços acontece a desilusão. Eles nada apanharam. Na verdade, tomaram uma dura surra no seu ego. Passaram a noite toda em vão.

Vemos também que o Senhor não participa dos nossos erros. Jesus só apareceu quando eles voltaram do mar, mas não se deixou reconhecer. Interessante ver que Ele não os repreendeu, mas os fez perceberem que quando fazemos as coisas debaixo da autoridade, permissão e ordem do Senhor toda a nossa realidade muda. Eles foram orientados a jogarem novamente sua rede ao mar, à sua direitas, e encheram suas redes de peixe, de tal forma que não poderiam puxar.

Ao se revelar, Pedro foi o primeiro a se vestir e ir ao encontro do Senhor. Percebemos que o pecado expõe a nossa nudez, e não conseguimos encarar a Jesus vivendo nossos erros. Chegara o momento dele ser restaurado, era chegada a hora da cura daquele pescador.

Daqui a pouco voltaremos a Pedro. Por enquanto, vamos analisar outra história de quase desistência.

Em Lucas 24, 13-35, vemos a história de dois discípulos em fase de desistência. Posso imaginar a decepção deles da seguinte forma: Antes de Jesus vir ao mundo de forma corpórea, muitos outros apareceram dizendo ser o Cristo. Eles agregaram discípulos, mas foram presos, mortos e seus seguidores se dissiparam. Quando Jesus apareceu, creio que os familiares desses dois discípulos, e seus amigos, os aconselharam a não irem, pois seria mais um engodo, uma decepção. Eles não ouviram o conselho e foram. No entanto, aparentemente ocorreu o mesmo que com os outros “Cristos” e que os próximos a eles tinham avisado. Jesus foi preso, morto e seus seguidores fugiram. Agora eles tinham que lidar com a decepção de voltarem para a casa, derrotados, e terem de encarar a todos aqueles que eles deixaram para trás. Mas percebiam que quando temos uma promessa em nossa vida, se nos mantivermos no princípio divino, não morremos sem que ela se cumpra. Foi assim com Simeão,



conforme Lucas 2, 25-35. Conta a história que esse levita não estava escalado para trabalhar naquele sábado. Mas ele tinha a promessa de ver a Jesus com seus próprios olhos. Ele já era velho, e há muitos anos esperava confiantemente o cumprimento dessa promessa. Aconteceu que a pessoa escalada não pôde ir ao templo, e chamaram apressadamente a Simeão para substituí-lo. Quando ele chegou para desempenhar suas atividades, aparecem Maria e José com Jesus para apresentá-lo no templo. A promessa se cumpriu em sua vida, porque ele esperou pacientemente no Senhor (Sl. 40, 1).

Voltando aos discípulos de Emaús, quero ressaltar alguns pontos que julgo importante:

1 – Quando se sai do caminho, da rota estabelecida por Deus, nossos olhos ficam cegos para a revelação divina (vv. 16);

2 – Não se consegue crer nas coisas divinas quando se está de volta ao passado (vv. 15-24);

3 – Não existe alegria verdadeira longe de Jesus (vv. 17);

4 – Apenas um dos dois discípulos teve o seu nome citado (vv. 18). Devemos nos esforçar para que nosso nome seja lembrado positivamente na história, mas principalmente que ele esteja escrito no Livro da Vida;

5 – Jesus permite que nossos olhos se fechem para que enxerguemos com nosso espírito. Quando os olhos espirituais não se abrem naturalmente, Deus nos concede a graça que eles sejam abertos (vv. 30-32);

6 – O Senhor sempre se revelará através da Sua palavra (vv. 25-27). Nada que aconteça que não esteja respaldada na Bíblia deve ser considerado;

7 - Após o reencontro com Jesus, a fé foi renovada, e eles nem quiseram se contaminar com o passado. No mesmo instante retornaram para a rota da qual estavam desistentes (vv. 33-35).

Voltando à história de Pedro, chegou a hora dele ser restaurado. Fomos ensinados que o lugar da nossa dor é o lugar da nossa cura. É duro termos que reviver o passado, pois muitas vezes cremos que o que aparentemente está esquecido está solucionado. Mas não é bem assim.

Pedro viveu a experiência de um choro amargo quando negou a Jesus 3 vezes. A alma ferida é mais difícil de ser curada do que a dor física, mas Deus quer e pode curar. Durante a negação, Pedro simbolizou o discípulo que trai o seu mestre negando que o conhece ou que alguma vez o tenha conhecido. Conforme Terra Nova (2010), sempre existirá um “galo” para aqueles que desonram seus líderes serem confrontados em sua alma. Observemos que o momento da dor de Pedro ocorreu em frente a uma fogueira.

Jesus é especialista em ter seus métodos próprios para nos tratar no nível da nossa necessidade. Ele sabia que Pedro era valioso para Sua obra, e que da forma que ele estava o resultado seria danoso, afinal, outros seis discípulos estavam sendo influenciados negativamente por ele (vv.3).

O Senhor permitiu que eles pescassem primeiro sem sua Palavra, e foram decepcionados. Depois, sob seu comando, eles pescaram milagrosamente, mas o Senhor não comeu do peixe da incredulidade, pois já tinha os seus próprios na brasa esperando eles voltarem. E justamente aí, em frente a fogueira, que ocorreu o maior milagre na vida de Pedro.

Pedro foi confrontado em sua dor. Fez com que a sua memória fosse reativada para que ocorresse a cura. Jesus fez ele confessar a sua falha e assim foi curado. A partir daquele momento, a fogueira já teria outro sentido em sua vida, ao invés da dor, a cura. Conforme Terra Nova, “[...] para cada desonra, cada negação, uma restituição” (2010, p. 206). De acordo a alguns teólogos, o termo



“amor” usado por Jesus tinha uma conotação diferente da usada por Pedro. No hebraico, o termo usado por Jesus tinha o sentido *Ágape*, amor verdadeiro, divino. Já Pedro, usou o termo *philos*, isto é, amor fraternal, de amigo. Então, o diálogo ocorreu mais ou menos assim:

- **Pedro, tu me *Ágape*?**
- Jesus, tu sabes que eu te *philos*.
- **Pedro, tu me *Ágape*?**
- Jesus, tu sabes que eu te *philos*.
- **Pedro, tu me *Ágape*?**
- Senhor, tu sabes que eu te *philos*.

Apesar disso, Jesus sabia que Pedro seria um vaso valioso em sua mão, e Pedro percebeu que a promessa que recebera ainda está ativa. Jesus restaurou o coração e a confiança de Pedro, e este foi um dos principais líderes da igreja que estava por nascer.

Concluo com algumas máximas que tenho aprendido minha caminhada:

- As decepções pelas quais passamos podem alterar os nossos valores. I Co. 15,33 diz que “as más conversações corrompem os bons costumes”.
- Conforme Terra Nova, “[...] quando negociamos nossa identidade, até o invendível perde o valor para nós” (2010, p. 209).
- Muitas vezes, o que nos bloqueia está oculto em nosso inconsciente, e o diabo faz questão que elas não venham à tona para a cura. É o quartinho escuro que temos em nossa alma que nos faz negar a nossa identidade.
- A unção, a identidade e o manto que Jesus tem para nós não tem preço.



Capítulo III

QUAIS OS PRINCIPAIS ENTRAVES E RESISTÊNCIAS SOBRE O CAMPO MISSIONÁRIO?

Eu creio que a Obra Missionária é, ou deveria ser, a principal atividade da Igreja. Sem ela, não há sentido, não há vida para o Corpo de Cristo. Um dos maiores equívocos de um ministério é ter Departamentos de Missões. Isso faz com que essa atividade seja vista no mesmo patamar que os demais. Fazer Missão é a mola propulsora. Todas as atividades locais devem convergir para essa finalidade. Para McConnell & McKinley (2016:121), “o evangelismo é o combustível da Igreja Cristã”. No próximo capítulo trataremos das várias visões de atuar em Missões, mas na maioria delas a visão da Igreja é míope, pensando que simples campanhas com hino, tema e divisa, junto com arrecadação de valores para alcançar uma meta pré-estabelecida é suficiente. Muitas vezes, pensa-se que isso é o suficiente, restando todos os demais trabalhos a cargo do Missionário, muitas vezes esquecido em terreno longínquo e/ou hostil.

Fazer Missão é um Mandamento; amar também o é. Um ponto em comum em ambos os casos é que é algo determinado por Jesus e que podemos decidir se queremos fazer ou não. São opções passíveis de escolha. No entanto, toda desobediência gera um preço. Amamos a quem queremos, e Missões é um ato de amor. Cumpre-se aqui o estabelecido em I João 4:20 (HTLH): “Se alguém diz: “Eu amo a Deus”, mas odeia o seu irmão, é mentiroso. Pois ninguém pode amar a Deus, a quem não vê, se não amar o seu irmão, a quem vê”.

A Bíblia deve ser entendida como o livro que rege todo o mundo e por consequência a vida individual de cada ser humano. A mensagem que ela traz é capaz de modificar qualquer ambiente, trazer resposta a qualquer pergunta e de direcionar a humanidade ao caminho de paz e salvação.

Muitas pessoas não creem no evangelho pois veem uma mensagem dissociada da prática. O povo espera ver a ação de Deus através da vida do pregador. A igreja em si não deve ser vista como o Reino de Deus, mas canal



para que a Sua obra se realize. Se ela cresce e prospera é consequência do seu trabalho, mas não é esse o seu objetivo. A igreja tem que ser objeto de transformação.

O Evangelho tem sido tão banalizado que está sendo rejeitado por muitos pelo fato de considera-lo algo banal, ainda que não seja falso. A forma como muitos cristãos tem vivido o seu ministério faz com que seja desacreditado. O modo como a Palavra é pregada no Brasil não pode ser a mesma no Oriente Médio, e até o nosso comportamento mais trivial tem que ser avaliado.

Para Wright (2012:249), “[...] Deus pode enviar qualquer um para uma missão, mas, em geral, sempre envia alguém para ser um agente da libertação que ele oferece ao mundo ou para ser porta-voz de Sua mensagem, ou ambas as coisas”. No entanto, as igrejas têm atrofiado sua visão quanto ao envio de Missionários, e quando os fazem muitas vezes estão mais preocupados em divulgar a placa da sua igreja e sua cultura local.

Assim como Jesus, nós também fomos enviados a uma Missão. “Portanto, pertencer ao povo de Deus é estar, no mínimo, disponível para ser enviado”. (Wright:2012,249). Mas, muitos dos nossos missionários tem sido mal treinado. “Pessoas e lugares não são fundamentalmente coisas a serem consertadas [...] não cometa o erro de achar que você compartilha valores culturais com os outros simplesmente por ser do mesmo país ou falar a mesma língua” (McConnell & McKinley:2016,201-02). Se Missões dentro do mesmo país já é complexo, imagine falar do Evangelho em um ambiente totalmente diferente do local no qual se vive. Daí a necessidade de entender uma nova visão.

A ação da cultura sobre a fé pessoal trouxe um risco iminente chamado de Relativismo. O Evangelho deve ser a base, e não um coadjuvante, no processo de mudança de paradigmas. A igreja deve desempenhar um papel determinante quando o assunto for a Palavra de Deus, cabendo a ela ser reconhecida como uma “[...] comunidade hermenêutica internacional” (Bosch:2002, 234).

Como quem vai ao encontro tem que se adequar aos costumes do povo visitado, a igreja percebeu a necessidade de se apropriar de um termo milenar: a Cosmvisão. O que isso significa? O sentido original é “visão de mundo” e foi



cunhado pretendendo se entender a forma como cada povo enxerga um determinado assunto. Se a Igreja Primitiva não tivesse a sensibilidade do Espírito em se adequar à realidade cultural sem, contudo, descaracterizar o evangelho, o alcance da mensagem estaria prejudicado.

Conforme o Apóstolo Paulo em I Coríntios 9:22 (NTLH):

Quando estou entre os fracos na fé, eu me torno fraco também a fim de ganhá-los para Cristo. Assim eu me torno tudo para todos a fim de poder, de qualquer maneira possível, salvar alguns.

Uma vez que os missionários cristãos adotaram o termo Cosmvisão, ela deve ser intrinsecamente cristã. Conforme Goheen & Bartholomew (2016:52):

Cosmvisão é uma enunciação das crenças básicas embutidas em uma grande narrativa compartilhada, as quais estão arraigadas em um compromisso de fé e dão forma e sentido à totalidade de nossa vida individual e coletiva.

A ideia de que o Cristianismo iria substituir todas as religiões do mundo não é mais aceitável nos dias de hoje. Para Newbigin, os cristãos devem “[...] abandonar a pretensão de ser a única detentora da verdade” (2016, 202).

A busca da paz entre os povos é algo incessante, e que toda guerra é iniciada por causa da busca da paz. No entanto, essa paz tem que ser dentro dos termos de uma das partes; não há uma sintonia que equilibre as duas ou várias posições distintas para o mesmo objetivo.

O Evangelho deve ser pregado buscando trazer paz e solução para a vida da pessoa que a recebe. Quando se pretende fazer missão transcultural, faz-se necessário levar a Palavra na língua do povo que será evangelizado. A mensagem pregada deve ser a Bíblia, e não exemplos e versões que podem muitas vezes distorcer o verdadeiro significado do Evangelho.



A preocupação de muitos é pregar um evangelho puro, mas na verdade fica difícil garantir isso uma vez que a interpretação da mensagem está impregnada da cultura na qual fomos discipulados.

A religião é parte indissolúvel de qualquer cultura. Entende-se que Deus aceita a cultura até o ponto que ela não afete a base da fé. Música, arte, vestimentas, alimentação e língua nem sempre precisam ser abolidos ao se tornar um cristão. Deverá ser analisado o que não fere o princípio cristão.

É importante considerar a importância da língua nativa do povo a ser evangelizado. A perda do direito de usá-la acaba sendo uma escravidão, e não uma libertação como propõe o Evangelho. A negativa ao uso da língua local na prática da fé foi um erro cometido pelos católicos com a imposição do latim, e continua sendo um dificultador até hoje por parte dos Missionários. Por isso, a principal mensagem tem que ser Deus, começando pela Sua criação e culminando na Redenção. Um mal hábito dos Ocidentais é uma visão individualista e pessoal. É achar que a morte de Cristo foi para si, e esquece da amplitude do sacrifício d'Ele. "Jesus morre pelo mundo inteiro [...] a cruz é um acontecimento por meio do qual o curso da História cósmica é estabelecido" (Goheen & Bartholomew:2016, 96).

Muitos dos nossos missionários têm sido esquecidos no campo. Para Wright (2012:261-63), quando se envia alguém para fazer Missões tem que se ter a visão de estar enviando o próprio Cristo, têm que os tratar do modo digno de Deus. "Sustento inclui generosidade em dar, e isso é, sem dúvida, uma parte importante da Missão do povo de Deus". Não obstante, coloca-se uma meta de batismo, como se o povo a ser alcançado fosse uma mercadoria. A verdadeira evangelização ocorre com o tempo, com laços de amizade, interação e integração, cumplicidade, e isso requer tempo. O papel do Missionário é levar a Palavra; a conversão é papel do Espírito Santo.

Da parte dos nossos Missionários, muitos deles também evitam se envolver com o povo a ser evangelizado. O Evangelho tem que ser prático para ganhar a confiança do povo. Ficam esperando o sustento vindo dos mantenedores, mas se recusam a trabalhar. Paulo foi um fazedor de tendas; outros discípulos pescavam para comer. "O trabalho não é resultado da



maldição[...] é a nossa participação na criação” (Wright:2012,267). Existem situações que o missionário vive em bairros de classe média, com seus filhos em boas escolas e carros bons. Isso não é errado, mas o contexto é ambíguo se ele vive com o sustento da Igreja e lida com um povo de baixa renda. Se ele não se envolver com o povo, não terá sua confiança e sua mensagem não terá a mesma eficácia. Para McConnell & McKinley (2016:127-28), evangelizar requer [...] um real envolvimento com as pessoas e com os problemas que têm em suas vidas [...] o evangelismo [...] começa por quem nós somos e como vivemos [...]. Queremos que as pessoas se sintam em casa entre nós”.

Muitas vezes esquecemos em qual berço o povo de Deus e o Evangelho foram forjados. O Oriente Médio é formado por um povo místico, de fé, ligado a assuntos espirituais. A mensagem contida na Palavra ao chegar no Ocidente acabou sendo impregnada de um racionalismo não condizente com a fé original. Por isso, em Missões Transculturais no lado Oriental do planeta é tão difícil aceitarmos e sermos aceitos por aquela cultura.

A partir da Idade Média, a concepção de Fé trouxe uma mudança significativa quando comparada à fé imposta pelo Catolicismo. Santo Agostinho já tivera dado contribuição relevante no século V, mas foi Martinho Lutero no século XVI que sacudiu as estruturas sociais daquela época. Na sua visão, Lutero entendia que a justiça divina sobrepunha a ideia de castigo, mas era precipuamente uma questão de amor. Após a sua insurreição, começou um movimento chamado Protestantismo que foi seguido por vários outros teólogos. Esta Reforma fez com que o domínio Católico fosse questionado e aos poucos perderam sua hegemonia.

A questão da fé foi o principal expoente da Reforma Protestante. Pela fé o homem pode ser justificado em Jesus Cristo e todas as demais crenças estariam sujeitas a ela. O papel do homem quanto à sua situação espiritual e social passou a ser analisada a partir da culpa humana quando da queda relatada em Gênesis 3. Por mais pecadora que uma pessoa seja, ela precisa e pode ser resgatada pelo Sangue de Cristo. A relação de Deus com a humanidade não é só coletiva, mas também pessoal, conforme relata Ezequiel 18. Resgatou-se a visão proferida em êxodo 19: 6 e ratificada em Apocalipse 1: 6 do papel individual como sacerdotes de Deus aqui na Terra. Logo, sempre foi

intenção de Deus que o homem tivesse relacionamento íntimo com Ele, como era antes do pecado. A Bíblia tornou-se o ponto principal para os crentes protestantes, reduzindo-se o valor dos sacramentos e indulgências obrigatórias na época.

Apesar de todo aspecto positivo oriundo da Reforma, existe a crítica de que a visão Missionária foi negligenciada pela maioria dos reformadores. Estes, por sua vez, consideravam que “nenhum pregador, nenhum missionário deveria, em momento algum, atribuir a seu próprio zelo o que, em verdade, é obra exclusiva de Deus”. (Bosch:202,299) A maior preocupação dos reformistas era basicamente na sua sobrevivência, haja vista que existia uma ferrenha perseguição contra à vida daqueles que se opunham aos dominantes da época. O contato com os povos não cristãos era algo pouco usual.

Dentre os reformadores, um grupo irrompeu na ação missionária, a saber, os Anabatistas. Enquanto para os demais reformistas não havia a obrigação de pregar aos pagãos, para os Anabatistas, todo convertido tinha o dever de pregar a todos os povos. Eles ainda advogavam a separação entre Igreja e Estado, contrariando as demais linhas reformistas que pensavam só ser possível atuar nas localidades onde o governo comungava do mesmo pensamento que eles.

Os Protestantes Ortodoxos criam piamente que a “Grande Comissão” teve seu chamado concluído na era Apostólica, não cabendo mais à igreja este papel. Consideravam esta ação desnecessário ir a outros povos uma vez que Deus os usaria no local onde eles estivessem. Somou-se a este pensamento o sentimento de descrédito sobre a recuperação humana, imaginando que a ação missionária não surtiria efeito na regeneração da humanidade.

Aliados aos Anabatistas, surgiu o movimento chamado de Pietismo. Visavam a renovação da fé cristã que surgiu na igreja Luterana alemã no fim do século XVII. Defendiam a primazia do sentimento e do Misticismo na experiência religiosa, em detrimento à Teologia Racionalista. Na visão deles, “[...] conceitos como arrependimento, conversão, renascimento e santificação receberam significados novos” (Bosch:2002,309). Juntamente com os Morávios, reforçaram a crença da decisão pessoal em assuntos concernentes à fé. Ambos criam que “os arautos do evangelho deveriam sair sob a direção de Cristo e do Espírito e

conquistar não cristãos para sua fé sem levar em conta quaisquer interesses políticos ou coloniais” (Bosch:2002,310).

De todos os empecilhos pelos quais a Missão passou durante sua história, creio que talvez nada tenha sido mais marcante do que a interferência do Iluminismo da fé humana. A partir do século XVIII todas as decisões passaram a ser influenciadas por essa Ideologia. A interferência divina na vida humana cada dia mais se mostrava desnecessária.

A partir deste momento exaltou-se a Razão em detrimento da Fé. Uma mudança fundamental foi o fato de “[...] os seres humanos não eram mais considerados como entidades inteiras; era possível examiná-las e estudá-los de uma série de perspectivas” (Bosch:2002,322). O que antes era considerado pecado passou a ser discutido como problema social, psicológico ou filosófico.

Segundo Newbiggin (2016:61), esse movimento “[...] era um chamado para que se tivesse coragem de pensar por si mesmo, testar tudo à luz da razão e da consciência, ousar questionar até mesmo as tradições mais sagradas. A fé que era tida como algo social foi reduzida a uma questão pessoal, onde todos deveriam questionar o que era aceito até então, pondo em xeque a própria revelação da Bíblia. Esta visão é algo irreversível.

Contrapondo ao ensinado em Deuteronômio 29: 29, para o Iluminismo todas as coisas poderiam ser explicadas. Não existiria mistério que a mente humana não pudesse desvendar. Numa confirmação do desejo exposto pela serpente em Gênesis 3: 5, o ser humano tornou-se tão importante quanto Deus.

Antes do Iluminismo, todas as decisões tinham a influência da Fé. Após essa nova Ideologia, a fé cristã não desapareceu, apenas diminuiu o seu grau de importância para a sociedade. Ela passou a ser questionado, menosprezada e até mesmo ignorada. Cabia agora a Deus apenas iniciar quaisquer processos e deixar com a humanidade o seu desenvolvimento e solução.

O desejo de alguns reformadores foi agora concretizado, pois o Iluminismo também se opunha a aliança entre a Igreja e o Estado. Os próprios centros eclesiais e teológicos renderam-se ao Racionalismo, levando a ação missionária quase ao desaparecimento.

A contrapartida da Fé deu-se através do movimento conhecido como o Grande Despertar. Além da fé cristã, o misticismo fortaleceu-se e a população



percebeu a necessidade de buscar apoio no sobrenatural. Estudos como a Astrologia fortaleceu-se no meio do povo.

Os missionários dessa nova era começaram a focalizar em assuntos específicos. Uma das vertentes era destacar a Glória de Deus na gestão do mundo. Acentuou-se a discussão entre Arminianos e Calvinistas sobre a questão da Salvação, dentre outros pontos. O amor de Cristo foi outro ponto bastante trabalhado pelos missionários, pois conforme Paulo em II Coríntios 5:14a “O amor de Cristo nos Constrange”. Passaram a ver todas as pessoas como objetos do amor divino.

Buscou-se fundamentação bíblica para justificar os envios missionários. Dentre os textos destaca-se Atos 16: 9, João 3: 16, Mateus 24: 14, João 10:10 e principalmente Mateus 28: 18-20.

A razão e a revelação sempre foram consideradas antagônicas quando se debate a fé. Atualmente, deu-se à experiência o papel fundamental no debate teológico. Quando se deseja racionalizar a fé, tem que se entender que a razão só fará sentido se adequada à tradição cultural que vivemos. Só racionalizamos conforme aquilo que julgamos ser correto, com base em ideais pré-formatadas em nossas mentes. O uso da razão é a luta da “estrutura de plausibilidade” para se impor, como forma da cultura predominante local impor-se sobre a fé.

Há o entendimento que existe uma mudança fundamental na compreensão sobre Missões no Antigo e no Novo Testamento. Na Nova Aliança, a visão de Missões para alguns teólogos é de ela seja superior à Teologia, sendo que esta advém daquela. O papel dos escritores neo-testamentários não era de um mero transmissor de informações, mas precisamente de alguém que viveu cada situação e registrou suas experiências. Isso explica o fato de nesse período não haver um modelo padrão de missão, mas uma miscelânea de resultados.

Façamos uma breve análise sobre os textos de Atos 10 e 11, e vejamos o porquê da necessidade de uma Cosmovisão quando se prega o Evangelho.

Os dois textos dão início ao ministério missionário entre os gentios. A conversão de Cornélio no capítulo 10 expõe o preconceito e o conflito dos judeus em anunciar o evangelho para pessoas de outros povos.



Historicamente os judeus foram ensinados a não ter comunhão com aqueles que não aderissem à sua fé, vivendo-a conforme os costumes. Não obstante os ensinamentos de Jesus, a exemplo da Mulher Samaritana, da Siro-Fenícia, dentre outros, os apóstolos e os novos discípulos ainda tinham resistência com os não judeus, ao ponto de até exigirem aos neófitos que se circuncidassem conforme seus costumes, sendo isso um impeditivo de alcançar a Graça caso não o fizesse.

Cornélio era um Centurião. Desta forma, pelo menos 100 homens estavam debaixo da sua autoridade militar, e esse já era um bom público para se iniciar uma igreja. Devido ao carisma e temor a Deus, ele mais do que temido, era respeitado e querido por muitos, o que ajudou a encher a sua casa para receber o apóstolo Pedro e sua comitiva.

Ao quebrar o orgulho de Pedro quanto aos gentios, conforme a visão que ele teve no terraço, aliado a influência do Centurião Cornélio, começou-se a rasgar o véu do impedimento e de separação entre o Evangelho de Cristo com todos os demais povos. Cesareia, a partir deste momento, nunca mais foi a mesma, pois a Palavra de Salvação chegou àquele lugar e se espalhou por todos os lugares onde esse neófito da fé cristã e seus agregados passassem. É importante frisar “[...] que o primeiro gentio foi levado à fé não por meio dos Helenistas [...] mas por meio de Pedro, por mais resistente que seja” (Fee e Stuart, 2013: 355).

O efeito da visita de Pedro e a consequente conversão do Centurião, da sua família e de tantos outros, teve repercussões rápidas mesmo em épocas sem a internet. A quebra do protocolo judeu por parte desse Apóstolo criou insatisfação em muitos cristãos judaizantes, mas que todos, inclusive Pedro, tiveram que se render à vontade do Espírito Santo. Cientes da vontade de Jesus em levar Sua Palavra a todo local da Terra, nada mais os impediam de começar a Missão Transcultural. A primeira cidade, e de muita relevância, que foi alcançada por essa iniciativa foi Antioquia. Por viverem o que falavam, os discípulos de Jesus ficaram conhecidos ali como CRISTÃOS. A priori, eram conhecidos como “os do Caminho”, mas agora refletiam o nome do seu mestre na sua missão.



Conforme House, *et. al.*:

O Evangelho proclamado em Antioquia tinha grande potencial para alcançar outras áreas do mundo. Além disso, a cidade era dotada de diversidade cultural e não era controlada por grupos religiosos majoritários, o que tornava os seus habitantes mais abertos à verdade da mensagem do Evangelho. (2010: 322).

Desta forma, o alcance do povo desta cidade cosmopolita tornou-se estratégica para alcançar povos de várias nações e costumes, aproveitando para pregar aos que ali estavam bem como conseguirem acesso às suas regiões e nações.

A visão bíblica de relacionamento é, prioritariamente, familiar. A Promessa feita a Abraão foi de prosperar por intermédio da família. Deus, por ser soberano, “[...] tem liberdade para fazer o que bem entender com sua criação” (Newbigin:2016, 115). E dentro dessa possibilidade está o direito de endurecer o coração hebreu para que assim os gentios também pudessem fazer parte desse povo.

É interessante notar que a ação missionária entre os gentios ocorreu devido à perseguição que os discípulos sofreram após a morte de Estevão, mas não era para ser assim. A ordem dada por Jesus para eles ficarem em Jerusalém era até eles serem cheios do Espírito, e eles já tinham sido conforme relata o texto de Atos 2. No entanto, o comodismo fez com que Deus permitisse que um fosse morto e os demais fossem perseguidos para que Seu propósito se cumpra. Ele age por princípio e nunca mudará por amor de ninguém. Para que Sua promessa se cumprisse, o profeta Isaias no capítulo 53:10 disse que o Senhor se agradou em moer ao próprio Jesus, que conforme I Pedro 2:22 não teria cometido nenhum pecado.

Desta forma, utilizando quem Ele quer, da forma que Ele quer e onde Ele quer, os propósitos divinos irão se cumprir, e os capítulos de Atos supracitados dão prova do alcance do Evangelho a todas as nações. Israel nação, que foi escolhido por Deus como Seu povo para atrair povos de todas as línguas e raças



numa missão centrípeta, após a morte de Cristo estendeu suas fronteiras também aos gentios formando agora um “Israel espiritual”, para que de forma centrípeta ou centrífuga o evangelho alcance todos os homens que, ao se renderem a Cristo, alcançarão a Graça prometida desde o início do mundo.

Vivemos numa sociedade pluralista, e o Pluralismo tem sido comumente usado como forma de forçar as pessoas a aceitarem passivamente as diferenças existentes na sociedade. Na verdade, ser plural não quer dizer que toda diferença deve ser aceita, mas que todas elas devem ser submetidas a exames críticos. O papel da história na vida humana deve ser crucial. Devemos respeitar nossas origens e preservar o que temos de bom para próximas gerações. Segundo Newbiggin (2016:125), “Se a história não tiver sentido, qualquer ação da minha parte será sem sentido”. Desrespeitar as regras impostas pela sociedade faz do homem um ser anômalo.

De acordo com Newbiggin (2016:29-30), o Pluralismo divide-se em Pluralismo Cultural e Pluralismo Religioso, a saber:

- Pluralismo Cultural: “[...] é a atitude que acolhe a diversidade de culturas e estilos de vida dentro de uma sociedade e acredita que isso é um enriquecimento da vida humana”;
- Pluralismo Religioso: “[...] é a crença de que as diferenças entre as religiões não são uma questão de verdade e mentira, mas de diferentes percepções da única verdade; que falar de crenças religiosas como verdadeiras ou falsas é inadmissível”.

Acredita-se que a pessoa tem liberdade para crer no que quiser. Por conta disso, Newbiggin alega que somos livres para discordar da crença alheia, mas não podemos discutir aquilo que é comprovadamente fato. Utiliza a máxima de que “[...] as respostas que obtemos dependerão das perguntas que fazemos” (2016,31), faze-o crer que nosso pensamento está condicionado àquilo que queremos respondido, e que o simples fato de tentar dissecar um assunto não nos garante que a resposta seja a mais correta sobre o tema.

A nossa sociedade é plural quando se refere às crenças, mas individualistas quando se refere aos fatos.



MINISTÉRIO DE ENSINO
Servo e Filho
2010



<http://www.servoefilho.com.br>

servoefilho@uol.com.br

(11) 99152-9914

PARTE II

MISSÕES

Capítulo IV

MISSÕES

Tanto o serviço de servir à mesa como de pregar a Palavra eram comuns na época da Igreja primitiva. Apenas pessoas cheias do Espírito Santo estavam aptas para desenvolver esse ministério. Em nenhum momento os Apóstolos menosprezaram o serviço do servir, mas tinham a consciência de que era necessário separar outras pessoas para este serviço, haja vista o chamado deles era para a ministração da Palavra.

A ação social é tão importante quanto a pregação. Para Wright (2012:256),

[...] é uma distorção do texto usá-lo para sugerir que a pregação da Palavra tem primazia e prioridade na igreja como um todo em sua missão, como se isso estivesse em oposição a todas as formas de serviço social ou à compaixão pelos necessitados.

O fato de servir a mesa não impedia de anunciar o Evangelho, bem como o ofício de pregar não impedia de servir aos necessitados. Cristo falou que os pobres sempre estarão conosco (Mateus 26:11). Por isso, nenhum discípulo de Cristo tem o direito de ignorar e negligenciar esse serviço. O próprio Wright afirma que “[...] a preocupação social e econômica da igreja para com os necessitados estava ligada ao ensino dos Apóstolos (2012:256).

Na sua totalidade, a Bíblia nos ensina que o Cristo histórico é o mesmo Messias, e que nossa missão está intrinsecamente ligada à Ele. Suas palavras e ensinamentos são incontestáveis.

O papel de Jesus encarnado trouxe uma agitação a Israel, e por consequência, a todo o mundo conhecido da época. Ele nasceu num período crítico na fé local. O povo escravizado estava sem ouvir a voz de Deus há 400 anos e viviam a expectativa da chegada de um Messias que o libertariam da



opressão em que viviam. Esperavam um guerreiro com Davi e não um pacificador, como Jesus. Não obstante, antes do verdadeiro Messias nascer muitos outros “Cristos” surgiram e não cumpriram suas promessas, o que tornava o povo ainda mais incrédulo.

Nessa nova Teologia, os excluídos como os pobres, os doentes, prostitutas e samaritanos, dentre outros, ganharam espaço. A missão era extensiva a todos de Israel, e posteriormente a todos os povos, conforme presciência divina. A extensão aos gentios foi devida não ao mérito daquele povo, mas pelo fato deles terem recebido de bom grato à nova mensagem. A partir de Jesus, o conceito de Missões passou a ser Centrífuga, indo em busca daqueles que necessitam de salvação.

O autor Lucas teve um papel importante no relato da Missão na incipiente igreja. A sua origem era gentílica. Ao lado de Mateus, acredita-se que ambos escreveram para as comunidades numa época de transição e que usaram mais de uma fonte de informação para escreverem seus livros. Na visão de Lucas, os discípulos da época pensavam que o retorno de Cristo ocorreria quase que imediatamente à sua ascensão. Como isso não ocorreu, a vinda oficial do Espírito Santo, descrita em Atos 2 trouxe um alento a todos eles. Motivando-os a seguir na fé.

Na visão de Bosch, o papel de Jesus referente aos gentios foi de mostrar a extensão do amor de Deus à todos. No entanto, caberia aos discípulos, e não a Ele, o papel de pregar a todos os povos. A orientação geográfica citada em Atos 1:8 serviu como parâmetro de sequência para a propagação do Evangelho.

Lucas, ao contrário dos seus parceiros Marcos e Mateus, fez várias referências aos samaritanos. Isso talvez possa ser explicado pela origem do Lucas. Para os judeus, os samaritanos eram impuros, uma vez que após a derrota de Israel para a Assíria, todos os moradores da sua capital, que na época era Samaria, foram expulsos e exilados, sendo que o rei assírio povoou aquela cidade com pagãos que passaram a praticar cultos que desagradavam a Deus. Isso pode ser confirmado no livro de II Reis 17: 24-41.

Deus, em sua onisciência, já tinha em mente a extensão da Graça aos gentios. Logo, crer que esse povo só foi alcançado por causa da rejeição de Israel é um erro. Podemos, sim, afirmar que esta negativa apenas abreviou o

acesso dos gentios à promessa. A nação de Israel, que como já foi dito, foi escolhido para ser o povo de Deus, teve seu sentido ampliado para além de território. Com o surgimento da igreja, esta foi considerada “Israel espiritual”, tendo acesso às promessas. Assim, conforme Bosch, “os cristãos gentílicos são parte de Israel, não um novo Israel” (p. 127).

Quando a ação missionária passou a se preocupar com o Social criou-se inquietações políticas. Foi considerado como Evangelho Social. Com a preocupação além da alma, percebeu-se a necessidade de também contribuir com a subsistência humana.

Até hoje luta-se para que o despertamento missionário se fortaleça nas Igrejas de Cristo sobre a Terra. O pensamento de muitos ainda é de que o papel de levar a Palavra é do próximo e não seu, quando muito sua participação é no envio de ajuda financeira. Missões ao invés de ser um chamado passou em muitos casos a ser apenas um departamento local com ações específicas durante o ano. A visão transcultural quando não é desprezada é supervalorizada. Penso que os dois extremos são perigosos, pois penso que há chamados para Missões locais, Estaduais, Nacionais e Mundiais. Cada qual tem o seu valor e nenhuma delas deve ser negligenciada.

Vejamos alguns tipos de Missões que podem e devem ser desenvolvidos no seio da Igreja, buscando alcançar a todos, mas dando uma atenção especial ao povo mais carente, conforme vemos em Gálatas 2:10:

Eles nos pediram só uma coisa: que lembrássemos dos pobres das igrejas deles, e isso eu sempre tenho procurado fazer. (NTLH)

Que o Senhor Jesus faça arder em nossos corações o seu chamado a servir, pois Missões é um projeto do coração de Deus desde a eternidade.

Missões locais: Treinamento para campos maiores

Consideremos aqui como Missões Locais o trabalho missionário que podemos fazer perto de nós. A própria atividade de Capelania é um tipo de Missão Local, mas nossa abordagem neste momento é sobre o trabalho com comunidades carentes, com os excluídos, marginalizados, pessoas do nosso cotidiano que muitas vezes passam despercebido por nós. É um Evangelho prático, onde se tem a consciência de que a mensagem da cruz não será tão eficiente se for pregado a um povo faminto, desassistido, sem que eles vejam em nós, no mínimo, o desejo de querer ajudar.

A igreja não pode ser vista “[...] como um local para um encontro ocasional”, mas um lugar onde se “[...] alcança os menos favorecidos econômica e socialmente” (McConnell & McKinley:2016,22).

Jesus falou em João 12 (NTLH): “⁸ Os pobres estarão sempre com vocês, mas eu não estarei sempre com vocês.” Pobreza vai além de ausência de bens, muitas vezes é um estado de espírito que impede a pessoa de se aproximar de Deus. Para McConnell & McKinley (2016,31), “[...] o Evangelho não é solução para a pobreza [...] mas o Evangelho é a Mensagem de Deus para pessoas que se encontram em padrões complexos de pecado pessoal e nos desafios sistêmicos que englobam o quadro da pobreza”.

O principal presente que se pode dar a alguém é a possibilidade de conhecer o Reino de Deus. Vemos isso quando compartilhamos a Mensagem do Evangelho com povos como os *Párias*, casta inferior da Índia. Eles sabem, e nós também, que reconhecer a Cristo como seu Senhor e Salvador não irá ascendê-los socialmente, mas mesmo assim, emocionados, eles perguntam se Cristo irá aceitá-los, uma vez que eles são inferiores.

O Evangelho tem que ser espalhado, sobretudo, entre os mais necessitados. A igreja é a responsável por disseminar a Palavra de uma forma simples e objetiva, e se ela “[...] se encontra no âmago do propósito divino, então



a congregação local precisa estar no centro da prática de Missões” (McConnell & McKinley:2016,35).

O fato de se pregar o Evangelho em locais carentes não é motivo para se anunciar uma Palavra condescendente. A Mensagem tem que ser verdadeira, sob pena de se tornar um placebo na vida do ouvinte. Para a maioria das pessoas, sobretudo em situações de pobreza, o maior problema não é que eles não creiam em Deus, mas por terem uma visão distorcida d’Ele. Para muitos, o Senhor é um ser: irrelevante, desinteressado e tolerante. Irrelevante por Ele estar desconectado com as necessidades do mundo; desinteressado, pois não se inclina para ajudar a humanidade, mesmo tendo poder para isso; e Tolerante, pois apesar de se anunciar que Ele não coaduna com o pecado, no fim dos tempos permitirá que todos sejam salvos, haja vista que Ele é amor (McConnell & McKinley:2016).

O fato deles serem um povo carente não os isenta de terem a obrigação de reconhecer que são pecadores e rebeldes, como toda a humanidade o é. “Se não apresentarmos o Evangelho corretamente, podemos esquecer qualquer tipo de trabalho sério de plantação de igreja [...]” (McConnell & McKinley:2016,62). Devemos lembrar que tão importante quanto a Cruz de Cristo é o túmulo vazio. A morte de Jesus se completou com a crucificação, e para muitos, Ele ainda continua crucificado.

O povo precisa ser devidamente doutrinado. Sem uma forte estrutura, nenhuma fé se solidifica (Provérbios 22:28; Mateus 7: 24-26). Classe social não bestializa nem incapacita ninguém para entender verdades profundas. Uma mensagem fundamentada dificulta que o povo seja presa fácil de falsos profetas. Conforme McConnell & McKinley (2016,158):

Não podemos esperar que as pessoas consertem suas vidas antes de as admitirmos em nossa membresia, mas precisamos ser capazes de fazer confissões de fé e de arrependimento que sejam verdadeiras [...] o que exigimos delas é que se engajem nessa batalha contra o pecado.



Como a maioria das igrejas estão paralisadas quando o assunto é evangelizar lugares difíceis, grupos para-eclesiais têm se levantado para evangelizar esse povo. Isso não teria nenhum problema se não fosse o fato de que muitos deles resistem a se submeter a uma autoridade, formando o grupo atualmente conhecido como os “desigrejados”. Para muitos deles, não há a necessidade de uma igreja local para se pregar a Cristo. Ledo engano. Ser igreja é mais do que templo, mas ela não chega a ser desnecessária. A visão evangelística da igreja vem definindo, abrindo uma porta de saída para aqueles que não veem a necessidade do seu trabalho estar alocado a um ministério. A forma como muitas igrejas tem atuado interna e externamente traz à tona a seguinte questão:

Por que um grupo de jovens que desejam mudar o mundo ficaria preso a uma igreja local cheia de idosos que se prendem a tradições irrelevantes, quando um mundo empolgante de serviço os aguarda fora das paredes da igreja? (McConnell & McKinley:2016,92).

O autor de Hebreus alerta para esse risco no capítulo 10:

²⁵ Não abandonemos, como alguns estão fazendo, o costume de assistir às nossas reuniões. Pelo contrário, animemos uns aos outros e ainda mais agora que vocês veem que o dia está chegando. (NTLH)

É papel da igreja desenvolver Missões Local. Nela aprendemos o princípio de submissão às autoridades, como descrito em Romanos 13. É necessário cultivar o hábito de discipular pessoas de áreas carentes. Para Keller (2016b:76), “[...] devemos ir até as pessoas, ouvir o que têm a dizer, nos envolvermos profundamente em suas necessidades, fazendo justiça e estendendo misericórdia enquanto comunicamos as verdades bíblicas”.

CAPELANIA

Qual é a coisa mais difícil hoje em dia? Numa época de tanto ativismo, é certo poder afirmar que uma das coisas mais raras de se fazer é escutar alguém. Na família, no trabalho, na igreja, na escola... em qualquer que seja o lugar, o ser humano cada vez menos se dispõe a sentar para ouvir ou sequer dialogar com alguém.

Ao pecar, toda a humanidade afastou-se de Deus e caiu num abismo profundo de vazio da alma. A solidão na hora da dor faz com que o desejo de sumir seja eterno, mas no fundo o que ele deseja é de alguém que o escute e o apoie. Deus, sabendo da necessidade do Seu povo, determinou que fossem separadas cidades refúgio para abrigar aqueles rejeitados e marginalizados, culpados ocasionais que precisavam se purificar de suas falhas, haja vista que o Senhor não coaduna com pecado (Josué 20:1-3; Números 35:6-7).

Deus, na Sua infinita sabedoria, liberou capacitação à Igreja para atuar em diversas áreas, de acordo com a necessidade. Ele supriu Seu povo com 05 Ministérios e inúmeros dons espirituais. De todos os dons elencados no Novo Testamento, os que naturalmente atuam na área de Capelania são o de Misericórdia, Palavra de Sabedoria, Encorajamento / Exortação, Repartir e Serviço / Diaconia. Mas, o que é Capelania?

Para a Universidade da Bíblia, “Capelania é uma Assistência Religiosa e Social prestada aos serviços Cívicos e Militares, prevista e garantida pela Constituição Federal de 1988, sob a Lei 6923 art. 5 e inciso VII, sendo o Capelão um assistente Religioso e Social. O Papel fundamental do Capelão é cuidar e zelar da sociedade, contribuindo intensamente para a saúde Espiritual e Emocional do ser humano” (Internet:2012).

A Constituição Federal de 1988 em seu Artigo 5º Inciso VII garante a prestação do serviço religioso em instituições de internações coletivas, compreendendo assim presídios, hospitais, internações militares, além de escolas e outros locais que trataremos posteriormente.



A necessidade que as pessoas têm é encontrar alguém que os queira escutar, e isto deve ser o principal instrumento do Capelão. Para tanto, é imprescindível agir com dignidade, integridade e imparcialidade. O ativismo tem afastado as pessoas até mesmo dentro da própria família. Por isso, a Capelania serve de auxílio nas empresas, nos casamentos, nas escolas e até mesmo na Igreja.

Para Ferreira (2010:16), a Capelania é [...] uma assistência religiosa que orienta, consola, aconselha e educa pelos valores cristãos, toda uma coletividade”. Para ele, o espírito altruísta deve prevalecer naquele que se dispõe a exercer essa atividade, bem como a sensibilidade para perceber as diferentes causas de uma desmotivação, levando em conta o contexto do local onde se está atuando.

O termo CAPELANIA deriva de *Capella*. O termo surge por volta do Século III d.C. na Língua Latina com o propósito de designar um oratório onde era guardada a capa de Martinho de Tour. Reza a lenda que no inverno de 337 ele teria partido seu manto (*cappa*) e dado a um mendigo. Esse pedaço de manto foi conservado e no Século VII guardado num oratório que logo passou a ser chamado de *Capella*. Posteriormente, o termo foi sendo usado para designar qualquer oratório. Por isso, seu guardião ficou conhecido como Capelão (*Cappellanus*).

O Capelão desenvolve uma atividade muito similar à de um psicólogo, com a diferença dele ser norteado principalmente pela Palavra de Deus. Ele deve ser amigo, companheiro, presto e hábil na hora de se manifestar. Um minuto de atenção pode fazer a diferença na vida de uma pessoa.

Existe uma diferença peculiar entre fazer uma atividade de Capelania e um Evangelismo. Capelania é ato frequente e rotineiro a um mesmo local e a um mesmo público. Exige a disciplina de estar no mesmo local nos dias previamente determinados no horário proposto, visando acompanhar espiritualmente o grupo ao qual está sendo dada assistência.

Ex: Se semanalmente a pessoa vai a um presídio, mas a cada visita ele atende a um bloco ou cela diferente, a ação é de Evangelismo. Se o atendimento

é ao mesmo bloco e ao mesmo grupo de pessoas, consistindo num acompanhamento espiritual, torna-se um ato de Capelania.

Faz-se necessário conhecer o contexto familiar da pessoa a ser ouvida. Esta interação deve ocorrer de uma forma natural, buscando quebrar as barreiras culturais entre os interlocutores, se houver. Não se deve impor uma imagem de superioridade, pois isso afasta a confiança da pessoa que está ali para se abrir e ouvir uma palavra de conforto da parte de Deus. Na visão de Ferreira (2010:21), “[...] não há Pedagogia sem envolvimento afetivo, sem relacionamento. Além de gostar de atender, deve-se gostar dos atendidos”.

Para McConnell & McKinley (2016:125), para ganhar a confiança de alguém que se deseja cuidar é necessário “[...] envolver-se em relacionamentos complicados [...] com problemas conjugais ou ajudar um novo convertido a caminhar lidando com as consequências do pecado passado”. Diz ainda que “queremos persuadir as pessoas, e não as manipular com temor ou promessas de coisas boas” (p. 121).

Os traumas pessoais, a exemplo de luto, desemprego, separação, enfermidade, dentre outros, são excelentes oportunidades para desenvolver a Capelania.

Para a Psicanálise, todo ser humano tem um vazio, e por este motivo ele procura outra pessoa para preenchê-lo. Só que o outro também tem um vazio em si, por isso o ser humano é um eterno insatisfeito, pois não encontra como preencher o seu vazio. Neste momento, a Teologia entra em cena dizendo que o vazio do Homem é do tamanho de Deus. O ativismo tem sido um “câncer” para a humanidade, trazendo doenças físicas ou psicossomáticas.

Não se deve pensar numa disputa entre o Capelão e o Psicólogo. O Capelão desenvolve uma atividade muito similar à de um psicólogo, com a diferença dele ser norteado principalmente pela Palavra de Deus. Ele deve ser amigo, companheiro, presto e hábil na hora de se manifestar. Um minuto de atenção pode fazer a diferença na vida de uma pessoa.

Um dos grandes problemas que impedem o ser humano de se preocupar com o próximo é o ativismo, que ganhou grande destaque com o Iluminismo. Essa hiperatividade gera os seguintes resultados:

- Pouco tempo, ou interesse, em ouvir o próximo;
- Grande causador da Depressão;

O modelo de aconselhamento, por que não dizer de Capelania, deixado por Jesus foi de compreensão e ajuda. Não haviam acusações ou gritos, mas ao contrário ele buscava desenvolver a amizade com seus ouvintes. Não obstante, Ele era imparcial. Não aceitava o pecado. Ninguém O convencia disso (João 8:46).

Deus se preocupa com os excluídos desde o princípio (Josué 20:1-3; Números 35:6-7), e ser ouvido é maior necessidade do Ser Humano.

Todo capelão tem que ter características peculiares para o exercício do seu ministério. Conforme Ferreira (2010):

- O Capelão deve manter o controle emocional diante das circunstâncias adversas;
- O Capelão deve ser honesto, ético, calmo e equilibrado;
- O Capelão deve incentivar ações positivas que favoreçam uma vida melhor;
- O Capelão nunca deve desperdiçar a oportunidade de falar do evangelho.

A empatia é um processo necessário para o bom desenvolvimento da Capelania. Para Ferreira (2012:56), “[...] ouvir pessoas e dar um pouco de atenção para as mesmas é uma atitude de grande eficiência terapêutica”. Ele ainda afirma algumas atitudes de Jesus ao se relacionar com o povo, ou seja:

- Ele entrava no meio da multidão;
- Ele penetra os pensamentos;

- Ele não condena os pecadores desesperados;
- Ele aceitava ser interrompido;
- Ele não fazia publicidade de si mesmo;
- Ele não se importava de ser considerado ridículo ou estranho.

Para se admoestar uma pessoa, é imprescindível possuir:

- Convicção – Diz o ditado que quem não sabe para onde quer ir é melhor nem sair do lugar em que está. Se não houver convicção, não será possível demonstrar confiança e não se alcançará êxito (I Pedro 3:15). No entanto, não percamos o bom tempero em nossas palavras (Colossenses 4:6);
- Coerência – Sonhar o tangível é estimular a busca para a vitória. Se não pudermos viver a fé que professamos é melhor ficarmos calados. A orientação do Apóstolo Tiago foi: “Não se enganem; não sejam apenas ouvintes dessa mensagem, mas a ponham em prática” (Tiago 1:22, NTLH).
- Cooperação – Somos desafiados a levar a carga um dos outros (Gálatas 6:2). O próprio Cristo ensinou que como queremos que façam conosco façamos nós também (Mateus 7:12).

De todos os dons elencados no Novo Testamento, os que naturalmente atuam na área de Capelania são:

- Misericórdia;
- Palavra de Sabedoria;
- Encorajamento / Exortação
- Repartir
- Serviço / Diaconia.

CARACTERÍSTICAS PECULIARES DE UM CAPELÃO

- O Capelão deve manter o controle emocional diante das circunstâncias adversas;
- O Capelão deve ser honesto, ético, calmo e equilibrado;
- O Capelão deve incentivar ações positivas que favoreçam uma vida melhor;
- O Capelão nunca deve desperdiçar a oportunidade de falar do evangelho.

QUALIDADES DESEJADAS A QUEM DESEJA ADMOESTAR

Convicção – Diz o ditado que quem não sabe para onde quer ir é melhor nem sair do lugar em que está. Se não houver convicção, não será possível demonstrar confiança e não se alcançará êxito (I Pedro 3:15). No entanto, não percamos o bom tempero em nossas palavras (Colossenses 4:6);

Coerência – Sonhar o tangível é estimular a busca para a vitória. Se não pudermos viver a fé que professamos é melhor ficarmos calados. A orientação do Apóstolo Tiago foi: “Não se enganem; não sejam apenas ouvintes dessa mensagem, mas a ponham em prática” (Tiago 1:22, NTLH).

Cooperação – Somos desafiados a levar a carga um dos outros (Gálatas 6:2). O próprio Cristo ensinou que como queremos que façam conosco façamos nós também (Mateus 7:12).

Vejamos alguns tipos possíveis de Capelania que a Igreja pode trabalhar:



1. CAPELANIA HOSPITALAR

A ideia de Capelania Hospitalar remonta de muitos anos atrás, mais precisamente a partir do século IV. A Igreja começa a ficar preocupada com a saúde da população, e os Mosteiros começam a fazer atendimentos aos doentes, pobres, peregrinos e órfãos. A França foi o país que primeiramente se destacou nessa prática humanitária.

Com o advento do Iluminismo, apareceu a ideia equivocada de se suspender o atendimento humanitário prestado pela Igreja. Nessa nova concepção, esse atendimento deve ser realizado apenas pelo Governo, pois de outra forma, seria humilhante receber tal tipo de ajuda.

“O Ministério de Capelania Hospitalar é uma atividade espiritual de apoio aos cuidadores em suas diversas áreas dentro de um hospital.”
(Ribeiro:2016,27)

A Teologia aqui torna-se prática. Sai da esfera teórica para mostrar ao mundo que o Evangelho vai além da Palavra pregada.

Para Zabatiero (2005,26):

Teologia (prática) é discurso crítico e construtivo sobre a ação cristã no mundo. Fundamenta-se no discernimento da ação de Deus e se constrói em diálogo – crítico e construtivo – com os discursos sobre a ação não cristã e sobre a ação anticristã. A racionalidade da Teologia consiste de uma teoria crítico-discursiva da ação. Sua finalidade é construir para o aperfeiçoamento da ação cristã na contemporaneidade, em resposta crística – na energia do Espírito Santo – à ação de Deus no mundo. [...] Teologia (prática) é discurso, ação comunicativa, atividade comunitária e não individual e isolada. Como tal, constrói-se a partir de reflexão, diálogo e confronto.

A Capelania Hospitalar existe para fortalecer, aconselhar, consolar e apoiar os enfermos e seus familiares. Ela é interdenominacional, buscando dar apoio espiritual em unidades hospitalares e nos lares, e como tal deve ter um relacionamento amistoso com os religiosos de outras religiões e/ou denominações.

Ser Capelão é exercer um ato diaconal. É exercer a práxis da Palavra de Deus. Cuidar dos enfermos é trazer o céu à Terra. É uma demonstração de Teofania. É um apoio imprescindível a qualquer unidade hospitalar, haja vista que o corpo médico foram preparados para lidar com assuntos físicos e não espirituais.

Para Ribeiro (2016,31):

A Capelania colabora na formação integral do ser humano, oferecendo oportunidade de conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação dos valores e princípios éticos, na revelação de Deus para o exercício da cidadania. A Capelania realiza também a assistência espiritual, social e emocional às famílias de enfermos, equipes de saúde dos hospitais e estudantes de medicina.

O papel do Capelão nas unidades hospitalares é de atuar em cada leito, dando apoio nos pré e pós operatórios, agindo como companheiro do enfermo no seu momento de luta contra a doença, ajudando-o a carregar o fardo da enfermidade.

Por isso, Ribeiro (2015,13) fala que:

O desafio está em apresentar-lhes um Deus que é todo amor, que é presente, que acompanha o ser humano em suas lutas, angústias e dificuldades.

Deus, na sua soberania, age até no sofrimento. Foi assim no caso de Jó, e continua sendo hoje, pois os seus propósitos são imutáveis. Quando Ele age, ninguém pode impedir (Isaías 43:13).

Muitas vezes, o sofrimento vem para mudar nossas atitudes. Vejamos o Salmo 119:67.71 (NTLH):

⁶⁷ Antes de me castigares, eu andava errado, mas agora obedeço à tua palavra.

⁷¹ Foi bom que eu tivesse sido castigado, pois assim aprendi os teus mandamentos.

A esperança é que Deus sabe que o ser humano é pó e nunca nos abandona, mesmo em momentos de dor, por mais que pareça que sim. Conforme Isaías 49:15 (NTLH):

O SENHOR responde:

Será que uma mãe pode esquecer o seu bebê?

Será que pode deixar de amar o seu próprio filho?

Mesmo que isso acontecesse, eu nunca esqueceria de vocês.

A Capelania Hospitalar serve tanto para o enfermo e seus familiares, como para o próprio Capelão, pois ele perceberá como nossa vida é curta e repensará suas atitudes. A Bíblia, como uma autêntica faca de dois gumes, nos alerta em Eclesiastes 7:2 (NTLH):

É melhor ir a uma casa onde há luto do que ir a uma casa onde há festa, pois onde há luto lembramos que um dia também vamos morrer. E os vivos nunca devem esquecer isso.

O papel do Capelão nas unidades hospitalares é de atuar em cada leito, dando apoio nos pré e pós operatórios, agindo como companheiro do enfermo no seu momento de luta contra a doença, ajudando-o a carregar o fardo da enfermidade.

ACESSO AO HOSPITAL

Geralmente o setor responsável para atender os que desejam realizar as visitas religiosas, é o departamento de Humanização. Procure informações na recepção do hospital a respeito deste departamento e informe que você deseja realizar o trabalho de Capelania voluntária, para que você possa ser orientado.

Normalmente o departamento responsável pela Capelania do hospital, realizará o seu cadastro para que você possa realizar as visitas, que normalmente ocorreram em dias e horários específicos determinados pelo hospital. Caso existam reuniões, palestras, etc, é muito importante a sua participação para que você esteja informado da forma de trabalho do hospital e também das regras internas, específicas da instituição.

COMPORTAMENTO NO HOSPITAL

1. O hospital é uma instituição que busca cura física. Devemos respeitar o ambiente, a estrutura hospitalar e trabalhar dentro das normas estabelecidas. Como evangélicos a Constituição Brasileira nos dá direitos de atendermos os doentes, porém não é um direito absoluto. Devemos fazer nosso trabalho de forma que não atinja os direitos dos outros.

2. Como é que você encara uma doença ou o sofrimento humano? Tem que avaliar suas atitudes, seus medos, suas ansiedades, etc. Nem todos podem entrar numa enfermaria ou visitar um doente no lar, porque não é fácil lidar com situações que envolvem o sofrimento humano.

3. Quando visitamos os enfermos devemos estar atentos aos seus sentimentos e preocupações. Nossa agenda precisa priorizar os assuntos que eles desejam abordar.

4. Como crentes em Jesus temos algo que todos desejam: esperança. Devemos expressar esta esperança de maneira realística e com integridade.

Tenha cuidado com promessas feitas em nome de Deus. Podemos levar palavras seguras, mas devemos evitar a criação de falsa esperança.

- **5.** Observar e respeitar as visitas de outros grupos. Faça seu ministério sem competir ou entrar em conflitos. Seja uma boa testemunha.
- **6.** Saiba utilizar bem nossos instrumentos de apoio que são: a oração, a Bíblia, o apoio da igreja, e a esperança em Jesus Cristo, o Médico dos médicos.
- **7.** Ore e confie no Espírito Santo para lhe ajudar.
- **8.** Aprenda os textos bíblicos apropriados para as visitas hospitalares ou nos lares dos enfermos.

QUAL O PROPÓSITO DO MAL NA VIDA DE UMA PESSOA?

A Teodiceia é um dos assuntos mais polêmicos que se encontra no mundo teológico. Existe alguma necessidade de Deus se justificar?

A humanidade não pode perder de vista a existência da Soberania de Deus, que faz o que quer, como quer, na hora que Ele quer. Tudo que o Senhor faz tem um propósito, e nós, na nossa finitude, nunca seremos capazes de obtermos todas as respostas para as nossas perguntas. Deus, ao responder aos questionamentos de Jó, deixou-o numa situação embaraçosa:

⁸ Será que você está querendo provar que sou injusto, que eu sou culpado, e você é inocente? (Jó 40)

O texto de Isaías 45 traz muita confusão à mente da humanidade. De qual mal Deus está falando?

⁷ Eu sou o Criador da luz e da escuridão e mando bênçãos e maldições; eu, o SENHOR, faço tudo isso.



Podemos apontar 02 tipos de mal: o Moral (injustiça); e o Físico (sofrimento). A cultura na qual estivermos inseridos determinará a forma que se vê e se lida com as intempéries da vida.

Conforme Keller, 04 abordagens destacam-se no que tange à forma das culturas verem a situação do sofrimento:

- Culturas auto transcendententes – “[...] incentivam os sofredores a pensar de modo diferente”;
- Culturas Moralistas – Induzem a pessoa “a viver de modo diferente”;
- Culturas Fatalistas – Prega que se deve “aceitar o destino com nobreza”;
- Culturas Dualistas – Ensina “a colocar a esperança no futuro”.
(p. 30)

Toda dor que sentimos ou situações angustiantes que passamos tem o seu propósito e não devem ser desprezados. Todo sofrimento traz uma oportunidade e uma responsabilidade. Faz-se necessário determinar o que é “mal” definindo qual será nosso ponto de partida para esta análise. Para tanto, precisa estar claro para nós o que não é considerado “mal”.

Buscando conceituar o termo Teodiceia, usaremos a definição de Sayão (p. 27) que diz que “quando se procura justificar a Deus, tentando salvaguardá-lo com respeito a uma responsabilidade direta com respeito ao mal, constrói-se uma Teodiceia”.

Existem vários tipos de Teodiceia. Podemos destacar:

- Teodiceia do Livre Arbítrio – O mal existe buscando um bem maior. Deus permite o mal sem ser o autor dela. Ele existe porque a sua antítese existiu antes, ou seja, o bem. “O raciocínio básico é essencialmente retributivo”. (Sayão, p. 29)
- Teodiceia Pedagógica – O mal serve para fazer a humanidade amadurecer. No entanto, é importante atentar ao fato que nem



sempre o sofrimento traz maturidade e em outras situações o preço é mais alto do que a recompensa.

- Teodiceia Escatológica – O sofrimento pelo qual passamos aqui não se compara à glória futura que teremos.
- Teodiceia Protelada – Não será possível enquanto estivermos vivos compreendermos o motivo pelo qual passamos por tanta dor e sofrimento.
- Teodiceia da Comunhão – “O sofrimento é a grande oportunidade para deus e o homem entrarem em comunhão e colaboração”. (Sayão, p. 31)

Existem outros grupos que procuram analisar o mal fugindo da linha teísta. Eles preferem:

- Negar o mal, considerando-o uma ilusão. É uma linha muito contestada, haja vista a frequente repetição das ocorrências e que faz parte da história da humanidade.
- Negar a Deus, crendo que se o mal existe é impossível que Deus exista. Caso ele venha a existir paralelamente ao mal, então, Ele não é bom o suficiente nem tampouco tão poderoso quanto se prega, haja vista não o conseguir eliminar.

Um dos grandes problemas pelo qual passamos é que as principais histórias de fé foram escritas levando-se em consideração uma cultura Oriental, a exemplo da própria Bíblia. Conforme Keller (p. 26), “[...] nossa cultura praticamente não oferece instrumento nenhum para lidarmos com tragédias. As pessoas precisam olhar para muitas outras culturas e religiões [...] Elas tiveram que se arranjar sozinhas”.

Para o Ocidente, tudo o que existe é o que pode ser visto. O hedonismo é uma marca que rege nossos comportamentos, onde devemos desfrutar de tudo da melhor forma possível, evitando o sofrimento a qualquer custo.

Existem ao menos 04 visões que buscam ajudar as pessoas a reagirem ao mal e ao sofrimento. São elas:



- Visão Moralista: “[...] a dor e o sofrimento resultam do fracasso das pessoas em viver corretamente [...] A doutrina do carma talvez seja a forma mais pura de visão moralista. ”
- Visão Auto transcendente: “[...] a solução para o sofrimento é extinguir o desejo por meio de uma mudança da consciência. Temos de desligar o coração das coisas materiais e transitórias, e das pessoas.” Amar traz sofrimento.
- Visão Fatalista: “[...] render-se à misteriosa vontade de Deus sem questionar é uma das exigências centrais da retidão. [...] submeter-se a um destino divino penoso sem fazer concessões ou reclamações era a mais alta virtude e, portanto, um modo de encontrar grande sentido no sofrimento. ”
- Visão Dualista: “[...] o mundo não está sob o controle total do destino ou de Deus [...] é um campo de batalha entre as forças das trevas e as forças da luz.” (Keller, p. 29)

Ainda, conforme Keller (p. 30), pode-se resumir essas visões assim:

As culturas Auto Transcendentes incentivam os sofredores a pensar de modo diferente; as culturas Moralistas, a viver de modo diferente; as culturas Fatalistas, a aceitar o destino com nobreza; e as Culturas Dualistas, a colocar a esperança no futuro.

Todas elas visam a orientar as pessoas a se prepararem para o iminente mal, que a dor auxilia o crescimento e que a responsabilidade é pessoal. Em qualquer caso, é dada uma oportunidade; por isso, não se deve desperdiçar essas experiências.

Numa visão secular, a preocupação é diminuir e controlar a dor. Uma das causas de tanta vulnerabilidade é que a humanidade trocou o bate papo pelos remédios. Muitas vezes desabafar com a pessoa certa, ou buscar corrigir a falta cometida seria o suficiente para amenizar a situação. Numa visão Iluminista, “a noção da presença ordenadora de Deus começa a desaparecer. Surge a percepção de que conseguimos manter a ordem do mundo por nós mesmos”. (Keller, p. 38)



Não podemos esquecer que tristeza profunda nem sempre é problema psiquiátrico. Por negligenciar fatos como este, o secularismo tem se tornado a quinta visão sobre o sofrimento e faz com que seus adeptos aumentem sua porção de urgência e desespero. Uma antítese ao proposto por Jesus em Mateus 11:

28. Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso.

29. Sejam meus seguidores e aprendam comigo porque sou bondoso e tenho um coração humilde; e vocês encontrarão descanso.

30. Os deveres que eu exijo de vocês são fáceis, e a carga que eu ponho sobre vocês é leve.

O Cristianismo, por sua vez, permite aos seus adeptos questionarem o motivo da sua dor, e o livro de Jó é uma mostra disso. Apesar de Deus dar uma dura lição ao personagem principal deste livro, ele desfaz a visão Budista sobre o sofrimento.

Os Cristãos, normalmente, consideram o sofrimento como algo desproporcional e injusto. Não obstante, creem que “ele tem um propósito e, se enfrentado da forma correta, pode nos mergulhar profundamente no amor de Deus e em tamanha estabilidade e poder espiritual como nunca imaginamos existir”.

Mas, antes de analisarmos mais profundamente o Cristianismo, vejamos um pouco sobre o berço da nossa fé, o judaísmo. Como essa cultura foi educada sobre este assunto?

O MAL NA VISÃO JUDAICO-CRISTÃO

O antigo Oriente Próximo tinha como hábito crer em mitos. Através deles muitos fatos eram explicados. Para os egípcios, o caos é o responsável pelo surgimento da Ordem no Universo. Assim sendo, o mal é antecessor da humanidade; ele é real. Baseados na Mitologia, criam que Osíris era o todo poderoso que comandava o mundo dos mortos.

Na visão bíblica, o mal é decorrente da escolha humana. Conforme Sayão (p. 41), “[...] o mal procedeu do abuso da liberdade”. Crê-se no “Princípio da Retribuição”, onde existe consequência em tudo o que se faça, ainda que não ocorra de maneira imediata. Até mesmo quando não há um pecado praticado (como no caso de Jó), ele crê que o mal que lhe adveio é devido alguma presunção indevida. Para os cristãos, “o sofrimento é uma oportunidade de se imitar a Cristo e de crescimento espiritual” (Sayão, p. 44).

Os Filósofos e Teólogos têm visões distintas sobre esse mesmo tema. Para Agostinho, Deus permite o mal para algo bom, e que a existência do pecado deu a chance de mostrar o amor de Deus, pois assim Ele poderia enviar Seu Filho para morrer pela humanidade.

Já Irineu, um pensador da Idade Média, discordava da ideia de que Deus tivera feito tudo perfeito. A obra prima da Sua criação, o Homem, para ele não passava de uma criança imatura e que a queda não arruinou a humanidade, mas retardou a sua maturidade.

Para os Judeus, não é concebível a ideia de que o mal procede de Deus. Na sua concepção, é uma consequência da vontade humana e que uma pessoa ou um grupo pode sofrer as consequências pelo pecado. A existência do mal como criação divina pode ser entendida se vista como coadjuvante do bem, como instrumento de ajuste moral.

O EFEITO PRÁTICO DO SOFRIMENTO NA HUMANIDADE

Conforme Mêncio, *apud* Keller (2016:p. 47), “antes de designar alguém para um trabalho importante, o Céu obriga a mente dessa pessoa a suportar o sofrimento”. Se não aprendermos a superar as perdas não conseguiremos nos sentirmos livres, alegres e amorosos.

Conforme escrito em Mateus 6:20, devemos nos dedicar a construirmos riquezas que não se desfarão nesta vida. Para os cristãos primitivos, o sofrimento aumentava a fé. Conforme Keller (2016:p. 55):

Ao contrário de hoje, época em que o sofrimento e o mal tornam a fé cristã vulnerável à críticas e dúvidas, para os primeiros cristãos o sofrimento e as adversidades da vida eram um dos motivos principais para abraçarem essa fé.

Deus nunca desejou que o homem sofresse. Não fazia parte do plano original a morte, as dificuldades e o sofrimento. Também não se objetivou uma Teologia da Pobreza, uma vez que Deus não proibiu ter bens materiais, mas sim apegar-se a elas. Qualquer coisa que seja prioridade em nossa vida que não seja Deus torna-se idolatria, e isso é abominável ao Senhor.

O Reino de Deus veio acabar com a frase mórbida cantada pelos corvos e repetida por muita gente de “nunca mais”. A partir de Cristo, os sonhos perdidos voltam a ser restaurados e tomamos a consciência de que o sofrimento pode servir para: 1) corrigir padrões errados; 2) prevenir erros futuros; 3) amar a Deus com mais fervor pelo quem Ele é, e não só pelo que Ele faz.

Assim como Lutero questionava, muitos de nós ainda hoje perguntamos por que nossa vida tem momentos de mergulho na escuridão e na dor. Nem mesmo Cristo se eximiu de passar por momentos como estes. Conforme Keller, “sabemos que o caminho para o alto é a descida. O caminho para o poder, a liberdade e a alegria atravessa sofrimentos, perdas e dores”.



Com o advento do Iluminismo, a humanidade passou a dar menos importância para o sagrado e passou a enfatizar mais a força do Homem e do universo. A sociedade era mais humilde na sua forma de explicar as intempéries da vida. Ideias como a do Deísmo tomaram impulso, tornando Deus um ser distante que não interfere no desenvolver do Mundo. Fortaleceu-se o pensamento de que Deus criou a Terra para nos servir em detrimento do fato de que fomos criados para adorarmos a Ele.

Existem pelo menos 04 tipos de mal conhecidos no Cristianismo. São eles:

- Mal Moral: É algo que fere a Moralidade e os bons costumes de uma sociedade ou comunidade. Muitas vezes ocorre com a presença de alguém de má índole no meio do povo (I Coríntios 15:33). O pecado de um no meio do povo sem arrependimento e correção traz o peso da consequência a toda comunidade (Josué 7).
- Mal Natural: Infortúnio ou Destino. Para muitos, não se difere do Mal Moral, haja vista que todo mal é consequência das atitudes prévias.
- Má Doutrina: A Doutrina do Senhor quando empregada de forma contrária à Sua revelação, traz confusão e até morte espiritual dentro do povo.
- Mal Eclesiástico: Qualquer associação indevida com práticas que firam o princípio divino leva a humanidade a caminhos que a princípio parecem direitos, mas seu destino leva à morte.

Considerando o Mal Moral, Keller (2016:p.72) explica que “como nos afastamos de Deus, era compreensível que nosso mundo fosse um lugar sombrio e fragmentado [...]”. No entanto, este mesmo Mal Moral “[...] ofende as pessoas que creem num Deus que existe para nos beneficiar e confunde aquelas que não acreditam que somos todos necessitados de salvação unicamente pela Graça” (2016:p.75). Ou seja, o consenso não existe para quem não tem a revelação do Espírito Santo.



No entanto, de uma coisa podemos ter certeza: é no sofrimento que todos, independentemente de cor, raça ou religião, lembram de Deus, quer seja por pedir clamor, quer seja para reclamar ou ofendê-lo. Por mais que cotidianamente a pessoa viva um estilo de vida mais independente, mais Iluminista, no momento da dor normalmente buscam refúgio em culturas e religiões espiritualistas. Conforme Barkhorn, *apud* Keller (2016:p.87), “não existem ateus nas trincheiras”. O caminho que tomamos ao sofrermos pode nos atrair ou nos afastar de Deus.

Qual a melhor oportunidade da humanidade ver Cristo em nós se não for no momento de sofrimento?

O modo de enfrentarmos o sofrimento é uma das maneiras mais importantes de nos tornarmos nobres, semelhantes a Cristo, santos e felizes, e representa uma forma vital de testemunharmos ao mundo o amor e a Glória do Salvador. (Keller, p. 94)

[...] um dos ensinamentos mais importantes da Bíblia é que praticamente ninguém alcança a grandeza ou encontra a Deus sem sofrimento [...] (Keller, p. 97).

OS EFEITOS DO SECULARISMO

Dizem que até para ser ateu é necessário crer em algo para poder descrever de outra. Nenhum ser humano é desprovido de alguma crença. O próprio secularismo, termo usado para designar tudo aquilo que não é sagrado, é considerado um sistema de crença dentro das cosmovisões, e o mais fraco deles. “[...] a pessoa depende de Deus para construir seu argumento contra Deus” (Keller, p. 123).

Um dos maiores males que ocorreu na história da humanidade, sob o disfarce de algo bom, foi o Iluminismo. Sob o pretexto de iluminar a vida humana, libertando-o das prisões das crenças espirituais, na verdade o que ele trouxe foi



um distanciamento de Deus e um sentimento de autossuficiência, trazendo a rebeldia e a separação do que é divino. “A revolta contra o SENHOR é tão grave como a feitiçaria, e o orgulho é pecado como é pecado a idolatria” (I Samuel 15:23). A busca por entender o mal começou a ser despertado na sociedade após o surgimento do Iluminismo.

Quem ainda não ouviu falar sobre o tema: “Deus está morto?”. A busca pela compreensão do sofrimento fez a humanidade questionar sobre a Sua existência, mas aos poucos foi reputada a ideia da inexistência divina sendo substituída pela possibilidade d’Ele não existir.

Nas tentativas de se explicar Deus (Teodiceias), muitas teorias têm surgido. Nelas há compreensões distintas sobre o sofrimento. Para alguns, se o ser humano não sofresse não seria possível seu crescimento pessoal. Sentimentos como humildade, coragem, autocontrole e fidelidade, dentre outros, não se desenvolveriam. Outrossim, consequências imediatas nas coisas boas ou más que a pessoa fizer só a fará ser robotizada.

A justificativa mais conhecida, e talvez a mais aceita, é a do Livre Arbítrio. Cunhada por Agostinho, esse passou a ser o principal motivo para a existência do mal, pois o uso desenfreado da nossa liberdade nos leva a pecar e às suas consequências.

Porém vocês, irmãos, foram chamados para serem livres. Mas não deixem que essa liberdade se torne uma desculpa para permitir que a natureza humana domine vocês. Pelo contrário, que o amor faça com que vocês sirvam uns aos outros. (Gálatas 5: 13).

A principal tese dessa Teodiceia é que quem ama não prende. Por nos amar, Deus não nos prendeu a uma única opção de obedecê-lo, mas nos deu a liberdade de ficarmos com Ele por amor e não por obrigação. Por conta disso, cada um de nós podemos escolher o caminho a seguir. Essa visão foi amplamente difundida entre os poetas as se referir também ao amor entre as pessoas.



Seguindo esse ponto de vista, crê-se que o mal não pode ter sido criado. Ao contrário, ele é uma consequência natural quando a pessoa se desvia dos propósitos divinos. No entanto, para muitos críticos, essa Teodiceia explica apenas o “Mal Moral” em detrimento dos demais. Por isso, não é amplamente aceita.

Por que, então, Deus não criou a humanidade com o poder de escolha, mas sem a possibilidade de errar? Assim como será no céu, onde estaremos livres de todas as dores, não poderia ser aqui na Terra também? Poderia, sim, eu creio, desde que a humanidade não vivesse pecando. Todo pecado aprisiona e não há liberdade verdadeira vivendo nele. No céu, não haverá pecado, portanto, seremos livres mesmo sem termos a escolha de errar.

É certo afirmar que existem leis naturais e que quando as desobedecemos fatalmente haverá alguma consequência. Creio que não há a necessidade de Deus se “levantar do seu trono” para punir ninguém, pois Seus princípios são imutáveis e as consequências por descumpri-los são certos. O próprio universo já reagirá de acordo às nossas ações.

Não obstante, isso não explica tudo, pois muitos sofrem sem motivo aparente. Para isso pode-se atribuir a culpa ao pecado original ou a uma experiência que Deus quer que passemos. Seguindo por essa linha, podemos concluir que “[...] talvez Deus tenha razões para a existência do mal que, a seu ver, ultrapassam o desejo da não existência do mal” (Keller, p. 115). Ou seja, é compreensível que se permita que alguém sofra para que isso sirva de aprendizado ou que se livre de algo pior. Um exemplo bem simples disso é levarmos nossos filhos para tomarem injeção, pois assim ele ficará protegido contra doenças futuras.

Novamente, como reflexo do pensamento Positivista, achamo-nos no direito de sabermos antecipadamente se algum mal nos ocorrerá, como se Deus fosse nosso empregado e nos devesse satisfação. A onisciência divina não o obriga a nos dar satisfações dos seus atos. Ele é o Senhor, e nós, seus servos, quer gostemos disso ou não. “Apenas um cérebro onisciente conseguiria entender a complexidade de dirigir um mundo de criaturas livres em direção a objetivos estipulados” (Keller, p. 120).

RESPOSTAS AO NOSSO CORAÇÃO

Até aqui falamos de vários pensamentos sobre o mesmo assunto para que cada um creia naquilo que achar mais pertinente, A partir de agora falarei daquilo que creio, na forma como a Sua Palavra fala ao meu coração.

Em Jeremias 17:10 o Senhor diz: “Eu, Jeová, esquadrinho o coração, provo os rins, para dar a cada um segundo os seus caminhos, segundo o fruto dos seus feitos”. Conhecer o coração significa que nossos sentimentos não são mistérios para Deus, e provar os rins significa que ele conhece o profundo do nosso ser. Ele sabe que somos pó e conhece a nossa estrutura (Salmos 103:14). Àquele que está em Cristo, que já o reconheceu como seu Senhor e Salvador, Paulo declara que:

As tentações que vocês têm de enfrentar são as mesmas que os outros enfrentam; mas Deus cumpre a sua promessa e não deixará que vocês sofram tentações que vocês não têm forças para suportar. Quando uma tentação vier, Deus dará forças a vocês para suportá-la, e assim vocês poderão sair dela. (I Coríntios 10:13)

A humanidade foi levada a acreditar no Deísmo, num Deus distante despreocupado com as nossas necessidades. Para esses, é obrigação do Senhor criar um mundo que beneficie o ser humano e satisfaça as nossas necessidades.

Keller, na página 135, faz duas citações que merecem nossa atenção e discutiremos a partir daqui com base nelas:

“Será que Deus não permite a existência do mal porque ele resulta em muito mais glória e alegria do que teríamos de outra forma? ”



“Sem o pecado e o mal jamais conheceríamos a coragem de Deus ou a extensão impressionante de seu amor, ou a glória de uma divindade que deixa seu trono e vai para a cruz.”

Sim, eu creio que Deus permita algumas situações, independente de algo que tenhamos feito, para que amadureçamos e tenhamos uma experiência ímpar que não teríamos se fosse por outra forma.

O fato de Deus permitir a existência do mal ou do pecado é complexo de admitir, mas entendo que Ele permitiu e ainda permite que tais coisas ocorram para que a humanidade conheça a profundidade do amor d’Ele para conosco. Se assim não fosse, qual outra forma Jesus poderia usar para revelar a imensidão do Seu amor por nós? Qual necessidade teria d’Ele via à Terra morrer por cada um de nós se a raça humana não tivesse perdida? Naturalmente, esse não era o plano inicial de Deus, mas Ele permitiu que agíssemos assim pois já sabia previamente que teria uma forma irrefutável de vencer e banir o poder das trevas. Interessante que nem Lúcifer, que dividia o espaço celestial com o Senhor percebeu tal Sabedoria divina e pensou que levando a humanidade ao pecado estaria destruindo os planos de Deus. Ledo engano. Jeová sempre teve o controle de tudo em Suas mãos, e nada muda Seu propósito e não há quem mude seus princípios. Ele é o Senhor e fora d’Ele não há deus (Isaias 45:5). Ele é quem tira a vida e a dá. Faz descer à sepultura e faz subir (I Samuel 2:6). “De que adiantaria a utilização de todos os métodos de libertação e cura, sendo que o problema desses cristãos nada tem a ver com tais coisas e sim, com Deus?” (Emerich, 2013:37).

A Bíblia declara que Cristo é verbo que se fez carne e habitou entre nós (João 1). “O Deus encarnado é um Deus que sofre. Sem esse sofrimento, sem a agonia da cruz, a encarnação não proveria a solução para o problema do sofrimento [...]” (Keller, p. 137). Paula declara que

Pois em Cristo, como ser humano, está presente toda a natureza de Deus. (Colossenses 2:9)

Durante a sua vida aqui na terra, Cristo, em voz alta e com lágrimas, fez orações e súplicas a Deus, que o podia salvar da morte. E as suas



orações foram atendidas porque ele era dedicado a Deus. (Hebreus 5:7)

O nosso Grande Sacerdote não é como aqueles que não são capazes de compreender as nossas fraquezas. Pelo contrário, temos um Grande Sacerdote que foi tentado do mesmo modo que nós, mas não pecou. (Hebreus 4:15)

O nosso sofrimento é uma prova de que Deus nos ama, apesar de não sabermos porque Ele permite o mal e o sofrimento, nem tampouco porque ocorre de forma aleatória. Uma coisa é certa: Ele se preocupa conosco e sabe o melhor para as nossas vidas.

Sempre seremos tentados, pois o inimigo das nossas almas quer nos ver derrotados. Sempre que ele sofre uma derrota ele muda a sua forma de atacar e cresce novamente contra nós. No entanto, Bem-Aventurado aquele que suporta a provação (Tiago 1:12).

Jesus odeia o mal, o sofrimento e a morte. O mal se opõe à Deus e à Sua criação. Quando Ele foi ressuscitar a Lázaro, não chorou apenas de tristeza, mas ficou severamente enraivecido com a morte. No Grego, o termo *embrimaomai* significa “instruir com rigor, criticar severamente”. E foi isso que Cristo fez ao repreender a morte e chamar Lázaro de volta à vida.

“Deus está totalmente no controle do que acontece na história, mas exerce esse controle de tal forma que os seres humanos são responsáveis pelas atitudes que escolhem livremente pelos resultados que elas acarretam.” (Keller, p. 158).

Embora agora não tenhamos compreensão de tudo o que nos acontece, temos de ter em mente que o Senhor está no controle de tudo e que, se algo aconteceu conosco em nosso passado ou no presente, algo que nos tenha ferido profundamente, um dia teremos maior clareza dos propósitos eternos de Deus. (Emerich: 2013b, 32)



“O plano de Deus se realiza por meio das nossas escolhas e não à volta ou apesar delas. Nossas escolhas têm consequências e Deus jamais nos força a fazer nada.” (Keller, p. 159)

Os grandes homens de Deus são perseverantes em servir ao Senhor e, mesmo nos momentos mais difíceis, conseguem fazer permanecer acesa a chama da fé e da obediência. (Emerich: 2013b, 42)

“A morte de Jesus estava destinada a acontecer pela vontade de Deus; era impossível que isso não acontecesse. Mas aqueles que O traíram e O mataram não foram obrigados a isso. Agiram de livre e espontânea vontade e foram totalmente responsáveis e culpados por suas decisões.” (Keller, p. 160)

Deus jamais perde o controle da situação. Jesus foi um Rei que veio não para um trono, mas para uma cruz. Em Hebreus 5:8 fala que Ele aprendeu com o sofrimento, e assim como nós, sentiu-se esquecido por Deus enquanto agonizava na cruz. Ele sabe o que é sofrimento, não apenas por sua onisciência, mas por experiência própria. Por amor à nós, sofreu a agonia da morte, a separação da pessoa amada (o próprio Deus) e a destruição temporária da Sua família (a Trindade). Tudo isso para nos livrar da ira do pecado e da morte eterna.

Assim como Jesus assemelhou-se à nós através do sofrimento, poderemos nos assemelhar a Ele se aprendermos a lidar com o sofrimento tendo fé, paciência e perseverança. A soberania de Deus torna o sofrimento algo menos constrangedor.

Foi através do sofrimento na cruz que Cristo conquistou a nossa confiança. Foi lá que Ele se tornou vencedor sobre a morte, o diabo e seus anjos. Deus derrota o mal ainda que seja necessário utilizar o sofrimento, a agonia, a dor e a perda. Esse é um dos caminhos principais para sermos iguais a Ele. O nosso sofrimento é repleto de propósito e utilidade.

O sofrimento muda nossas prioridades e pensamentos. Em Romanos 5: 3-4 Paula fala que



³ E também nos alegramos nos sofrimentos, pois sabemos que os sofrimentos produzem a paciência,

⁴ a paciência traz a aprovação de Deus, e essa aprovação cria a esperança.

Nenhum amor deve ser maior do que o amor que oferecemos a Deus. Nada nem ninguém poderá substituir o Senhor em nossas vidas, nem mesmo nossos filhos, cônjuge ou qualquer outra coisa. Ao fazermos isso, estamos depositando nossa confiança em algo perecível e indigno de nossa adoração (Lucas 12: 16-21). “Confiar em Deus quando não o entendemos significa tratá-lo como Deus e não como um outro ser humano” (Keller, p. 193).

DETECTANDO AS CAUSAS DO SOFRIMENTO

Ninguém melhor do que o próprio Deus para nos dar o discernimento do que está ocorrendo conosco. Apesar de algumas indagações indevidas, Jó preferiu saber a causa dos acontecimentos através do Senhor do que acreditar nas teorias dos amigos. Não obstante, algumas pistas podem ser utilizadas para termos discernimento da origem do problema.

Os textos de Marcos 7: 33-35 e 9: 25-27 mostram-nos dois tipos de atitudes diferentes para sintomas semelhantes. Nem todo problema é espiritual, ou físico. Fica clara a distinção entre Cura e Libertação.

O diabo quando percebe que através da mentira não está conseguindo conquistar a atenção da humanidade ele parte para outra estratégia: os extremismos. Conforme Jones (1991), “o diabo é o pai de todos os extremos”. Mas isso não quer dizer que ele seja o culpado por todas as nossas mazelas.

Conforme Emerich (2013:30)

Uma palavra mal colocada, um comportamento escandaloso, uma traição, um bate-boca, um roubo e outras coisas podem ter contribuído para algumas derrotas em nossa caminhada espiritual.

Em alguns momentos o fato das coisas estarem travadas é pelo fato de estarmos num local onde Deus não nos colocou. Um exemplo clássico disso é a história de Jonas, que pôs em risco toda uma embarcação por tentar fugir dos planos divinos.

Outro exemplo emblemático é a origem do pecado em Gênesis 3. Apesar da principal responsável ter sido a serpente, Deus não inocentou os outros envolvidos. Todos, de alguma forma, foram responsabilizados por seus atos. Até quem não teve culpa sofreu as consequências, a saber: a Terra, para que se cumprisse a sentença sobre o Homem; e os animais, que também perderão o Paraíso.

As brechas que abrimos em nossas vidas dão legalidade para que o diabo atue com ataques indiretos, intensificando ainda mais as consequências naturais das nossas ações. Podemos inferir que “[...] a maioria dos ataques infernais se dá de modo indireto. O diabo só está nos atingindo porque encontra ainda em nossa vida algum ‘ponto de apoio’, ou seja, áreas vulneráveis” (Stedman, *apud* Emerich, 2013:121).

Os textos de I Coríntios 15: 33 e Salmos 1:1 alertam para a questão das alianças que fazemos. Elas podem ser de 04 tipos: as provenientes do sexo; aquelas feitas nas práticas espíritas e ocultistas; as firmadas entre pessoas (muitas vezes confirmada através de uma refeição), e a melhor de todas, aquelas realizadas com Deus. Cada aliança trará um tipo de consequência. “As partes que realizam uma aliança passam a estar ‘algemadas’ uma a outra’, ou seja, ficam presas espiritualmente ao compromisso estipulado” (Emerich: 2013c, 59).

Nossas atitudes irão nos proporcionar bênçãos ou maldições, sendo que a primeira traz multiplicação, enquanto que a segunda, traz travamento. Conforme Deuteronômio 30:19,

¹⁹ Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência.



Vivemos uma Teologia Imediatista, onde se prega que quem se converteu a Cristo não precisa mais de cura ou libertação, haja vista que tudo Ele levou na cruz. Na verdade, a única coisa imediata e gratuita (para nós) é a salvação, mas a santificação é um processo (Hebreus 12:14) e isso inclui todo o processo de limpeza do lixo espiritual existente em nós. Conforme um trecho da pregação da pastora Elis Pinheiro, “libertação não é espantar as moscas, e sim, retirar o lixo”. Na carta de Paulo aos Filipenses 2:12, ele fala sobre a necessidade de se desenvolver a salvação conquistada em Cristo, ou seja, apropriar-se dos direitos que obtivemos ao reconhecê-lo como nosso Senhor e Salvador:

¹² Assim, pois, amados meus, como sempre obedestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor.

Isso significa “[...] progredir em sua ‘saúde’ integral” (Emerich: 2013b, 15). Quando nossos problemas não são tratados adequadamente as consequências tendem a serem refletidas nos descendentes. Não estou falando necessariamente de uma Maldição Hereditária, pois muitos não acreditam nisso, mas isso se reflete até mesmo nas coisas mais simples e corriqueiras das nossas vidas. Pais que se drogam ou se prostituem, dentre outras coisas, se não se corrigirem, trarão danos aos seus filhos e familiares.

[...] os nossos problemas, quando ainda não estão resolvidos ou quando estão enterrados, aparentemente desaparecem, mas, quando menos imaginamos, reaparecem com uma força destruidora. (Emerich: 2013b, 81).

COMO NOSSO TEMPERAMENTO PODE CONTRIBUIR PARA NOSSAS ESCOLHAS

Para aqueles que, assim como eu, acreditam que o Ser Humano é tripartite: Corpo, Alma e Espírito, podemos dizer que a alma também pode ser subdividida em 03 partes: o Temperamento, o Caráter e a Personalidade.

LaHaye (1979:13), resumiu assim essa subdivisão: “[...] o Temperamento é a combinação de características com as quais nascemos; o Caráter, é o nosso temperamento ‘civilizado’; e a Personalidade, é o ‘rosto’ que mostramos ao próximo”.

Deus, em Sua infinita Sabedoria, não desejou que o Espírito Santo modificasse o nosso temperamento. No entanto, àqueles que se colocam sob à Sua Soberania recebe controle sobre suas atitudes. A linha da nossa emoção é muito tênue, e se nos afastamos de Deus perdemos o controle sobre eles. Ciente disso, o diabo trabalha nas nossas fraquezas, pois ele sabe o atalho para tentar nos derrotar.

O estudo sobre nosso temperamento remota há muitos anos atrás, ainda na época da Grécia antiga, pelo médico Hipócrates. Ele o distinguiu sob 04 características, a saber: Sangue, BÍlis Colérica, BÍlis Melancólica e Fleuma. Na Medicina Moderna, recebem novos nomes: Sanguíneo, Colérico, Melancólico e Fleumático. Veremos cada um deles numa ótica não só científica, mas também cristã.

A primeira coisa a se esclarecer é que ninguém possui um único temperamento. Na verdade, pelo menos 02 deles a pessoa possui, mas é coerente crer que contemos um pouco de cada, sendo que um deles é o predominante. Vejamos um pouco sobre eles:

SANGUÍNEO: É cordial, exuberante, vigoroso e eufórico. Esquece-se rapidamente das coisas que lhe desagradou e busca viver o presente. Costuma ser otimista. No entanto, ele é também desorganizado, inconstante, distraído e



improdutivo. Sua indisciplina o torna fraco, covarde, imoral, egoísta, irresponsável e lascivo.

COLÉRICO: É ardente, vivo, prático, ativo e voluntarioso. Considera-se autossuficiente e independente. Muito decidido e teimoso, possui autodisciplina e autodeterminação. É um líder nato, com sério risco de se tornar arrogante e autoritário. Possui inclinação a ser insensível, impetuoso, irado e indiferente. Pode ser agressivo, vingativo e indesejável.

MELANCÓLICO: É introvertido, um amigo fiel e muito desconfiado. Muito egocêntrico e tem os sentimentos à flor da pele. Sente-se perseguido e possui tendência à depressão. Pessimista, crê que o problema do passado voltará a lhe acontecer. Sua criticidade traz dificuldade para se casar.

FLEUMÁTICO: Possui um temperamento calmo, frio e bem equilibrado. Viver para ele é algo feliz, sereno e agradável. É coerente. Esconde seus sentimentos. O seu humor parece imperturbável. Bom conselheiro, prático e eficiente. No entanto, é moroso e indolente. Desmotivado, egoísta, conservador, obstinado e avarento.

Conforme LaHaye (1979:55),

O tipo Sanguíneo gosta das pessoas e depois se esquece. As pessoas aborrecem o Melancólico, mas eles as deixa seguir seus caminhos tortuosos. O colérico utiliza as pessoas para seu benefício próprio; mais tarde, ele as ignora. O Fleumático analisa as pessoas com indiferença desdenhosa.

Agora que lemos um pouco sobre cada um dos temperamentos, vejamos como eles podem nos separar ou nos unir a Deus. Já vimos que nossas atitudes podem precipitar a dor ou a alegria em nossas vidas.

Paulo fala em Efésios 5:18 para nos enchermos do Espírito Santo. Quando nos deixamos encher por Ele conseguimos nos manter individuais, mas sem ser dominado por nossas fraquezas. Uma pessoa com sua vida entregue a Deus possui:



- Amor; tanto a Deus como ao próximo. Amar é algo sobrenatural, que nos leva em direção ao trono do Pai, que nos faz estar debaixo da Sua vontade e dentro dos Seus propósitos.
- Alegria; não é uma alegria passageira, fugaz. É algo real, que brota no interior do ser daquele que serve a Deus, pois sabe que apesar de ser servo ele é seu filho. Obedece-lhe por amor e não por obrigação. Tem prazer em estar na Sua presença. A felicidade é algo temporal; a alegria é um estado de espírito, e poucos a têm hoje.
- Paz; todos falam dela e muitos a buscam, mas poucos a encontram. A promessa de Cristo em João 14:27 é para aqueles que o recebe como Senhor e Salvador da sua vida. Essa é a paz que não se extingue mesmo em momentos de dor. É a paz de um coração despreocupado. O fato de sermos cristãos não nos afasta da dor e dos problemas, mas nos dá descanso no Pai. É o sentido espiritual do sábado: descansar em Deus.

Conforme LaHaye (1979:65),

Essas três primeiras características, amor, alegria e paz são emoções que neutralizam decisivamente as fraquezas mais comuns do temperamento tais como a crueldade, a ira, a indiferença, o pessimismo, a melancolia e a maledicência. Elas se estabelecem como razões suficientes para viver-se uma vida plena do Espírito, mas isso é apenas o início.

- Longanimidade; é ter paciência e tolerância. É a capacidade em suportar as adversidades que nos advém sem o desejo de revidar. A Bíblia fala em Romanos 12:19 que é d'Ele a vingança. Se entregamos algo em Suas mãos, não o tomemos de volta. Ele fará a devida justiça.



- Benignidade; é um ato de bondade profunda. Atencioso, compreensivo e de um coração muito terno.
- Generosidade; é benevolente, hospitaleiro e um coração desprendido das coisas materiais.
- Fé; dependência absoluta e completa fidelidade à Deus.
- Docilidade; é continuar dócil mesmo em meio às tribulações e ofensas.
- Autocontrole; Aquele que é guiado pelo Espírito Santo de Deus é estável, ordeiro e digno de confiança.

Aquele que se propõe a seguir a Cristo, mas não se enche do Espírito Santo, sente-se inútil. Não é à toa que Paulo fala que nossa luta não é contra carne e sangue (Efésios 6). O diabo quando não consegue impedir a conversão (Mateus 13, 1-9), tentará deixar o Espírito Santo incompreendido, deixando-o inerte. Só seremos uma nova pessoa quando Ele tiver controle irrestrito sobre nós. Se isso fosse impossível, a Bíblia não determinaria: “[...] sejam cheios do Espírito” (Efésios 5:18). “Sentir-se pleno do Espírito Santo não é uma experiência única que dura a vida inteira” (LaHaye, 1979:89).

A ira ofende a Deus e faz o indivíduo tornar-se medroso (Apocalipse 21:8). Pode ser uma demonstração de ansiedade (Filipenses 4:6) e torna a pessoa irritadiça, indesejável. O ódio faz a pessoa que odeia tornar-se escravo daquele que é odiado, pois passará toda a sua vida voltada ao desejo de prejudica-lo.

O pecado inicia-se na mente, e a vingança é fruto do egoísmo. Quando não perdoamos, sentimo-nos melhores do que Deus, que nos perdoa frequentemente. Achamo-nos mais dignos de justiça do que o próprio Cristo, achando que somos sempre injustiçados.

O principal sentimento que esmorece o ser humano é o medo. É ele que impede de irmos em frente como nossos sonhos e projetos. A dificuldade financeira muitas vezes é a justificativa que usamos para nos retrairmos. A preocupação inunda a mente e paralisa o coração. “[...] a maioria esmagadora das coisas que nos causam medo não acontece ou não são, em absoluto, tão graves como julgávamos que fossem” (LaHaye, 1979:109).



A maior parte dos nossos problemas são causados pelo medo. É uma causa endógena e preferimos culpar fatores externos do que reconhecermos a nossa responsabilidade nos problemas. Somente mergulhando profundamente em Deus conseguiremos remover as cicatrizes causados pelo medo em nossas emoções (Ezequiel 47:3-5).

Só podemos oferecer aquilo que temos. O amanhã não nos pertence. A ansiedade “[...] não extingue a tristeza do amanhã, mas extingue a força do dia de hoje” (LaHaye, 1979:122). Nosso egoísmo nos torna medrosos. O medo da incompreensão ou da rejeição por parte de nossos amigos e parentes faz com que o ser humano seja impedido de prosperar.

Aquela pessoa que possui objetivos na vida vence a depressão (I Coríntios 10:13). A melancolia faz o homem um ser solitário. O passado é capaz de prender a pessoa, impedindo-a de avançar. Sua alma não se alegra (Provérbios 15:13). A tristeza enfraquece os ossos e desestimula a vida (Salmos 32:3).

2. CAPELANIA ESCOLAR

Uma das coisas que mais chama a atenção na Capelania Escolar é que este campo de atuação está bem próximo de qualquer igreja. Basicamente basta atravessar a rua para se encontrar uma escola. A sonolência que tem alcançado as nossas igrejas faz com que a visão de Missões esteja raquítica, e percamos o foco do chamado de Cristo. Existe um grande potencial na igreja, mas muitas vezes essa capacitação fica só na teoria, perdendo uma grande oportunidade de viver um Evangelho prático.

Já passou da hora da visão da Igreja ser ampliada. O corpo de Cristo ainda não se apercebeu que a escola é um terreno fértil para todo tipo de informação e cultura, e o Evangelho tem ficado para trás nesse ambiente. Assim como descrito em Mateus 13:1-9, devemos lançar boas sementes em busca de bons solos para que ela nasça e produza frutos.

O primeiro passo para qualquer atitude, e também para a Capelania, é a oração. Interceder pelas escolas, sobretudo da vizinhança é a primeira atitude para se quebrar as barreiras de acesso a esse ambiente. Uma vez que a proposta é de dar assistência espiritual, o capelão deve ter uma vida no altar para não se deixar levar pelos problemas da comunidade e tampouco se desanimar com as situações que irá se deparar.

A melhor estratégia para se alcançar todas as escolas é que cada igreja adote uma unidade escolar. A estimativa no Brasil é que para cada escola exista uma igreja, na proporção de 1:1. Desta forma, existe terreno para cada comunidade evangélica.

O dinamismo dessa atividade dá ênfase a Missões Urbanas no local onde a Igreja está localizada. Naturalmente, esse tipo de trabalho requer atitudes burocráticas, a exemplo de treinamento, deslocamentos, materiais didáticos, investimentos financeiros, dentre outros, mas a heterogeneidade do público faz com que cada dia seja diferente do outro, não havendo rotina nesse trabalho.

A tríade do propósito divino está assim dividida: Primeiro Deus, depois a família, e por fim, a Igreja. É sabido que a família é a menina dos olhos de Deus, mas a sociedade cada dia que passa tenta deturpar esse princípio divino.

É muito mais cômodo para a família mandar seus filhos à escola a fim de que o sistema educacional os eduquem, quer seja por não terem tempo, quer por comodismo. Naturalmente que este modelo nunca dará certo, pois o Senhor não muda seus propósitos por amor de ninguém, e cuidar dos filhos é papel dos pais. Segundo o Apóstolo Paulo, em Efésios 6:

⁴ Pais, não tratem os seus filhos de um jeito que faça com que eles fiquem irritados. Pelo contrário, vocês devem criá-los com a disciplina e os ensinamentos cristãos. (NTLH)

As consequências da influência do Iluminismo perduram até os nossos dias, e para muitos esse é um processo irreversível. O resultado do afastamento de Deus da sociedade, sendo que muitos consideram como se Ele estivesse

morto, é que todo grupo social, incluindo a igreja, passa por crises. A escola é considerada pela Sociologia como um Aparelho Ideológico do Estado, onde os governantes impõem suas diretrizes quer de forma sucinta, quer de forma aberta. É nela que as primeiras ideias são ensinadas às crianças, e se a Igreja não estiver atenta, os valores passados a este público ferirão os princípios bíblicos.

Para Ferreira (2012,25):

A Capelania Escolar é uma das maneiras efetivas de colocarmos em prática o princípio de chorar com os que choram. É um chamado missionário para o serviço de consolação e de celebração.

A pessoa chamada para fazer Capelania terá em si um dom diaconal, de servir, mas também trará consigo o chamado pastoral pois terá que pastorear ovelhas de diferentes idades e realidades. O Capelão deve ser alguém que se disponha a estudar para saber dialogar sobre sexo, drogas e outros assuntos polêmicos. Ele deve ter habilidade para conseguir espaço para intervir em situações conflitantes dentro do ambiente escolar e nunca pode perder de vista o fato de que toda vida tem jeito de mudar.

Ferreira alerta que “ser Capelão é praticamente um compromisso pessoal de servir o outro, de fazer o bem [...]” (2012,28). A Bíblia nos ensina que Deus sabe que somos pó (Salmos 103:14), e por causa disso Ele tem Misericórdia de nós. A prática da Capelania requer que entendamos que o ser humano ao nosso redor é feito de carne e osso; não é uma máquina manipulável, mas um ser dotado de sentimentos, limitações, desejos e frustrações.

Na visão de Ferreira (2012):

- Ao adotar uma escola, a Igreja precisa estar disposta a estender a mão;
- Ao adotar uma escola, a Igreja precisa estar no lugar certo na hora certa;

A igreja deve adotar uma escola porque Igreja e Escola é uma parceria que funciona.

OUTROS TIPOS DE CAPELANIA

Existem ainda outros modelos que podem ser ministrados pela Igreja. São eles:

- Capelania Militar;
- Capelania Carcerária ou Prisional;
- Capelania Universitária;
- Capelania Portuária;
- Capelania Adventícia;
- Capelania Funerária;
- Capelania aos Recasados;
- Outros.

MINISTÉRIO DE MISERICÓRDIA

Para McConnell & McKinley (2016), o Ministério de Misericórdia tem ganhado ênfase entre as igrejas evangélicas. Para eles, “o Evangelho é uma mensagem de conteúdo objetivo, e as pessoas precisam entender esse conteúdo para irem a Cristo e serem salvas” (p. 119).

O objetivo desse ministério não é manipular as pessoas, mas persuadi-las em acreditar nas promessas do Senhor.

Os atos de Misericórdia também são capazes de evidenciar o poder transformador do Evangelho em nós. Quando ajudamos o próximo, evidenciamos que a nossa mensagem é verdadeira” (McConnell & McKinley:2016,211).

A igreja tem que estar atenta para perceber que a maioria das pessoas que necessitam do Ministério de Misericórdia vivem uma vida desregrada e pecaminosa. Do lado contrário, quem exerce esse ministério, muitas vezes o fazem com o objetivo de satisfazerem seu próprio ego, sem a preocupação de plantarem sementes que deem frutos. Se esse trabalho não for bem fundamentado, a igreja corre o risco de perder o foco e passar a se preocupar em suprir apenas as necessidades materiais.

Na Bíblia, o texto que exemplifica bem a ação de Misericórdia encontra-se em Lucas 10: 25-37. O relato conta a história de um homem que fora assaltado enquanto descia de Jerusalém à Jericó e ficou quase morto na estrada. Passaram por ele 02 judeus influentes e não lhe deram socorro; logo após, passou um samaritano e lhe prestou todo o cuidado possível. Para a nossa análise, iremos nos ater à forma como este homem de Samaria cuidou do pobre moribundo.

Existe um ditado de autoria desconhecida que “o mais importante do que saber quem é o meu próximo é saber se estou sendo o próximo para alguém”. Para Keller (2016b:99), “nem todo homem é meu irmão, mas todo homem é o



meu próximo”. O cuidado para com outra pessoa, independente de conhecê-lo ou não, é algo que está nos princípios bíblicos. Em Mateus 25:35-36, Jesus disse:

³⁵ Pois eu estava com fome, e vocês me deram comida; estava com sede, e me deram água. Era estrangeiro, e me receberam na sua casa.

³⁶ Estava sem roupa, e me vestiram; estava doente, e cuidaram de mim. Estava na cadeia, e foram me visitar. (NTLH).

Keller (2016a), traz uma abordagem necessária ao Ministério de Misericórdia que é a compreensão do que é dor e sofrimento. Ele cita que cada sociedade tem sua forma de encarar esses temas, e que nesses momentos até quem se declara ateu busca em Deus a explicação ou o sustento para poder superar o ocorrido. A Filosofia desde o seu primórdio tenta explicar as causas da dor, e Keller explica que o sofrimento pode tanto aproximar como afastar a humanidade de Deus, a depender de como a pessoa encara a situação.

Analisando o relato de Mateus 25 supracitado, podemos inferir que “se Deus o mantinha vivo era porque ele ainda podia ajudar as pessoas que o cercavam” com o seu testemunho ou ação (Keller:2016a,23). Keller ainda afirma que “[...] a experiência do sofrimento não tem que ser algo inútil; ela pode ser uma forma crucial, ainda que dolorosa, de vivermos de forma plena” (2016a,25).

A ajuda ministrada pelo samaritano foi além de apenas parar na estrada para dar atenção; ele proporcionou ajuda médica levando o homem acidentado até uma hospedaria, provendo todo o sustento e pagamento da despesa que ocorreria, e ainda se prontificou a retornar ali depois para ver como ele estava. Ele não mediu esforços e nem recursos para exercer o ministério que Deus lhe havia confiado.

Para Keller (2016b:62), “não devemos somente evangelizar, devemos ser um corpo que oferece ‘serviço completo’”. Diz ainda:

O Reino de Deus é poder, poder régio de Deus que cura toda a maldição do pecado. É poder que satisfaz as necessidades psicológicas, sociais,

físicas do povo de Deus, levando a bênção real do Senhor aonde a maldição se encontra.

Um dos grandes problemas do cristão é que muitos de nós nos ensoberbecemos, achando-nos melhor do que o outro. Falta-nos, muitas vezes, a compreensão plena da Graça de Deus. Muitos que necessitam de nosso socorro são pessoas marginalizadas, e nós, enquanto estávamos presos no pecado, também fomos marginais ao Reino. Nem nós, nem eles, somos dignos da Misericórdia divina, mas Ele nos resgatou (I Pedro 2:9-10). Keller (2016b:72) nos alerta que “o cristão que compreende a Graça não desiste precipitadamente de um necessitado ‘indigno’”. Enquanto o amor é um mandamento, a misericórdia é uma consequência deste amor.

Qual o objetivo do Ministério de Misericórdia? Com certeza é levar ao mundo o Reino de Deus em ações práticas. Nossa ação não deve ocorrer apenas com quem conhecemos ou amamos, pois, Cristo quando nos resgatou nós éramos inimigos dele, por causa do nosso pecado, e mesmo assim ele nos tirou da situação que nos encontrávamos.

Muito além do que socorro material, devemos priorizar restaurar o necessitado. Se a causa do infortúnio for uma rebelião contra Deus devemos orientá-lo a se corrigir, ajustar as arestas, retomar os princípios. Deus não mudará por causa de nós, ao contrário, a humanidade é que deve se corrigir para entrar nos planos divinos. Conforme Keller (2016b:121), “a Graça é gratuita, mas não é barata. [...] a Graça é oferecida ao indigno, contudo, seu objetivo é interromper o comportamento autodestrutivo”.

Para atuar nesse Ministério, a pessoa tem que ser proativa. Não podemos esperar virem até nós. É o mesmo princípio do Evangelismo: vamos em busca do necessitado. É necessário andar em espírito com Deus, pois somente Ele limitará as nossas ações e nos direcionará. Não há como se distinguir a pregação da ação: pregar a Palavra é tão necessária como pô-la em ação.

INSENSÍVEIS AO ESPÍRITO SANTO DE DEUS

A Bíblia fala que “aquele que está sujo, suje-se mais ainda” (Apocalipse 22:11). Isso porque o pecado deixa a pessoa cega que não se apercebe do buraco no qual está caindo. Aquele que é vencido torna-se escravo do vencedor e se torna igual a ele (2 Pedro 2:19; Salmo 115:8).

O câncer do pecado é tão traiçoeiro que o ser humano passa a não perceber que o Espírito Santo se afastou dele (Juízes 16:20). Pensando ainda estar em comunhão com o Eterno, ele se acha capaz de fazer tudo sozinho e é derrotado, e sua visão é cegada (juízes 16:21). A pessoa sem visão perde a esperança, não consegue ver tudo aquilo que está preparada para ela. A obediência ao Senhor traz bênçãos sem medida (Isaías 1:19).

A apatia espiritual traz a morte sem ao menos a pessoa ter a sensibilidade de que está morrendo (Apocalipse 3:16). O Senhor Deus quer restaurar a sua visão agora, te dar forças para se levantar e te tornar um vencedor (Isaías 40:31).

O texto de Josué 6:1 fala de muros que prendem o mal que está dentro de sair tentando impedir do que é bom de entrar.

Os portões de Jericó estavam muito bem trancados, a fim de que os israelitas não pudessem invadir a cidade. Ninguém podia entrar, nem sair da fortaleza.

Parafraseando, trazendo para as nossas vidas, podemos inferir que todo ser humano tem em si uma “Jericó”, onde tudo que é sujo e pecaminoso está lá dentro. Ao seu redor, existem muralhas altas e poderosas que mãos humanas não podem destruir, e que impedem o mal de sair e o que é puro de entrar. Enquanto esta fortaleza estiver erguida, não será possível haver restauração. É necessário que ela venha ao chão para que a vontade de Deus venha a se cumprir.

Para mostrar que a vitória vem de Deus, Ele usa o louvor para ruir as estruturas. Muitas vezes, sentimo-nos intransponíveis, mas ao abrimos os



nossos sentidos para que eles estejam sensíveis ao louvor, a voz do Espírito Santo faz-se perceptível e nossa pseudo força vai ao chão para ser dependente da vontade do Eterno.

Uma vez que as barreiras vêm ao chão, não devem jamais ser reerguidas, sobe pena de que a morte volte a se instaurar. Não reconstrua o que Deus destruiu (Josué 6:26).

Muitas vezes, levantamos ídolos em nossas vidas que nos impedem de avançarmos. São coisas das mais simples à mais complexas que nos travam no mundo espiritual. Muitos casamentos não são bem sucedidos porque alguém do casal, ou ambos, ou até mesmos seus progenitores, guardam lembranças de amores do passado que não foram totalmente desfeitos os laços sentimentais. Pode ser uma foto, uma peça de roupa, ou qualquer outra coisa que ligue espiritualmente essas pessoas. Isso precisa ser quebrado. Peça ao Espírito Santo de Deus para te dar discernimento de como agir. De uma forma geral, recomenda-se que faça uma oração de renúncia e desfazimento do laço, quebrando e/ou queimando tal objeto. Que Deus te dê sabedoria de como agir.

Vemos uma passagem em Gênesis 31:19 onde Raquel, esposa do Patriarca Jacó, furtou os ídolos de seu pai, e a partir desse momento nada mais dava certo. Isso a prendia ao seu passado de idolatria, estava espiritualmente presa a algo e ela precisava se desfazer disso.

Conforme Rejane (Internet:2018), “A palavra ídolos está no original em hebraico como “terafins, teraphim” eram estatuetas de deuses familiares de muita importância para herdeiros. Conforme lei vigente em Arã e cercanias, os filhos, especialmente os mais velhos, tinham por direito herdar os “terafins” bem como toda propriedade ligada a eles. Os ídolos, eram portanto, como uma escritura de propriedade, uma garantia de herança. Ao carregar os ídolos na fuga, Raquel estava a reivindicar seu direito de propriedade. Antes de partir para Canaã, é ela mesma quem diz a Jacó: “Porque toda riqueza que Deus tirou de nosso pai é nossa e de nossos filhos” (Gn 31:16).

Raquel furtou não apenas os deuses familiares, mas as tradições familiares. Ela fugia, mas não se desprendia da velha vida de contendas que vez ou outra



inflamava os ânimos de todos em disputa por bens. Os deuses de Labão, eram os fantasmas de Raquel. Ela não confiou suficientemente na providência Divina, não acreditou que poderia ser feliz sem a sua parte da herança material. Raquel saiu de casa, mas carregava a casa de seus pais com ela. E não eram lembranças agradáveis, não eram exemplos a serem seguidos, pois Labão era um homem nada espiritual e absolutamente comercial. Ao enganar Jacó e pôr a felicidade das filhas em questão, ele demonstra que riqueza para ele, não necessariamente está ligada a honra. Os deuses de Raquel eram males que precisavam ser lançados fora, quebrados, esquecidos. Quais deuses eu e você escondemos “na albarda de camelos, sob os quais nos assentamos?”. Ninguém percebeu que os deuses estavam com Raquel, estavam ocultados, escondidos. No momento do confronto, ela se viu incomodada com eles porque sua vida estava em questão.

A palavra proferida pode gerar morte ou vida. Jacó sentenciou à morte a pessoa que tivesse roubado tais ídolos, e isso aconteceu futuramente (Gênesis 31:32; 35:18).



MINISTÉRIO DE ENSINO
Servo e Filho
2010



<http://www.servoefilho.com.br>

servoefilho@uol.com.br

(11) 99152-9914

PARTE III

MISSÕES TRANSCULTURAIS

Capítulo V

CRENÇAS AMPLAMENTE DIFUNDIDAS ENTRE OS POVOS

Falando sobre Missões Transculturais, entendemos como Missões exercidas entre outras culturas. E é sabido que Cultura é variável de povo para povo, até mesmo dentro de uma mesma nação. Todo povo tem uma cultura, e quando os seus costumes diferem daquele que é considerado padrão, costumamos dizer que aquele grupo é aculturado.

A própria Bíblia foi escrita numa cultura bem diferente da nossa. As 03 maiores religiões do mundo também são oriundas de costumes bem distintas do Ocidente, sendo todas elas surgidas no Oriente Médio.

Quando a Igreja se propõe a levar o Evangelho a povos de cultura diferente da sua, tem que ter em mente que imposições afastam muito mais do que aproximam a pessoa da Palavra de Deus. Respeitar a crença local, sem contudo relativizar a mensagem do Reino, é talvez, o maior desafio dos nossos missionários.

Por isso, para que haja maior eficácia na ação missionária, mais do que em qualquer outro tipo de Missão, é necessário que haja um envolvimento entre as partes. Ao missionário não é aconselhável se manter distante da realidade daquele povo; ao contrário, deve estar integrado à comunidade para que alcance o respeito e a credibilidade para o anúncio do Evangelho, que eles esperam muito mais prático do que teórico.

Muitos pensam em Missão Transcultural como um meio de se autopromover. É um ledor engano. As pessoas já estão saturadas em ver o culto à egolatria; elas esperam ver o missionário viver aquilo que ele prega.

Um dos maiores valores para um povo é a sua língua. Aprender o dialeto local dá mais credibilidade ao missionário. Quando se tem o privilégio de ter a Bíblia na linguagem local a Missão fica mais facilitada.



Abordaremos, a título de exemplo, a religião que mais tem crescido no mundo, em antagonismo ao Cristianismo: o Islã. Buscaremos mostrar um pouco sobre eles e como devemos nos posicionar em relação à sua doutrina.

A Ideologia de uma pessoa talvez seja o seu principal tesouro, e modificá-la não é tarefa fácil. Esta foi uma tentativa frustrada dos romanos com os Cristãos e com os gregos. Não se muda uma ideologia através de violência, mas apresentando um ideal melhor do que aquele no qual se acredita, a fim de que se adote esta nova visão.

O Islã prega princípios de fé muitas vezes comuns com o Cristianismo e com o Judaísmo, sobretudo a existência de um único Deus e a abominação à idolatria. No entanto, o lado positivo do Islamismo é que eles buscam ser fiéis aos seus princípios, mas por outro lado diferentes interpretações têm tornado esta religião um canal de violência e discriminação.

Os principais livros que regem a doutrina islâmica são o Alcorão e o Hadith. O primeiro é o livro sagrado deles; enquanto o último é uma coleção de literaturas que interpreta esta religião.

O Alcorão reflete a cultura de um povo e sua conduta. Foi escrito após a morte do fundador do Islã, Maomé, e assim como a Bíblia, foi passada inicialmente de forma oral sendo depois colecionado e compilado no modelo atual, do mesmo modo que a Septuaginta fez com a Palavra de Deus. Esse livro possui 114 capítulos (suras), organizado do mais longo ao mais curto. Não há a preocupação quanto a comprovações históricas ou coerência entre os seus textos. Diferentemente da Bíblia, que um dos princípios hermenêuticos é a Inerrância, o Corão muitas vezes se contradiz sobre o mesmo assunto. Escrito originalmente em Árabe, muitos dos seus fiéis não falam este idioma e decoram os textos apenas ouvindo-os. Não se aceita a tradução deste livro por crerem que isso fará com que se perda a essência original da revelação.

O Hadith, por sua vez, não tem o mesmo glamour do Alcorão, mas também é muito respeitado e seguido pelos muçulmanos. Conforme Keith, “as coleções dos Hadiths registram tudo o que Maomé e os primeiros muçulmanos fizeram os disseram” (2013,115). Desta forma, o “Hadith é de autoridade



secundária em comparação ao Alcorão, muitas vezes referem-se ao Hadith para a orientação diária" (2013,115). Vê-se aqui uma clara distinção do Cristianismo que considera a Bíblia como sua única fonte de fé e prática, não admitindo nenhum outro livro como complemento de fé.

Quando se juntou os dois livros supracitados viu-se a necessidade de se organizar as leis determinadas por eles, criando-se assim a Sharia. Ela é entendida como a vontade divina em ação em cada momento da vida do fiel. Ela é a Lei fundamental do Islã.

Se não bastasse existirem vários livros versando sobre a vida do muçulmano, há ainda diferentes escolas que os interpretam, São elas: A Escola Hanafi que "[...] permite uma interpretação liberal do Alcorão através de raciocínio analógico" (Keith:2013,116); a Escola Maliki que se baseia "[...] nas práticas dos companheiros de Medina no desenvolvimento do Direito" (SWARTLEY:2013,116); a Escola Shafi'i que também é adepta de uma interpretação mais liberal, sendo amplamente aceita em países como o Egito, Palestina, Jordânia, Paquistão, Índia e Indonésia; e a Escola Hanbali, sendo a escola oficial na Arábia Saudita, Catar, Síria e Iraque, e tem por princípio rejeitar "[...] a inovação legal além do uso literal do Alcorão e Hadith. Nem mesmo o sultão e o califa poderiam interferir nas decisões tomadas pelos juízes religiosos". (SWARTLEY:2013,117).

As diversas interpretações do Alcorão não podem ser estranhas ao Cristianismo, uma vez que temos igrejas e credos para todos os gostos. Divergimos de pontos básicos da fé. A grande diferença é que no caso dos Cristãos a maior consequência pode ser privar o crente de algumas experiências espirituais; enquanto que no Islã essas divergências podem gerar até mesmo a morte dos seus fiéis, e principalmente, daqueles que rejeitam seus pensamentos.

A doutrina islâmica possui os pilares da fé que norteiam a moral e a ética dos seus seguidores. São eles:

- Confissão de Fé, onde declaram que existe um só Deus e que o profeta divino é Maomé. Esta confissão de fé é o suficiente para se tornar um



muçulmano, desde que o faça de coração. O monoteísmo é herança da fé do chamado de Abraão, cujo filho Ismael foi o pai desse povo. Maomé, apesar de reverenciado, não é admitido que o adorem.

- Adoração e Oração, atribuindo a Deus toda a honra devida por Ele ser o Criador, juiz do universo e Preservador de todas as coisas. Não existem regras específicas para a oração, sendo que eles adotam pelo menos 06 posições para este momento. Até a quantidade de vezes que se deve orar não está prevista no Alcorão, sendo normalmente aceito o ato de orar 05 vezes ao dia. Guardam o sábado e a adoração precede a oração. O curioso é imaginar essas práticas, uma vez que o Islã não acredita num Deus presente na vida cotidiana do fiel, tampouco que mantenha um relacionamento íntimo com eles.
- Caridade e Escolas, como forma do ser humano demonstrar gratidão à providência divina em sua vida. Creem que esses atos purificam a sua alma.
- Jejum, praticado principalmente no mês do Ramadã, considerado sagrado por acreditarem ter sido nessa época que Maomé recebeu as revelações divinas do Alcorão. A abstinência é total durante o dia, podendo alimentar-se à noite. A negligência deste ato torna a pessoa reconhecida como um infiel.
- Peregrinação a Meca, indo obrigatoriamente ao santuário Ka'aba onde creem ter sido construído por Adão, e reformado por Abraão e Ismael após o dilúvio. Nela está guardada a Pedra Negra, um meteorito considerado sagrado por eles.
- Jihad, considerado um esforço pela fé de luta contra os incrédulos. Devido crer na Trindade, os Cristãos são considerados idólatras e, portanto, passíveis de punição. Com base nesse ato, muitas ações de terror têm ocorrido em todo o mundo.

Basicamente, o Islamismo crê: em um único Deus; nos mensageiros divinos; nas escrituras e revelações, onde afirmam que o Alcorão é o único livro verdadeiro de Deus, sendo completo e inalterado; nos anjos, principalmente por crerem que a revelação a Maomé veio por intermédio de Gabriel; no Dia do



Juízo, onde todos serão julgados; no poder e no plano infinito de Deus, sendo que tudo está debaixo da Sua onipotência e onisciência; no propósito da vida, que basicamente é adorar a Deus; no estado digno do homem, sendo este o embaixador de Deus na Terra; no Islã Universal, sendo que todos nascemos muçulmanos, mas muitos se desviam da fé; na Liberdade, Responsabilidade e Pecado, onde nenhuma pessoa nasce pecadora, sendo o pecado consequência consciente dos seus atos; a Salvação através das crenças e práticas, sendo impossível ser salvo sem pôr em prática a fé que professa; na não responsabilidade pelos não alcançados, onde a pessoa só se torna responsável após conhecer o caminho correto a seguir; a bondade da natureza humana, sendo a maldade a menor parte da personalidade e que a chance de sucesso é superior à possibilidade de fracasso de se chegar à vontade divina; a fé sendo completada por convicções, sendo inabalável a qualquer situação; no Alcorão como a única palavra perfeita de Deus; e nas tradições de Maomé.

Quanto ao exposto acima, admiramos muitos dos seus pontos, a exemplo do monoteísmo, mas existem divergências gritantes em muitos outros tópicos. O próprio livro sagrado deles vai encontrar divergências que veremos posteriormente, não podendo ser considerado infalível como eles creem. Quando se referem ao poder de Deus, realmente Ele não fica inerte às coisas que ocorrem na Terra, no entanto, baseando-nos em textos bíblicos como II Crônicas 7:14 e Salmo 115:16 percebemos que o Senhor deu ao ser humano domínio sobre este planeta e este é o único responsável pelo que acontece aqui. Ao escolher o Seu povo, Deus deixou em sua responsabilidade administrar a Terra, sendo que Ele só interferirá nas questões básicas se este povo primeiramente se humilhar, orar, buscar a Sua face e se converter dos seus maus caminhos. Esta competência atribuída ao homem é corroborado em Gênesis 1:26 e também reconhecido pelo Islã quando considera o homem um embaixador de Deus, mas incorre em erro quando crê na pureza humana. Pela fé cristã, todo ser humano está distante da Glória Divina, conforme Romanos 3. A inexistência do pecado original para o Islã é base de fé para Judeus e Cristãos, sobretudo a este último, motivo pelo qual Cristo veio morrer para mudar o destino da humanidade. Esta possibilidade é rejeitada enfaticamente pelos muçulmanos. Mesmo após ter reconhecido a Jesus como seu Senhor e Salvador, o ser



humano não deixa de ser pecador, só que agora a diferença é que nele habita o Espírito Santo de Deus, que leva o pecador ao arrependimento após a sua falha. O pecado deixa de ser uma rotina para se tornar uma exceção, mas isso não o torna infalível, conforme I João 3:9. Quando o Islã considera a sua fé universal, assemelha-se ao Catolicismo, porque ambos creem que todo ser humano nasce na sua fé, e depois desviam-se para outras crenças.

A comunidade muçulmana hoje está representada em grupos distintos, a saber: os xiitas (que creem na descendência direta de Maomé na liderança do Islã), os Sunitas (grupo a que pertencem o Estado Islâmico), Wahhabi, Ahmadiya, Nação do Islã, dentre outros. Todos os grupos compartilham de uma mesma base de fé, o que os acaba unindo. No entanto, muitos deles estão debaixo de governos ditatoriais e opressores.

A cultura ocidental traz grande repulsa aos muçulmanos devido ao seu liberalismo. Para eles, "a Democracia significa que o homem é independente do Criador" (SWARTLEY:2013,152). Por isso, evita-se a todo custo que os seus filhos sejam "contaminados" com esses costumes, limitando o acesso a essas coisas. O Cristianismo é visto como uma religião Ocidental, e somado a acusação já apontada de idolatria, o Islã crê que os Cristãos fogem do propósito de adorar a Deus. Muitas vezes é apresentado um Jesus americanizado, fora da cultura do Oriente Médio, berço das principais religiões e do próprio Deus encarnado.

Todos os grupos no Islã adotam uma das duas visões de sucessão no Islamismo. 85% deles são Sunitas e 15% são Xiitas.

Os Sunitas não veem a necessidade da sucessão de Maomé ocorrer apenas por seus descendentes. Apoiam o primeiro grupo de sucessores após a morte do seu profeta, a saber: Abu Bakr, Umar e Uthman, sendo que o líder é considerado um Califa.

Os Xiitas creem na descendência direta de Maomé e eles são da linhagem de Ali e de Husayn, personagens marcantes na caminhada da fé. Aos sucessores dão o título de Imã, pessoas infalíveis e existiram apenas 12 até hoje.

O último deles, Muhammad Al-Mutazar, deixou uma doutrina que é considerada fundamental para esse grupo.

Essa visão Xiita põe em cheque a afirmação da imutabilidade e infalibilidade do Alcorão, uma vez que o seu livro sagrado possui pontos importantes divergentes de todo o restante do Islamismo. Se este livro é tão completo como dizem, como é permitido tamanhas discrepâncias? O próprio Islã demonstra fragilidade dentro das suas próprias fortalezas. Existe maior segregação política entre os Muçulmanos do que entre os Cristãos. É muito improvável existir comunhão entre Xiitas e Sunitas.

A corrente religiosa conhecida como Ahmadiya é adepta do misticismo e possui uma posição contemplativa do Islã. É oriunda do fundador Mirza Ghulam Ahmad e possui doutrinas distintas que fazem clara segregação dos demais grupos islâmicos. Priorizam a espiritualidade em detrimento do Legalismo. Devido contradições importantes, a exemplo de terem apresentado um novo profeta além de Maomé, este grupo não é considerado muçulmano, e seu fundador foi declarado como herege, blasfemo, impostor e inimigo da fé. A essência desse grupo é extremamente anticristã. Apesar do não reconhecimento por parte dos demais integrantes do Islã, eles se declaram muçulmanos.

Percebe-se que o nascimento do Islamismo é uma prova clara de falta de visão missionária dos Cristãos daquela época. O anseio dos Árabes por estarem incluídos no plano Salvífico de Deus e a ausência do Evangelho traduzido para a sua língua fez com que eles buscassem a revelação divina em outras fontes. Importante frisar que naquela época existiam judeus e cristãos vivendo na região árabe, e não se preocuparam em levar a Palavra do evangelho àquele povo. A iniciativa de Maomé veio sanar a fome e preencher o vazio daquele povo.

O resultado dessa derrocada missionária assemelha-se ao fermento perder para a massa. Em Mateus 13:33, Jesus declarou, conforme a NTLH:

Jesus contou mais esta parábola para o povo: O Reino do Céu é como o fermento que uma mulher pega e mistura em três medidas de farinha, até que ele se espalhe por toda a massa.



A igreja é como o fermento que é espalhada na massa, que é o mundo. Normalmente, basta um pouco dele para modificar toda a massa, e se ela não é modificada é porque o fermento está com problema. Se o local onde a igreja está inserida não muda é devido a falha de visão missionária ou de caráter. Quando Keith afirma que "onde o Dar al-Islam é estabelecido, a igreja enfrenta o crescimento no sentido inverso" (2013,169) fica nítida que o fermento não teve forças para modificar a massa. Convém salientar que o Dar al-Islam é a autoridade territorial e política muçulmana.

Para o Islã, a crucificação de Cristo é algo impossível de ter ocorrido, pois não creem que um Deus bondoso matasse alguém como Jesus para purificar o homem pecador. O Apóstolo Paulo já predisse isso em I Coríntios 1:18. Conforme a NTLH:

De fato, a mensagem da morte de Cristo na cruz é loucura para os que estão se perdendo; mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus.

A unicidade muçulmana pode ser interpretada como uma estratégia diabólica para atrair fiéis sob a alegação de não serem idólatras. Mas toda cópia é uma fraude do original. No sentido original da palavra, Satanás é o principal travesti, ou seja, aquele que se traveste do que não é. Ele se apresenta com uma imagem piedosa e justa para atrair pessoas para a sua doutrina. Isto nos foi alertado pelo Apóstolo Pedro em I Pedro 5:8 e pelo próprio Jesus em Mateus 24:24.

Uma das provas do engodo diabólico está nos motivos que levam os seguidores islâmicos a praticarem a Jihad. O Islã é contrário ao suicídio, mas ele se torna aceitável quando atende ao propósito da visão de uma minoria. O Fundamentalismo Islâmico usa a violência para propagar sua visão religiosa, social e política. Naturalmente, é um pequeno grupo fundamentalista que pensa desta forma, haja vista que a essência do fundamentalismo "é um sistema religioso que tenta mostrar como todos os aspectos da vida deveriam ser vividos, a fim de estar em completa submissão a Allah e à sua vontade" (SWARTLEY:2013,189).



No entanto, um grupo minoritário "transpira ódio amargo às ideias ocidentais, incluindo Capitalismo, Individualismo e Consumismo" (SWARTLEY:2013,190). Sob esta égide, acham-se no direito de matar a todos aqueles que forem contrários à sua visão, ainda que sejam também um muçulmano.

Os muçulmanos são muito místicos, buscam respostas no oculto, mas mesmo assim afirmam ser uma religião monoteísta. A vertente islâmica mais afeita a este comportamento é chamada de Islã Popular, ou Islã Comum. Estes praticam o Misticismo, o Animismo e outras manifestações particulares. A fé que eles praticam adequa-se à necessidade do momento.

O Islã crê que Deus é um ser distante, sem comunhão íntima com o ser humano. Por isso, recorre a outros seres espirituais buscando explicação para seus sucessos ou fracassos. Esta necessidade, este vazio impreenchível, é uma oportunidade de ouro para os Cristãos pregarem a Cristo, pois Ele é a união indelével entre a criatura e o Criador. Quando o muçulmano é confrontado com textos como I Timóteo 2:5 e I João 2:1 ele percebe que o nosso Deus não é um ser distante, insensível, mas sim o único capaz de quebrar os grilhões do pecado e de nos tirar da solidão.

A Psicanálise crê que todo homem tem um vazio, e por este motivo busca se relacionar com outro ser humano. Acontece que o próximo também possui um vazio, por isso não se completam. Para o Evangelho, este vazio é do tamanho de Cristo. Só Ele pode suprir a necessidade humana. O poder supremo está somente em Cristo. Conforme a NTLH, em Colossenses 1:16:

Pois, por meio dele, Deus criou tudo, no céu e na terra, tanto o que se vê como o que não se vê, inclusive todos os poderes espirituais, as forças, os governos e as autoridades. Por meio dele e para ele, Deus criou todo o Universo.

Falando de Jesus Cristo, Isaías 61:1 cita conforme a NTLH:



O SENHOR Deus me deu o seu Espírito, pois ele me escolheu para levar boas notícias aos pobres. Ele me enviou para animar os aflitos, para anunciar a libertação aos escravos e a liberdade para os que estão na prisão.

Por não terem acesso a essas promessas, uma vez que a sua visão está distante da proposta do Reino de Deus, ao muçulmano resta recorrer ao misticismo, a outros seres espirituais para buscar respostas e soluções aos seus anseios. O mais importante em toda essa situação é que os braços de Cristo estão abertos a todos que o reconhecerem como seu Senhor e Salvador, até mesmo os muçulmanos. Desta forma, as promessas contidas na Bíblia não encontram barreiras.

Uma das maiores críticas do Islã ao Cristianismo é que muitas vezes professamos uma fé que não vivemos. Assim como Jesus e seus Apóstolos fizeram milagres e curas, eles esperam também ver em nós o mesmo nível de poder para poderem crer que somos discípulos de Cristo.

Dentro da história do Islã encontramos disputas de poder da mesma forma que encontramos no Judaísmo e Cristianismo. Alegando ter o mesmo direito que Maomé tem por parte dos muçulmanos de ser admirado, apareceram os Sufis, um povo que requeria o mesmo reconhecimento sem querer pagar o preço que o profeta pagou para chegar onde chegou. Encontramos no Judaísmo o caso de Coré, Datã e Abirão requerendo o lugar de Moisés, assim como os filhos do sacerdote querendo o mesmo poder dos apóstolos, conforme relata o livro de Atos 19: 13-17.

A visão missionária cristã não pode ficar presa a ótica discriminatória ou exclusiva. A mensagem de Cristo foi dada a todos os homens que quiserem se achegar a Ele. Os cristãos foram chamados para ser pacificadores. Paulo, em Colossenses 3:15 diz para que os cristãos sejam dirigidos pela Paz de Cristo, e o Apóstolo Pedro fala em I Pedro 3:15 que o Cristão saiba responder a todos os que pedirem a razão da sua fé. Não convém àquele que professa o nome de Cristo buscar confronto, mas mostrar a diferença que Ele fez em sua vida.

A pessoa de Maomé é reverenciada no Islamismo como o profeta mais importante abaixo de Deus. Os cristãos creem que ninguém se iguala a Jesus Cristo. A abordagem missionária deve ser feita com base no exposto em Efésios 4:2 respeitando a crença alheia ainda que se discorde dela.

Conflitos e divergências sempre trouxeram muito mais dano do que lucro na história da humanidade. A origem muçulmana deu-se de uma decisão precipitada de Abraão ao ouvir a voz de sua mulher em detrimento à voz de Deus, coabitando com sua serva Hagar e mais tarde a expulsão desta pela esposa do patriarca, indo vagar no deserto, onde Deus ouviu o seu clamor. Os muçulmanos creem que Ismael foi o filho da promessa, baseado em Gênesis 17:20. Se desde o início não houvesse sido dado espaço ao conflito, é possível que hoje não houvesse essa separação entre os filhos de Abraão.

Os pontos polêmicos entre o Islã e o Cristianismo devem ser discutidos com base na Bíblia, guiado pelo Espírito Santo de Deus. Não basta convencer o muçulmano sobre a Trindade, nascimento virginal de Cristo ou a obra redentora de Jesus. É necessário buscar a transformação do caráter da pessoa para que tenha a mente transformada numa mente santa, conforme Hebreus 12:1, I Coríntios 2:16 e Filipenses 4:8. Jesus declarou em João 8:46 que ninguém o convencia de pecado, pois Ele é santo e devemos ser iguais a Ele (I João 2:6 e I Pedro 2: 21-23).



PARTE IV

FALTA DE VISÃO MISSIONÁRIA



Capítulo VI

O QUE LEVA UMA IGREJA A PERDER O FOCO NA MISSÃO?

Já vimos que fazer Missões é a Missão de Deus que está sob a responsabilidade da Sua Igreja aqui na Terra. É muito mais do que entregar folhetos ou fazer teatro em faróis. É uma visão ampla de Reino, cuidando de toda a criação divina e buscando levar a humanidade ao encontro de Cristo.

A igreja é a noiva de Cristo, mas isso não a isenta de trabalhar para o Reino; ao contrário, é o instrumento do Senhor neste mundo. O Reino foi comparado ao fermento, que tem o poder e a função de mudar a massa; e a Igreja como o sal da Terra e a luz no mundo. Vejamos, conforme a NTLH:

¹³ — Vocês são o sal para a humanidade; mas, se o sal perde o gosto, deixa de ser sal e não serve para mais nada. É jogado fora e pisado pelas pessoas que passam.

¹⁴ — Vocês são a luz para o mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. (Mateus 5).

²⁰ Jesus continuou:

— Que comparação poderei usar para o Reino de Deus?

²¹ Ele é como o fermento que uma mulher pega e mistura em três medidas de farinha, até que ele se espalhe por toda a massa. (Lucas 13).

Mas, assim como Israel, o povo escolhido por Deus, deixou-se engrandecer e afastou-se dos propósitos divinos, a igreja através de toda a sua história tem perdido o foco e se afastado do Senhor. A beleza, o luxo, a fama e o poder fez com que ela se desviasse do Caminho original. O texto de Ezequiel 17: 14-15 dá um exemplo de caso semelhante:

¹⁴ Em todas as nações falavam da sua beleza perfeita porque fui eu que a fiz assim tão linda. Sou eu, o SENHOR Deus, quem está falando.

¹⁵ — Mas você se aproveitou da sua beleza e da sua fama para dormir com qualquer um que passava. (NTLH).

Assim como o povo de Israel, a igreja se prostituiu e tem se prostituído ainda nos dias de hoje, comercializando ou não protestando mais ante os erros que a humanidade tem cometido.

Na visão de Itioka (2015:21):

Então a gloriosa Noiva confiou na sua beleza, na sua capacidade e na sua própria habilidade, e caiu no pecado da soberba e do orgulho. A altivez encheu o seu coração. O espírito de sedução começou a controlá-la. Foi tomada pelos espíritos de Narcisismo e de egolatria, e passou a contemplar a sua formosura e a adorar a si mesma. Quando foi tentada, não teve força para resistir às mentiras dos que a assediavam e foi seduzida facilmente. Esqueceu-se da aliança para a vida e seu compromisso eterno. Seu coração ficou entrevado [...] o orgulho a cegou [...].

O egoísmo humano tem tomado conta da Igreja, e nada além do seu próprio benefício passou a ser importante para a maioria do seu povo. O sofrimento que Cristo teve para fazer nascer essa comunidade santa não pode ser desprezada nem esquecida. Tudo o que Ele passou foi para a formação de um corpo preocupado com os seus pares e com a humanidade perdida. A perda da direção espiritual tem levado a muitos para o inferno mesmo estando congregando semanalmente.

A liderança da igreja é a principal responsável pela perda da visão espiritual. Conforme o Profeta Jeremias disse:

¹ Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto! — diz o SENHOR. ² Portanto, assim diz o SENHOR, o Deus de Israel, contra os pastores que apascentam o meu povo: Vós dispersastes as minhas ovelhas, e as afugentastes, e delas não cuidastes [...] (23, ARA).

O Profeta Ezequiel no capítulo 13 diz: “³ Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito sem nada ter visto!” (ARA).

Para Terra Nova (2008:12):

Todo líder, todo homem de Deus deve saber discernir que voz está ouvindo e quem está legislando sua vida e sua história.

Os tempos de hoje estão muito perigosos, sobretudo, no campo espiritual. Por isso, devemos estar em comunhão, sob a cobertura de pessoas fundamentadas na Palavra. Muitas igrejas estão muito preocupadas com o sucesso que muitas vezes não tem a ver com a vontade do Espírito Santo.

A Bíblia ensina que existe um só batismo (Efésios 4:5), mas existem vários enchementos. Devemos nos encher diariamente do Espírito de Deus. Nenhum líder tem o direito de estar no altar de Deus estando vazio do Espírito Santo. Nenhum ministro pode ser semelhante ao povo no nível da unção. É fundamental que o líder se encha diariamente, santifique-se constantemente, pois ele é ungido de Deus para algo especial.

Jesus era e é Deus. Em Filipenses 2: 5-11, Paulo fala que Ele se esvaziou da forma divina. Ele era Deus, mas abriu mão desses requisitos e direitos. Ele passou por TODAS as provações que nós passamos, mas preferiu não pecar. Jesus disse: “Ninguém me convence de pecado” (João 8, 46). Muitos imaginam que Ele não pecou por ser Deus, mas na verdade foi porque decidiu não pecar. Percebamos, ainda, que a vitória do Senhor começou a ser escrita a partir do momento que Ele foi cheio do Espírito no Jordão. Sem essa capacitação Ele não passaria e venceria a prova do deserto.

Cristo sempre será nosso modelo. Assim como Ele precisou desse revestimento, os seus discípulos também foram orientados a isso (Lucas 24:49), o que se cumpriu em Atos 2. No entanto, mesmo sendo cheios do Espírito, temos que estar atentos para não darmos lugar à carne. O líder também é humano, e muitas vezes cai em sua própria vaidade. Citarei alguns casos de pessoas, que



apesar de experiências com o Senhor, demonstraram ter sua alma ferida, e impossibilitados de curar a outros sem que antes curasse a si mesmo.

Em II Reis 2: 9–14, vemos que Eliseu recebeu a porção dobrada do Espírito de Elias. Mesmo assim, ele não vigiou. Em todo o seu ministério ele fez muitos milagres, mas só executou uma cura (II Reis 5). Justamente por causa desta cura, ele cometeu o seu segundo grande erro (ao meu ver). Vejamos:

O primeiro grande erro desse profeta cheio do Espírito de Deus foi, num momento de ira. Sem vigiar, mandou matar uma geração de possíveis futuros profetas (2 Reis 2: 23-24). Para alguém da sua estirpe, era possível uma solução melhor.

O segundo erro foi mais uma vez, levado por sua indignação, amaldiçoar seu servo e toda a sua geração (II Reis 5: 20 – 27). Imaginem a dor desse homem ao saber que por sua culpa TODOS os seus descendentes nasceriam leprosos, amaldiçoados, apartados do arraial? Como ele iria se explicar para sua família? Como deve ter sido ver seus filhos, netos, bisnetos... sob tal maldição? Somente Jesus foi capaz de interromper essa maldição, quando curou o último representante leproso da família de Geazi, justamente aquele que voltou para agradecer (Lucas 17: 11–19).

Na própria equipe de Jesus existia líder doente. Desta vez falaremos de Tomé. Se formos analisar friamente o contexto pelo qual os discípulos estavam passando, não é de se estranhar e condenar a dúvida de Tomé. Nem o próprio Jesus o repreendeu, antes apenas o alertou para sua pouca fé (João 20: 24-29). Mas a questão que eu quero enfatizar aqui não é simplesmente sua dúvida, mas sua atitude.

Conforme Terra Nova (2010), a atitude de Tomé simbolizava o líder que desonra seu mentor buscando tocar em suas feridas. Quantos líderes em nossas igrejas estão mais preocupados em expor e cutucar a ferida de seu pastor?

Existe muita gente se dizendo capacitado por Deus para te ajudar nas suas necessidades, mas na verdade está querendo conhecer suas fraquezas para te expor ao ridículo. Façamos como a Sunamita em II Reis 4, a partir do verso 8. Ela não contou seu problema a qualquer um, mas apenas para o servo de Deus. Não obstante, muitos líderes têm até a boa intenção de ajudar aos seus liderados. É uma pessoa solícita, temente ao Senhor, conhece bem a Palavra,



mas a sua alma não está curada. Creio que a única coisa gratuita para nós é a salvação. A cura e a santificação são um processo que devemos nos esforçar para alcançar. Quando Jesus morreu naquela cruz, Ele abriu as portas celestiais para termos acesso a TODAS as bênçãos, mas se não tomarmos posse, nunca as alcançaremos. Não deixe nada impedir você de buscar a cura da sua alma. Um líder cujas feridas ainda estão abertas não terá plena condição de auxiliar o próximo, porque todas as vezes que tocarem nas suas marcas ele irá sofrer, gemer, e talvez até desistir. Quando Jesus foi confrontado por Tomé Ele não temeu, porque as suas chagas já haviam sido saradas.

O altar é coisa séria. É lugar para gente sã e não doente. Um cego não pode guiar outro cego (Mateus 15:14).

“Seja você um líder curado no espírito, na alma e no corpo.” (Terra Nova: 2010, p. 201).

Tomé precisou ser confrontado para ser curado. Hoje é pregado um evangelho de facilidades, mas a vida do crente tem que passar pelo deserto porque ali é escola de profeta. Passar não é morar! Deus corrige aquele que ama (Provérbios 3:12).

Após aceitar a correção do Senhor, Tomé foi restaurado. Ele não precisava mais tocar nas feridas do Mestre. Sua alma foi alcançada pela voz de Jesus.

A honra é porta de acesso para a nossa prosperidade. Estou falando de ser próspero e não rico. Poucos ricos são prósperos, mas todo próspero tem uma riqueza que não tem preço. Tem gente tão pobre, mas tão pobre, que a única coisa que tem é dinheiro. A prosperidade será a nosso favor a partir do momento que formos libertos e curados.



IGREJA CENTRADA NO HOMEM

O maior problema da Igreja atualmente é o antropocentrismo. Ela foi criada para ter Deus como seu centro, mas o orgulho afastou a humanidade do Deus criador. Conforme o profeta Isaías 59: 1-3 (NTLH):

¹ Vocês estão pensando que o SENHOR perdeu a força e não pode nos salvar? Ou pensam que ele está surdo e não pode nos ouvir?

² Pois são os pecados de vocês que os separam do seu Deus, são as suas maldades que fazem com que ele se esconda de vocês e não atenda às suas orações.

³ Vocês têm as mãos manchadas de sangue e os dedos sujos de crimes; vocês só sabem contar mentiras, e os seus lábios estão sempre dizendo coisas que não prestam.

Conforme Itioka (2015:47):

As motivações para se tornar antropocêntrico podem ser várias, inclusive o zelo pelo Senhor e ainda pela verdade da fé cristã. Mas, no sentido rigoroso da palavra, tais grupos deixaram de ter Cristo como Cabeça.

A Igreja quando perde o foco da Mensagem do Evangelho ela passa a ser dominada por espíritos estranhos à vontade do Senhor. O anjo que rege a Igreja de Cristo fica acuado face à frieza da comunidade eclesiástica e o espírito inimigo aproveita essa oportunidade para influenciar a liderança e o povo. Terra Nova chama esse espírito diabólico de Leviatã. Para ele:

Todos os seus ataques contrariam os princípios da Palavra, fazendo com que o líder fique resistente ao tratamento. Observe como toda pessoa que está mal fica soberba. Se você pergunta como está, a pessoa diz que está bem, quando, na verdade, está debaixo de um ataque de Leviatã. (2008:50)

O Apóstolo Paulo nos alerta sobre os Principados e as Potestades. Em Efésios 6:12 (NTLH) ele diz:

¹² Pois nós não estamos lutando contra seres humanos, mas contra as forças espirituais do mal que vivem nas alturas, isto é, os governos, as autoridades e os poderes que dominam completamente este mundo de escuridão.

Principados referem-se àqueles que detêm o poder; Potestades são considerados “espíritos de alta hierarquia que estão sob a influência e subordinação direta de um principado, em sua posição de autoridade”. Existem ainda os “príncipes das trevas”, que é “aquele poder reconhecido e adorado pelo povo como sendo o Senhor do universo, o governante do povo”; e por fim, as “hostes espirituais da maldade” que são genericamente “pessoas espirituais” (Itioka: 2015,54).

A atuação de Leviatã é nos espaços físicos. Isso se explica o porquê da igreja perder o foco em Missões, haja vista que o campo de atuação que o povo de Deus deveria dominar foi dominado por esse espírito demoníaco. Conforme Terra Nova (2008:69):

Leviatã não descansa enquanto não entra no espaço físico, porque ele sabe que lá o homem tem legalidade.

Outra forma de Leviatã atuar é dividindo a igreja. Cristo falou que um reino dividido não pode resistir (Marcos 3:24). A igreja, enquanto corpo, deveria agir em conjunto, cada um com sua responsabilidade, mas todos com o mesmo objetivo que é promover a Missão de Deus aqui na Terra. No entanto, isso pouco acontece. Para terra Nova (2008:80), “o espírito de competição que Leviatã lança entre as equipes é para dizimar ministério”. Toda competição deforma a estrutura.

Quando unimos os entendimentos de Itioka e de Terra Nova, compreendemos o texto de Efésios 6:12. Leviatã é uma Potestade que age para esfriar a igreja aqui na Terra. Para isso, utiliza-se de líderes espirituais ou seculares que são os Principados para poderem atuar. O povo compõe as hostes



espirituais da maldade a partir do momento que colocam o seu coração nos príncipes das trevas, pois conforme Cristo, nosso tesouro estará onde o nosso coração estiver (Mateus 6:21).

Para Wink *apud* Itioka (2015:82):

[...] o anjo da igreja é demoníaco quando a congregação dá as costas a uma tarefa específica, separada por Deus, e coloca outros alvos como ídolos. E, infelizmente, muitas vezes é isto que tenho visto: o anjo de uma igreja transformar-se numa força demoníaca para matar a alma da igreja.

Para Terra Nova, “uma pessoa picada e envenenada por uma ‘serpente’, a primeira coisa que perde é a visão [...] se você conseguir detectar quem ou o que o envenenou, receberá cura” (2008:130).



Capítulo VII

UMA IGREJA PODE MORRER?

Junto com o benefício de ser povo de Deus, tem as consequências, conforme descrito em Amós 3:2. A aliança da Graça foi promulgada desde o início da vida, como prova do amor de Deus mesmo após o pecado humano. E o fato de serem escolhidos não dá a este povo a certeza da Salvação, pois segui-lo é uma decisão pessoal. Por isso, Deus, ao invés de salvar toda a humanidade, condenou todos ao pecado, de modo que todo aquele que quisesse ser salvo se achegassem a Ele.

O ponto marcante da história do povo judeu é que ela tem um objetivo específico. Eles não viviam apenas por viver, mas para cumprir um propósito divino. Tudo o que ocorreu e foi escrito era um prenúncio da vinda do Messias. Em Cristo, a história tem sentido e importância. Muitos pensam que a missão de Jesus na Terra foi frustrada.

Cristo veio trazer a mensagem do Reino de Deus. Este reino é atemporal, recebido por fé e não por vista. Por isso mesmo, não é visível aos olhos humanos, mas sentida por aqueles que creem. Para McConnell & McKinley (2016,122), “Deus elege e chama um povo para Si de todos os lugares da Terra. Ricos e pobres são salvos mediante Jesus Cristo”.

Como o Reino de Deus aparentemente é algo subjetivo, este assunto é conflitante, pois os que não o receberam não acreditam que outros tenham acesso a ele. Acesso a este reino só através de Jesus que “[...] tira as máscaras de justiça e de religiosidade da face das potestades” (Newbigi:2016,142).

A igreja perdeu o seu foco, que no início era tão fiel à Palavra e encantou-se com o poder secular, passando a considerar-se uma instituição extremamente poderosa. Ela que era no início da sua existência formada essencialmente por mártires, mudou sua forma de se recusar a unir-se com o Estado para uma posição de conformidade, afetando até seu papel no Ensino Cristão. Ela foi



chamada para ser serva, para atuar como intermediadora do Céu na Terra, como canal para a propagação do Evangelho. No entanto, a importância que deram a ela fez-lhe sentir-se como se fosse um vice-rei, assemelhando-se em status ao próprio Deus.

McConnell & McKinley (2016) relatam a história de uma igreja que estava fisicamente viva, mas espiritualmente morta. Esta igreja abria as suas portas apenas quando morria alguém da comunidade a fim de velar os seus corpos. Para eles, “sim, muitas igrejas estão mortas, como aquela que fez o funeral do meu amigo. Isso é trágico” (p. 17). A visão externa de um templo, quer seja simples ou suntuoso, muitas vezes esconde uma quantidade enorme de cadáveres espirituais que deveriam gerar vida, mas eles mesmos estão mortos.

É difícil ao homem se submeter a autoridade divina. O próprio Jesus em visão disse a Paulo que para ele era “... duro recalcitrar contra os agulhões” (Atos 9:5. RC). Desta forma, entender porque Deus age de certas maneiras não é cabível ao homem. Uma das provas disso é aceitar que o Senhor entregou toda a humanidade nas mãos dos principados, exceto a Israel, povo que Ele escolheu como seu. Vejamos abaixo:

⁸Quando o Altíssimo separou os povos e deu a cada povo as suas terras, ele marcou as fronteiras das nações, dando a cada uma o seu próprio deus. ⁹Mas escolheu Israel para ser o seu povo; os descendentes de Jacó pertencem ao Senhor. (Dt. 32. NTLH)

O que Moisés está nos dizendo é que Deus separou a Israel para ser guardado por seus anjos. Aos demais povos restaram-lhes serem dominados por principados. Desta forma, podemos entender porque o mundo jaz do maligno, pois todo aquele que não fizer parte da família de Deus fará parte do grupo do adversário.

Isso parece absurdo. Será Deus injusto com os demais? Não, absolutamente. A vontade do Pai é que ninguém se perca.

No tempo da Lei, a promessa do Senhor era para a nação física de Israel. Não obstante, qualquer pessoa de outra nação que se aproximasse de Deus



seria aceita e participaria da promessa. A exemplo disso vemos a história de Raabe, a prostituta; e a moabita Rute. Ambas entraram na promessa e na genealogia humana de Jesus.

O plano perfeito de Deus não previa o pecado. Ao homem foi dado o domínio de toda a Terra, e Deus não retroage em seus princípios. Somos os únicos responsáveis por tudo o que acontece neste planeta. O Senhor não interferirá na Terra que Ele deu ao homem a menos que a igreja se posicione, conforme II Crônicas 7:14.

A partir da Graça, a promessa que era exclusiva da Nação Israel passou também para aqueles que reconhecessem Jesus como seu Senhor e Salvador, tornando-se Israel Espiritual. Vejamos o que Paulo fala sobre isso em Colossenses 2 (NTLH):

²⁰ Vocês morreram com Cristo e por isso estão livres dos espíritos maus que dominam o Universo [...].

Sendo assim, entendemos que a ordem dada aos anjos para guardar a nação de Israel estendeu-se até a igreja neo-testamentária. Aqueles que estão em Cristo não mais estão sujeitos às potestades e principados que dominam o planeta.

Aqui encontramos mais um dilema. Em Apocalipse, as cartas às igrejas estão dirigidas aos anjos daquelas instituições. Partamos do princípio que esses anjos são seres celestiais, e não os pastores como muitos pensam, pois em nenhum lugar na Bíblia o termo “anjo” foi utilizado para designar homens ou pastores. Desta forma, o anjo participa com a igreja da situação que ali está expressa. Itioka (2015) interpreta esses anjos não como pastores, mas sim seres angelicais que são responsáveis por cada uma das igrejas da Ásia Menor. Ela afirma que “podemos entender este conceito e admitir que existem anjos protetores para cada unidade da sociedade. Podemos nos referir, portanto, ao ‘anjo de uma igreja’ ou ao ‘anjo de uma cidade ou nação’ (p. 76).

Entende-se que cada igreja que se abre, Deus designa um anjo para guardá-la. Mas vemos que a última igreja, Laodicéia, Jesus disse que vomitaria a todos. A menos que a rebelião no céu ainda continue acontecendo (o que eu duvido), não consigo mensurar a ideia de Deus vomitar seu próprio anjo (Ap. 3: 16). O entendimento que tenho é que o anjo que o Senhor designou àquela igreja



estava estático, devido à falta de envolvimento da igreja. Sabemos que os anjos se movem a nosso favor de acordo a nossa oração, como foi o caso de Daniel, dentre outros. E o anjo que estava regendo aquele povo agora era uma das entidades das nações. Penso que cada igreja tenha o seu anjo designado por Deus, mas a forma como o povo se comporta determinará que esse mesmo anjo fique impossibilitado de atuar, e principados encontrem legalidade para agirem como se aquela instituição fosse sua.

Muitos profetas têm tido visões de espíritos nos púlpitos e nas naves das igrejas. O clima desse povo se enquadra no relatado em Apocalipse 3,16, morno, sem vida nem alegria. Não expressa a imagem de Cristo. A esse povo e a esse principado Jesus vomitará.

Essa é a sentença para quem se afasta dos propósitos do Senhor. A criatura torna-se semelhante a quem ela adora (Salmo 115:8).

Apropriemo-nos daquilo que nosso Deus nos dá. Ele nos chamou para fazermos parte de um povo seleta. Vejamos II Pedro (NTLH):

⁹Mas vocês são a raça escolhida, os sacerdotes do Rei, a nação completamente dedicada a Deus, o povo que pertence a ele. Vocês foram escolhidos para anunciar os atos poderosos de Deus, que os chamou da escuridão para a sua maravilhosa luz. ¹⁰Antes, vocês não eram o povo de Deus, mas agora são o seu povo; antes, não conheciam a misericórdia de Deus, mas agora já receberam a sua misericórdia.

Não pertencemos a este mundo. Estamos nele, mas não somos dele. Pensemos como Paulo em Filipenses 3 (NTLH):

¹³ [...] Porém uma coisa eu faço: esqueço aquilo que fica para trás e avanço para o que está na minha frente. ¹⁴Corro direto para a linha de chegada a fim de conseguir o prêmio da vitória.

Esse prêmio é a nova vida para a qual Deus me chamou por meio de Cristo Jesus.



Capítulo VIII

BRASIL, UM PAÍS BASTARDO

Você já se perguntou por que o Brasil é um país com tantos casos de roubos, adultérios, enganos, prostituição e tantos outros pecados? Será isso apenas coincidência ou consequência de uma grande nação, considerada laica, livre e aberta a todas as opções de gênero, raça e cor? Ou terá tudo isso uma conotação espiritual? Como reverter esta situação?

Primeiro, vamos analisar o que é uma bastardia. Bastardo significa, conforme o dicionário, aquele que foi gerado fora do matrimônio; que se degenerou; que não é puro. Na Bíblia, o termo bastardia também merece consideração. Em Hebreus 12, 8 o autor considera bastardo aquele que não aceita correção do Senhor. Em Deuteronômio 23, 2 há uma sentença que os bastardos não entrarão na congregação do Senhor, até a sua décima geração. Vemos aí a clara necessidade de se quebrar esta maldição, pois mesmo tendo pai conhecido e que conviva com a sua mãe, o (a) filho (a) que foi gerado fora do matrimônio leva sobre si este pecado e precisa ser anulado. Não obstante, vemos também que a bastardia é muito comum naquela família cuja mãe cria seu filho sem a presença do pai. Nestes casos, a autoridade feminina prevalece sobre a masculina. E onde a autoridade do lar recai sobre a mulher em detrimento ao marido, que é considerado o sacerdote do lar, abre-se legalidade para o espírito de Jezabel. Convém esclarecer que não estamos fazendo apologia ao machismo, mas à mulher foi dado por Deus o papel de adjutora, de submissão ao marido. Submissão não significa inferioridade, mas estar debaixo, conforme, a missão que foi designada ao marido, constituído sacerdote do lar.

Jezabel foi a esposa do rei Acabe de Israel. Ela era fenícia, e seu nome significa “baal exalta” ou “Baal é marido de” ou “impuro” (Wikipédia). Esse casamento tinha o objetivo de aliançar Israel com a Fenícia. Jezabel se intitulava profetiza, e era dominadora. O rei Acabe era subjugado por sua forma de dominar e cometeu várias atrocidades sobre a influência da sua esposa, que

podem ser vistas no livro de I Reis 16 a partir do versículo 29 até sua morte relatada em II Reis 9, 35.

Convém também salientar que esse espírito, apesar de levar um nome feminino, alcança a ambos os sexos, fazendo-os insubmissos às autoridades constituídas e desejando subjugar-las.

Esta visão de supremacia da autoridade feminina sobre o homem ganhou maiores proporções. O povo antigo elegeu uma mulher para ser coparticipante da autoridade divina, e nomeou-lhe de “Rainha do Céu”. Esta prática foi considerada abominável por Deus. Vemos em Jeremias 7, 18 e em Jeremias 44, 17-25 sentença divina contra essa atitude e a resistência do povo em querer continuar com tal adoração ou veneração.

O título “Rainha do Céu” foi outorgado a Ishtar, uma deusa assíria e babilônica também chamada de Astarote ou Astarte por vários outros grupos. Achava-se que ela era a esposa do falso deus Baal, também conhecido como Moloque. A motivação das mulheres em adorar Astarote decorre da sua reputação como uma deusa da fertilidade e, como ter filhos era algo muito desejado pelas mulheres da época, a adoração desta “rainha do céu” era excessiva entre as civilizações pagãs. Infelizmente, tornou-se popular entre os israelitas também. Não está claro onde se originou a ideia de que Astarote era uma “consorte” de Jeová, mas é fácil ver como a mistura do paganismo que exalta uma deusa com o culto do verdadeiro Rei do céu, o Senhor Jeová, pode levar à combinação de Deus e Astarote. E já que a adoração de Astarote envolvia a sexualidade (fertilidade, procriação, templo da prostituição), a relação resultante, para a mente depravada, seria naturalmente uma de natureza sexual. Claramente, a ideia da “rainha do céu” como a consorte ou amante do Rei dos céus é idólatra e antibíblica.

E o que o Brasil tem a ver com isso tudo? Qual é realmente a intenção deste artigo?

Nosso país foi considerado descoberto no ano de 1500, como é de conhecimento público. O grupo enviado para colonizar o povo local era a escória de Portugal. Desde o nascimento desta nação houve prostituição, roubo,



mentiras, mortes e idolatria, dentre outros pecados que poderemos listar. Ao Brasil foi negado o direito de reconhecer Deus como seu pai. Ao contrário, constituiu-se a uma mulher o domínio do país. A ela foi dado o título de “Rainha do Céu”, e até hoje a adoram sob a alegação de venerarem. Não é veneração, pois o que se faz é muito maior do que apenas respeito. É dada a essa senhora poder semelhante ou superior ao de Cristo, colocando-a como participante das decisões divinas, inclusive o poder de perdoar pecado e salvar almas. O escritor Ariano Suassuna, em sua obra “O alto da Compadecida” demonstra bem essa ideia, onde Maria é superior a Cristo na hora de salvar do inferno aqueles personagens.

Vemos que essa atitude deixa Deus indignado. Lúcifer, que a princípio era um anjo de luz, encarregado do louvor no céu, foi expulso e tornou-se satanás após querer ser igual a Deus, conforme podemos ver em Isaías 14, 12 – 14 e em Ezequiel 28, 14 – 19.

Então, podemos inferir que o nosso país não tem a fama e tampouco comete tais pecados por acaso. Desde o início a esta nação foi imposta a condição de subserviência aos espíritos demoníacos que trouxeram e ainda trazem ao nosso povo as consequências dos seus atos, como a prostituição, morte, roubo, traição... Aceitamos a bastardia, nos acostumamos com o espírito de Jezabel e nos conformamos com o “domínio” da Rainha do Céu.

Onde a igreja entra nisso? Qual nosso papel neste assunto?

Creio ser nosso papel não se calar ante as todas as atrocidades que nosso povo vem passando. Devemos clamar ao céu pedindo ao Senhor que faça juízo na nação, extirpando do nosso meio todo fruto do pecado, eliminando o tráfico de todos os tipos, a prostituição, o roubo, a morte, a injustiça, dentre tantas outras coisas mais. Não obstante, não vejo ser papel da igreja se levantar contra os governantes, independente da sua esfera, pois a Bíblia nos orienta a honrarmos nossos líderes ainda que eles não sejam tementes a Deus nem justos nas suas ações. Vemos essas orientações em Romanos 13, Colossenses 3, 22 – 25, Efésios 6, 5 – 7, I Timóteo 6, 1 – 2, Tito 2, 9 – 10, I Pedro 2, 18 – 19.



Penso que a Igreja de Cristo está perdendo o seu foco quando se reúne para execrar os governantes, chamando-os de ladrão, de bicho louco que deveria ter sido morto no passado, aclamando a congregação a orar por sua destituição e prisão. Entendo que por pior que seja a atitude deste governante ou legislador, devemos orar ao Senhor para que mude seu coração e atitudes, abrindo seus olhos para enxergar o mal que vem cometendo, abençoando-o para que seus passos sejam dirigidos por Deus. Se ainda assim não houver correção, caberá ao Senhor o julgamento e a sentença. Nós, enquanto igreja de Cristo, temos muitas vezes a oportunidade de elegermos pessoas que conhecem o evangelho e são tementes a ele, mas nos acovardamos ou nos omitimos por medo de “perder” nosso voto. E agora, após eleitos, envidamos nossos esforços em querer tirá-los ao invés de buscarmos ao Senhor para mudar a situação.

Não sou partidário, sou defensor da Palavra de Deus, e não aprendi nesses anos de evangelho a desonrar o líder, seja ele quem for ou o que fizer. Se não fomos nós os responsáveis pelo Brasil estar na situação em que se encontra, somos responsáveis por ele se manter assim, por desfocarmos nossas ações, nos acovardarmos de protestar contra o pecado, atacando mais o pecador do que suas atitudes.

Convido a igreja, independente de placa ou lugar, a reconhecer o pecado corporativo da nação e pedirmos juntos perdão a Deus pelos erros que nosso povo, governante ou não, vem cometendo ao longo dos anos, trazendo tragédia, morte, fome, dor, prostituição e toda sorte de impureza moral e espiritual à nossa nação.

Que o Senhor nos abençoe e oriente nossas ações.

EPÍLOGO

Se nós quisermos, sempre haverá espaço para crescermos na igreja.

O povo de Israel, sob a liderança do Rei Acabe, estava adorando aos deuses da chuva e da agricultura. A ausência da chuva traria miséria a um povo agrícola. Pregar essa mensagem poderia lhe causar a morte.

Estamos com medo de pregar a verdade?

Devemos ter discernimento do tempo de Deus para levarmos cada palavra que Ele nos dá. Se não obedecermos a ordem atual dificilmente Ele nos dará uma nova orientação até cumprirmos a anterior.

Deus não nos mostra o nosso futuro porque ele quer que confiemos n'Ele.

A igreja que Deus deu para Elias iniciar seu ministério tinha 02 pessoas: a viúva e seu filho. O Senhor nos dará rebanho maior quando amadurecermos na fé. Isso é um processo, e não um instante.

O fato de um pastor ter um ministério pequeno não quer dizer que ele é fraco, mas que Deus o está preparando para algo maior, se ele der espaço.

Deus não é o nosso servo, como Ele não era de Elias. Nem sempre Ele dá o que pedimos.

Elias teve que orar várias vezes para a chuva cair e para ressuscitar o menino. O que teria acontecido se ele desistisse de orar por não estar vendo resultado?

Com quem ou com o que nos parecemos? A II Carta de Pedro 2:19 fala que “[...] de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo”. O Salmista declara que somos semelhantes àquilo do que nos tornamos servos (Salmo 115:8).

O ser humano é composto de Corpo, Espírito e Alma. Nesta última, ficam as nossas emoções, nossas motivações. Salomão nos alertou de que somos

conforme pensamos em nossa alma (Provérbios 23:7). Conforme Tiago, os pecados que cometemos surgem em nossas mentes (Tiago 1:15), e quando os realizamos muitas vezes nem nos damos conta porque ele aconteceu (Miquéias 2:1).

Damos muito mais importância às coisas ruins que nos acontecem, do que com as boas que ocorrem com muito mais frequência. Nossa vida é guiada por aquilo que acreditamos, e o tipo de pessoas com quem mantemos comunhão influenciam muito em nossas decisões (I Coríntios 15:33).

Se é certo afirmar que não teremos uma segunda chance de causarmos uma primeira boa impressão, também é fato dizer que a alma carrega marcas que poderão determinar nossa história. Nós escrevemos o nosso legado, e se a nossa alma estiver presa em algo do passado nunca poderemos avançar para o futuro.

Apesar de várias qualidades que o Apóstolo Tomé tinha, seu nome ficou marcado por um único evento que lhe deu o estigma de incrédulo. Quando se fala do seu nome, até hoje o rotulam como algo pejorativo, sem nem sequer se preocuparem com as suas qualidades, a exemplo do brilhante trabalho missionário desenvolvido por ele na África.

Quantas vezes temos os nossos sonhos roubados por uma frustração que nos fere a alma? Se deixarmos a melancolia nos dominar, seremos “gêmeos” de coisas ruins que nos levam à depressão e ao desânimo. A nossa mente tem que ser constantemente renovada (Romanos 12:1), de modo que se cumpra em nós as palavras de Paulo, fazendo-nos dídimos das coisas que nos faça superar as adversidades:

⁸ Por último, meus irmãos, encham a mente de vocês com tudo o que é bom e merece elogios, isto é, tudo o que é verdadeiro, digno, correto, puro, agradável e decente. (Filipenses 4).

Enchemos nossa alma com o que? De coisas puras ou impuras? Quem ou o quê ministra sobre nós? Nossa alma tem que estar protegida de tudo o que



não edifica (Efésios 6:17). Os pastores antigos de Israel sabiam que insetos tinham por hábito buscar fazer morada nos ouvidos e narinas das ovelhas, colocando ali a sua cera. Desta forma, o rebanho não conseguia ouvir a voz e nem sentir o cheiro do seu pastor, desviando-se do caminho. Para evitar isso, os pastores as ungiam com óleo, pois seu cheiro espantava as vespas, deixando o rebanho protegido. Devemos ungir nossa mente com o óleo do Espírito Santo para que palavras de maldição e desânimo não cheguem à nossa alma.

Se andarmos e dermos crédito à pessoas que não tem sua visão fixada na Palavra (Salmo 1:1), corremos sério risco de nos afeiçoarmos coma incredulidade, que é uma arma poderosa na mão de Satanás. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hebreus 11:6), e a ausência dela pode nos estigmatizar da mesma forma como ocorreu com Tomé.

Quando duvidamos, damos lugar ao questionamento infundado. Se não acreditamos em nosso potencial conseguimos mesmo estando vivo matar a nossa alma. Ela não funcionará da forma como deveria. Esse tipo de questionamento põe em risco uma conquista e uma promessa. Jó questionou a Deus, e mesmo sendo um homem justo teve como resposta do Senhor:

⁸ Será que você está querendo provar que sou injusto, que eu sou culpado, e você é inocente?
(Jó 40).

A crítica pela crítica traz o engano às nossas vidas, cujo final só causará desmoronamento (Provérbios 14:12). Um terço dos anjos foi precipitado à Terra por terem sido enganados por Lúcifer (Apocalipse 12:4; Isaías 14:12-14), e depois, sob o mesmo engano tentaram alcançar Deus (Gênesis 11:4).

A língua humana pode trazer vida ou morte a alma (Tiago 3). Tão ruim quanto ferir alguém com nossas palavras é trata-la com desprezo. Quanto mais próxima e amada for essa pessoa, maior será o dano causado.

Quando nos propomos a sermos “gêmeos” das coisas puras, nossa alma estará aberta para o quebrantamento que nos proporcionará cura e transformação. Ao nos quebrantarmos colocamo-nos na posição de entrar nos



propósitos divinos, o que faz o céu se mover para que a Palavra de Deus se cumpra em nossa vida. Deus rege o mundo por Seus propósitos, e Ele não se desvia deles por amor a ninguém. O nosso quebrantamento não move o coração de Deus; move-nos para debaixo da Sua mão sob a qual as promessas d'Ele se cumprem.

Ao fitarmos nossos olhos naquilo que é divino, abrimos mão das amarras do passado e avançamos para o futuro que Deus preparou para nós (Filipenses 3:13-14). Os planos do Senhor são perfeitos para nós (Isaías 1:19; Jeremias 29:11).

Quando reconhecemos a Soberania de Deus confessamos os nossos pecados e mudamos a rota da nossa vida. Decidirmos ser dídimos daquilo que edifica é o caminho para nos assemelharmos a Jesus.

CONCLUSÃO

O que dizer a mais sobre Missão? Tenho visto que a pequena importância que se dá a este tema se dá por desconhecimento ou por interpretações equivocadas. O papel da Igreja é cumprir aquilo que está no coração de Deus.

Como podemos mudar o mundo se não mudamos a nós mesmos? A Bíblia fala que “onde está o nosso tesouro aí estará o nosso coração” (Mateus 6:21). Se não acreditarmos na Missão, e no seu papel transformador, nada faremos para mudar a situação da humanidade. É o efeito letal do Iluminismo: a egolatria. Não é preciso se preocupar com o próximo, uma vez que está tudo bem comigo e com os meus próximos.

Fazer Missões é obedecer à vontade divina. Contribuir financeiramente faz parte do processo, mas vai muito além disso. É necessário uma *metanóia*, uma mudança de postura (Romanos 12:1-2).

Missões pode ser feito dentro da sua casa, com seu vizinho, no seu trabalho, na sua cidade.... Não é algo que só pode ser realizado no sertão ou no exterior. Assim como a adoração, missões é um cotidiano na vida daquele que prioriza a Deus em sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**. Estudos culturais sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016. 448 p.

Bíblia de Referência Thompson. Edição Revista e Corrigida de Almeida (ECA). Ed. Vida. S. Paulo: 1999.

BOLENDER, Merril. **Quando a cruz se transformou em espada**. Origem e consequências da Teologia da substituição. São Paulo: AMAR, 2015. 3ª ed. 98 p.

BONNKE, Reinhard. **Evangelismo por Fogo**. Acendendo a sua paixão pelo perdido. Curitiba, PR: CFAN, 2005. 314 p.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**. Mudanças de paradigma na teologia da Missão. Editora Sinodal, Rio Grande do Sul: 2002.

CARRIKER, Timóteo. **Teologia Bíblica da criação**. Passado, Presente e Futuro. Viçosa, MG: Ultimato, 2014. 33 p.

CPO BRASIL. **CURSO DE CAPELANIA HOSPITALAR**. Disponível em: www.cpobrasil.com.br. Acesso em 29 nov. 2016, 21:05:10.

EMERICH, Alcione. **Físico, Psicológico ou Espiritual**. Qual a origem do seu problema? Paraná: JOCUM, 2013. 224 p.

_____. **Família doente, filho ferido**. Seu passado pode ser curado por Deus. Paraná: Jocum, 2013b, 176 p.

_____. **Saindo do cativeiro**. Como ajudar pessoas a se libertarem de alianças do passado. Paraná: JOCUM, 2013c. 288 p.

FEE, Gordon e STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**. Ed. Vida Nova. S. Paulo: 2013. 527 p.

FERREIRA (a), Sérgio. **Capelania Escolar**. Despertando a igreja para a missão de Capelania Escolar. São Paulo: RTM, 2012. 96 p.

_____. **Pedagogia da Cadeira**. São Paulo: RTM, 2010. 117 p.

FERREIRA (b), Franklin. **A igreja Cristã na História**. Das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida Nova, 2013. 315 p.



GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW Craig G. **Introdução à cosmovisão Cristã**. Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016. 272 p.

HOUSE, H. Wayne, *et. al.* **O novo comentário bíblico**. Novo Testamento. Ed. Central Gospel. Rio de Janeiro: 2010. 843 p.

ITIOKA, Neuza. **A noiva restaurada**. São Paulo: AMAR, 2015. 5ª ed. 239 p.

KELLER, Timothy. **Ministérios de misericórdia**. O chamado para a estrada de Jericó. São Paulo: Vida Nova, 2016a. 272 p.

_____. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. São Paulo: Vida Nova, 2016b. 352 p.

JONES, D. Martin Lloyd. **O combate cristão**. Exposição sobre Efésios 6: 10-13. São Paulo: PES, 1991. 334 p.

Lahaye, Tim. **Temperamento controlado pelo Espírito**. São Paulo: Loyola, 1979, 6ª edição. 187 p.

LIARDON, Roberts. **Generais de Deus**. Os reformadores estrondosos. Belo Horizonte, MG: Bello Publicações, 2016. 392 p.

McCONNELL, Mez; McKINLEY, Mike. **Igreja em lugares difíceis**. Como a igreja local traz vida ao pobre e necessitado. São José dos Campos, SP: Fiel, 2016. 237 p.

MUNROE, Myles. **Redescobrimo o Reino**. Uma antiga esperança para nosso mundo do século 21. São Paulo: Reino Editorial, 2010. 3ª ed. 232 p.

NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho em uma sociedade pluralista**. Viçosa, MG: Ultimato, 2016. 315 p.

REJANE, Wilma. **Raquel e os ídolos roubados**. Internet:2018. Disponível em: <http://www.atendanarocha.com/2012/10/raquel-e-os-idolos-roubados.html>. Acesso em 16 jul. 2018. 12:28:15.

RIBEIRO, Antonino Pinho. **Capelania Hospitalar**. A misericórdia em ação. São Paulo: Imprensa da Fé, 2016. P. 66

_____. **Há Graça no sofrimento?** Cuidando da alma e do corpo ferido. São Paulo: Imprensa da Fé, 2015. 8ª ed. 121 p.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**. O caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012. 159 p.

STEDMAN, Ray. **Batalha Espiritual**. São Paulo: Abba Press, 172 p.

SWARTLEY, Keith E. **Descobrendo o mundo do Islã**. Curitiba, PR: Esperança, 2013. 574 p.

TERRA NOVA, Renê. **A trama de Leviatã**. Uma denúncia necessária. São Paulo: Semente de Vida Brasil, 2008. 203 p.

_____. **A gênese da Honra**. 1ª ed., Semente de Vida Brasil, SP, 2010. 222 p.
Bíblia de Estudo Vida. ARA. 2ª edição. 1999.

TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da Terra**. Uma história biográfica. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. 622 p.

Universidade da Bíblia. **O que é Capelania?** Internet:2012. Disponível em:
<<http://www.universidadedabiblia.com.br/oqueecapelania/>>. Acesso em 29 nov. 2016. 21:50:25.

WARREN, Rick. **Uma igreja com propósitos**. São Paulo: Vida, 2008. 355 p.

_____. **Uma vida com propósitos**. Para que estou na Terra? São Paulo: Vida, 2013. 5ª reimp. 399 p.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p.

_____. **A missão do povo de Deus**. Uma Teologia Bíblica da missão da Igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012. 352 p.

ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da Teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.